

SERÖES



April 1957

№ 22

Summario

MAGAZINE

Pag.

FELIZ DESCOBERTA

Quadro de M. Stocks FRONTISPICIO

A MOURARIA

(20 *illustrações e 2 vinhetas*) por VICTOR RIBEIRO 251

CHRYSANTHEMOS

(7 *illustrações e 2 vinhetas*) por W. DE MORAES 263

REBELLO DA SILVA

(9 *illustrações, 1 vinheta e 4 autographos*) por JOSÉ LOBO D'AVILA LIMA. 270

DE POLO A POLO

(2 *illustrações e 1 vinheta*) por JORGE GRIFFITH 281

A INQUISIÇÃO — O Padre Antonio Vieira julgado por ella

(8 *illustrações e 1 vinheta*) por ANTONIO BALÃO 289

A LENDA DO CANZARRÃO

(2 *illustrações e 2 vinhetas*) por CONAIN DOYLE *versão de* MANOEL DE MACEDO 302

OS SERÕES DOS BÉBÉS — A MAÇÃ

(4 *illustrações*) 314

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES

Simulando uma malhada — Photographia do sr. GOMES PINTO, Porto . 317

ACTUALIDADES

(24 *illustrações e 1 vinheta*) .. 318

OS SERÕES DAS SENHORAS (24 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS	pag. 153	PELOS ALTOS.....	pag. 165
FIGURINOS E CHAPEUS..	» 156	CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 166
A NOSSA FOLHA DE MOLDES.....	» 160	NOTAS DE DONA DE CASA.....	» 168
LAVORES FEMININOS	» 161		

A MUSICA DOS SERÕES

GAVOTA

Musica de J. SEBASTIÃO BACH, illustração de BOUCHER 4 paginas

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno	2\$200	Anno (12 numeroe)	Anno (12 numeros)
Semes're.....	1\$200	Moeda fraca.....	12\$000
Trimestre.....	600	Frs.....	15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

PHONOGRAPHS
E
CILINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW YORK
BERLIM
E
PARIS



REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ

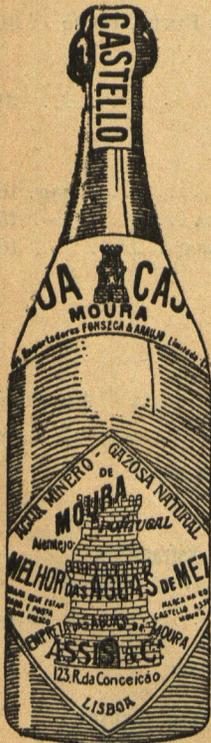
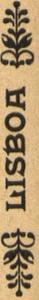
RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARA e RIO GRANDE DO SUL



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO
Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.
LISBOA

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Raul Brandão

A FARÇA

NOVELLA DRAMATICA

1 vol. br..... 600

Conego Anaquim

O genio portuguez**aos pés de Maria**

1 vol..... 600

Luiz Guimarães, F.º

Pedras preciosas

VERSOS

1 vol. ed. de luxo... 1\$000

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southam-pton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesaroso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138

LISBOA

**A NACIONAL**Companhia Portugueza de Seguros
sobre a vida humana

CAPITAL 200.000\$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as cathogorias a premios se-
manaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a pre-
mios semanaes desde 20 réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA



PASTA DENTIFRICA
— HYGIENICA —
Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
RUA DA PRATA, 115 e 117
Unica que branqueia os dentes, desinfecta
a bocca e fortifica as gengivas
Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs. **A**

GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

— — —

54, Praça dos Restauradores, 56

— LISBOA —

EPILEPSIA!!!

E'com a mais completa franqueza,
com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epi-
lepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

Chamamos a attenção para as condições de assignatura, que inserimos a seguir ao summario d'este numero.

CAXAMBU

AGUA DE MESA



Emmeryho 37

VINHOGELHO DO PORTO



MOUSINHO
D'ALBUQUERQUE

O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a autorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de lembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar enquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

SANTOS REIS

Medico-cirurgião

Affecções pulmonares, partos e clinica geral

Consultas das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite

Chamada a qualquer hora, dia ou noite

RUA AUGUSTA, 166, 1.º

* * * **A VIDA SEXUAL** * * *

PELO

DOCTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os orgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a monopausa. O instinto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introducção Neuroses sexuaes. Heterossexualidade morbida. Homossexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados.

1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS Pelo correio, franco de porte

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.ª — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

ARTIGUIL
FOR THE HAIR



DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A Queda,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons es-
tabelecimentos de Por-
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMAO
R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA

900 RÉIS

*Obras primas***D. Quichote de la Mancha**

Edição ilustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L.ª

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

Contos das Creanças—por D. Maria P. Figueirinhas—Porto, 1907—A auctora, já lisongeiramente conhecida n'este difficil ramo de litteratura infantil, continua a manter os seus bons creditos n'este novo volume, bastante illustrado.

A Vinha Portugueza—*Revista mensal de Viticultura e de Agricultura Geral*—n.º 2—Summario:—Chronica e Noticias—F. d'Almeida e Brito—Que trabalho produz um alambique por dia? (resposta a uma consulta)—A Fassio—Adaptação e Afinidade—A. e B.—Vinificação—A. L. H. (continuação)—Adução das Arvores Fructíferas—H. Harald Hume—Noticias officiaes—Consultas—Gravura—Alambique montado em carro de ferro, «De-roit, Fils».

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza—Vol. IX—n.º 1—Summario—Questão das Carnes—Relatorio da gerencia de 1906—Parecer da Commissão Revisora de contas.

Nova Aurora—n.º 1.—Rio de Janeiro—Brazil—*Revista mensal de critica social, sciencia, philosophia, litteratura evolucionaria e humanista*—Summario:—Nova Aurora—O Homem na natureza, por Aristides d'Avila—A Mulher por D. Maria de Oliveira—O poder da vontade por Marcos d'Heronville—Visão de hoje por Uhrick Kauffmann—Liberdade por Joel de Oliveira—Discurso pelo Dr. Frederico Lisboa—Resultados Economicos por Anselmo Lourenço—A doutrina socialista e o humanismo por J.—Que é ser socialista? por George Renard—Varias publicações; Notas, Avisos, etc.

Renascença—*Revista mensal de lettras, sciencias e artes*—Anno IV—Fevereiro de 1907—n.º 36—Rio de Janeiro—Summario:—Eugenio Bevilacqua—João de Barro por Maxico—Antonio Salles por Max Stirner—Elysio de Carvalho, *A avicultura no Brazil*, Wilcox—A Estrella do Pastor por Max Gomes—Avê Maria por A. Pinto da Rocha—A Sessão do Instituto por Rodrigo Octavio—Lição de Inglez por Verediano Carvalho—Na hora da prece por Arthur de Salles—O Cavallo do heroe por Fernando Caldas—Flauta no ermo por Gualdiano de Castro—Tarde de batalha por Al-

varo Reis—A montanha da lua, por Durval de Moraes—Dr. Farias Brito por Rocha Pombo—A terra do Espinhaço por Orville A. Derby—Chronica musical.

Bulletin de la Société Générale d'Education et d'enseignement—Março de 1907—Summario do n.º 3—Communications de La Société—Les devoir des catholiques vis-à-vis des ecoles sans Dieu—La suppression du Baccalauréat—Chronique des comités et des œuvres d'enseignement chrétien—Revue des Bulletins d'enseignement chrétien—Mélanges et notes—Laïcisation Cantonal—Bulletin Judiciaire.

The Teikoku Gaho—Revista japoneza.

Portuguezes illustres, por Bruno—Porto, 1907—Tomo 1—Mais um livro, devido ao incansavel e erudito escriptor, um dos mais eminentes entre os modernos pensadores portuguezes. Notas interessantissimas sobre filhos notaveis do Porto, desde o Magriço e o infante D. Henrique até Gonzaga e Almeida Garrett.

O Marquez de Niza, por Eduardo de Noronha—Porto 1907—Narrativa historica, vigorosamente romantizada pelo nosso eminente collaborador, repleta de episodios dramaticos, arrancados com mão de mestre á historia da gigantesca lucta travada entre a França da Revolução e o poder naval da Inglaterra.

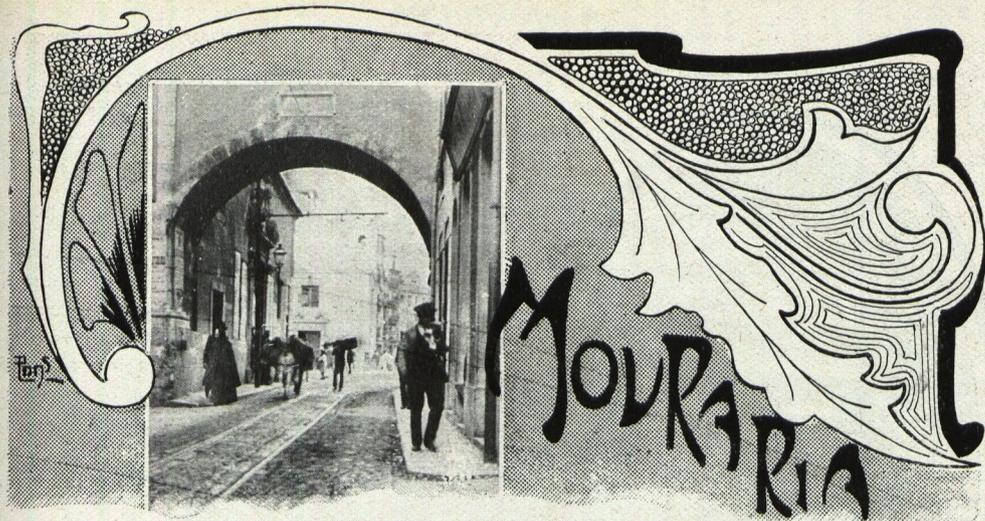
A guerra Russo-Japoneza—por F. Sá Chaves—Lisboa, 1907—A competencia do auctor, especialmente versado em assumptos militares, garante o interesse do livro. E' o conjuncto de conferencias feitas na escola de cavallaria, sobre o papel representado por esta arma na campanha do Extremo Oriente.

Tentações de S. Frei Gil, por Antonio Corrêa de Oliveira—Lisboa, 1907—Edição artistica de um admiravel poema todo impregnado d'aquella doce philosophia prutheista que caracteriza o poeta, cantando a ideia divina nas suas manifestações supremas: a Belleza e a Bondade, encaminhando a humanidade pelo unico caminho susceptivel de a aproximar do ceu: O do amor. Uma obra prima de sentimento e de forma.

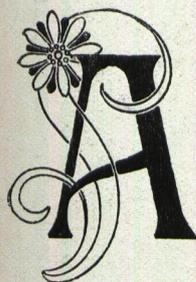


Feliz descoberta!

QUADRO DE M. STOCKS



ARCO DO MARQUEZ DE ALEGRETE



Após a conquista da cidade em 1147, o rei christão, tolerante e benevolo, permittiu que o mouro vencido se agrupasse na sua *communa* ou *arravalde*, isolado dos fieis da cruz, constituindo no valle profundo que fica no sopé dos montes orientaes, a sua *mouraria*, identica ás muitas que persistiram nos principaes povoados do sul do paiz.

Alli junto ao fertil e resoso valle, outr'ora banhado por um esteiro do Tejo, e depois sulcado pelo *rego* ou *regueirão*, citado já em documentos do tempo de Affonso II, se extendia, tornando em pittoresco amphitheatro pelas encostas, a *communa* dos mouros, cerrada com muralhas e cadeias, como as judiarias.

Por tres portas se abria o contacto, regulamentado severamente, d'esta população laboriosa de infieis, com os christãos da cidade. Não cahia sobre elles tão duro e rancoroso desprezo, como o que perseguia os judeus; mas obedeciam a preceitos que as leis do reino inflexivelmente determinavam, nas suas relações com os fieis. Se de tempo a tempo, a convivencia tendia a abrandar estes rigores, os odios ferozes do fanatismo reclamavam, rogando aos soberanos a execução das leis. Assim D. Pedro I, attendendo aos pedidos da intolerancia, ordenou que as *raças infectas* vivessem apartadas para evitar *desordenadas cousas* que aos christãos causariam *escandalo* e *nojo*.

De trechos esparços pelos volumes da sempre citada *Lisboa antiga* do sr. Julio de Castilho, e dos estudos documentaes sobre a *Mouraria* do sr. Pedro de Azevedo, e sobre mouros e suas industrias do sr. dr. Sousa Viterbo, respigaremos as curiosas noticias com que vamos bordando este ligeiro artigo de mera vulgarização.

A despeito das invejas os mouros e judeus, activos e intelligentes, faziam das suas *communas* magnificos bairros; a *Mouraria* tinha seu *alcaide* como a Judiaria o *rabbi*; o arrabalde mourisco gosava de autonomia religiosa e civil, devendo obediencia apenas ao rei de Portugal. De resto, mantinham dentro de seus muros todas as auctoridades civis; tinham a sua mesquita, a sua cadeia, o seu açougue, o curral, a arrecadação dos tributos, a escola, as casas de banhos, as officinas de diversas industrias, e os *almocavares* ou cemiterios.

Mandavam as ordenações de D. Affonso V acerca das *mourarias*: — guardem seus *alcaldes*, seus usos e costumes; cêrrem-se as suas portas ao sino da oração; tragam determinados trajos, e não poderão os mouros entrar em casa de mulher christã ou ter a seu serviço pessoas da fé de Christo; terão seus tabeliães e sacerdotes.

O mouro — que na linguagem do povo ficou sendo o symbolo da actividade e do trabalho — como o dizem os proloquios tão usuaes — *aquillo é um mouro* ou *anda sempre a mourear*, mostrou logo a sua aptidão de cultivador,

PORTAL DO PALACIO ALEGRETE



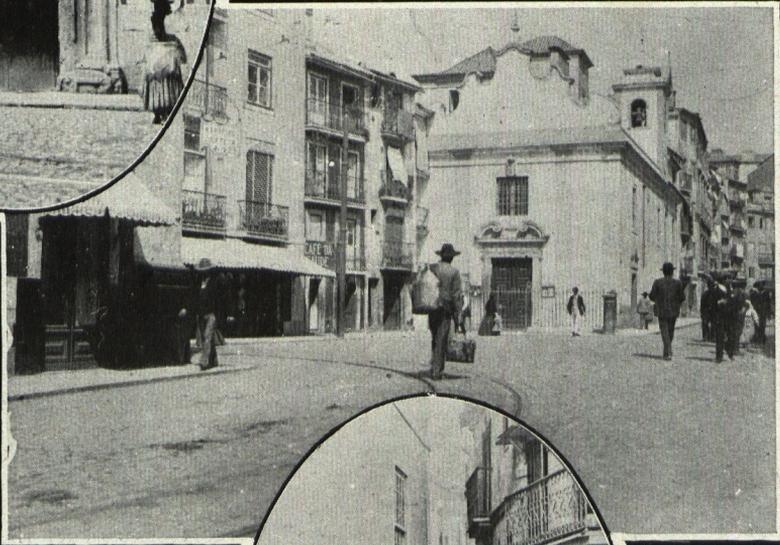
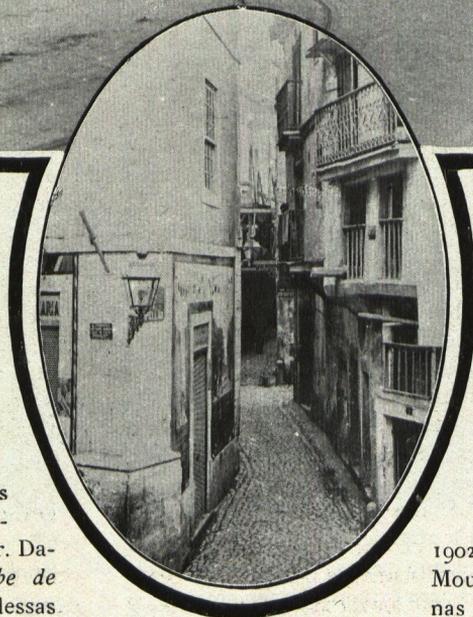
perpetuando a tradição agrícola ensinada pelo arabe.

Aproveitando a fertilidade do valle, irrigado de fontes e nascentes, o mouro cobriu-o de *almoynhas* ou hortas, com suas *norás* e *alcatruzes*, de onde se abastecia a cidade, e irradiou mais tarde pelos suburbios, agricultando os *reguengos*, que se extendiam desde o coração da capital até Oeiras e até Sacavem, deixando como descendentes directos os *salaios* actuaes das cercanias.

Aos nomes das localidades e dos sitios da cidade vincularam-se origens arabicas; esboçou o nosso douto arabista sr. David Lopes, na sua *Toponymia arabe de Portugal*, a indicação de algumas dessas curiosas origens. Assim a *Alfama*, de que

tratei em anterior artigo nesta revista, e da qual tem sido apresentadas diversas erroneas etymologias, significa — *fonte thermica*, derivando depois o nome do bairro das suas famosas *alcaçarias*.

O vocabulario da nossa lingua conserva igualmente num grande numero de palavras a immediata denuncia da origem moura de muitas das nossas mais interessantes e typicas industrias. O termo *algibebe* lembra-nos o alfaiate mouro; o *azulejo* indica a origem da ceramica popular; a *aldrava* e o *alfageme* lembram-nos os serralheiros e armeiros; a *alcatifa* traz-nos o indicio da muita aperfeiçoada industria dos *tapeceiros*. Segundo o mostrou

ERMIDA
E LARGO DA SAUDE

ENTRADA DA RUA DO CAPELLÃO

largamente o sr. dr. Sousa Viterbo, no seu estudo documental sobre *tapeceiros mouros* (*Instituto*, 1902), havia na Mouraria officinas ou teares mouriscos, com

caracter educativo, verdadeiras escolas industriais, protegidas e privilegiadas pelos soberanos (pelo menos desde D. João I), onde se fabricavam aquellos soberbos *pannos de armar*, com que se decoravam os paços dos reis e dos grandes.

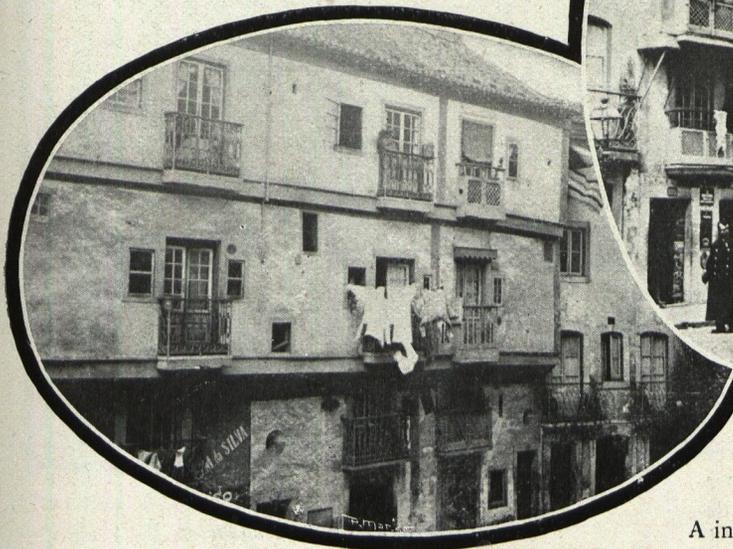
A par dos tapeceiros havia os *esteiros*, industria tão nossa, que só ha uns vinte para trinta annos deixou de florescer em Lisboa como ainda hoje persiste no Algarve.

Das *olarias*, que abundavam no sitio, filiadas na existencia de argilas aproveitaveis, permaneceu a memoria afamada no nome da rua e do largo. Alli, na Mouraria, nasceu portanto a

Falando desta olaria popular, diz-nos o sr. Julio de Castilho: — «o pucarinho a rechinar como frigideira ao contacto da agua, o *rouxinol*, assobio lyrico pastoril das estrelladas noites do Santo Antonio e S. João na praça da Figueira; o *muringue* tão saboreado e serviçal nos serões torridos de agosto; a *bilha* ou *quarta* caseira; o *alcatruz* todo arabe da nora; o modesto *vaso*, de forma prehistorica, do manjaricão e da saudade; a *telha mourisca* dos telhados nacionaes; em summa todas as variadas formas a que se adapta o barro, graças ao *genio* do pobre oleiro, tudo



ERMIDA E LARGO DAS OLARIAS



CASAS DE ANTIGA CONSTRUÇÃO NA RUA DO BEMFORMOSO

curiosa ceramica lisbonense, meio christã, meio arabe, a que já com louvor se referia em 1584 o P.^o Duarte Sande, na sua descripção de Lisboa.

citados em muitos documentos do seculo XVI; lagares de azeite que pertenciam ao Hospital Real, a quem os soberanos doaram, como ve-

isso tem as suas cronicas, as suas historietas, as suas illustrações».

A industria não morreu; tem a sua ultima descendencia na modesta louçaria do Intendente.

Mais adiante eram os *lagares*, citados em muitos documentos do seculo XVI; lagares de azeite que pertenciam ao Hospital Real, a quem os soberanos doaram, como ve-

remos, as terras do antigo arrabalde dos mouros.

Tambem eram os mouros bons mestres de cantaria (*Sousa Viterbo*), e por isso talvez,

ção supersticiosa e implacavel aos mouros e judeus do reino, as communas mouriscas e as judiarias extinguiram-se; os seus habitadores foram expulsos ou coagidos a adoptar a fé christã.

Para além das Olarias, havia desde o tempo da conquista o *almocavar* ou cemiterio, de que nos fala o chronista Osberno. Doou o rei em 1501 todos esses terrenos ao Hospital Real, sua instituição predilecta, com todos os bens das *communas* dos judeus e mouros, declarando porem que era vontade sua que aquella jazida dos infieis fosse destinada a *pascigo de gados*.



O GASPARD DA VIOLA

Desenho de Manoel de Macedo

D. Affonso Henriques em seu testamento ordenava que os mouros captivos de Santarem e de Lisboa, os mandassem trabalhar nas obras da Sé, e depois nas de Santa Cruz de Coimbra, para onde já tinha ido o seu mouro carpinteiro (*Historia genealogica*).

Quando a fanatica rainha D. Isabel, filha dos reis catholicos, impoz a D. Manoel, como condição formal do seu consorcio, a persegui-



OS FADISTAS

Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro

Não obstante, por aquellas vertentes, que iam até abaixo do adro da Graça e até á rua da Bombarda, romperam-se ruas e aforaram-se terrenos. A pedraria das campas foi infelizmente mettida nas enxilharias do Hospital

Real, e deste modo destruidos monumentos epigraphicos, que tanto nos diriam da Mouraria de Lisboa, de cuja vida intellectual não perduraram noticias directas. É presumivel porem que tivessem apurada illustração; alguns documentos artisticos e industriaes (de ourivesaria, de esculptura em marfim e de gravura em pedras finas) nos revelam a sua cultura litteraria pelos dizeres que elles insculpiam nesses artefactos saídos das suas officinas. Assim o nota com o seu superior criterio o sr. dr. Sousa Viterbo no estudo precioso sobre *Arabistas e Interpretes*.

Nas mourarias, observa o erudito arabista sr. David Lopes (*Textos de Aljamia*), conservava-se uma linguagem carateristica que Gil Vicente reproduziu no auto *Côrtes de Jupiter*. A litteratura mourisca extinguiu-se, porém, com a morte politica daquelle povo, e do notavel movimento litterario que haviam manifestado antes da conquista christã nada perdurou. Quebrou-se, irremissivelmente, a tradição litteraria dos mouros,

Nem sequer a lingua arabica, que tantos subsidios e heranças sub-ministrou á nossa, teve o mesmo culto que a hebraica, que chegou a ser ensinada na Universidade.

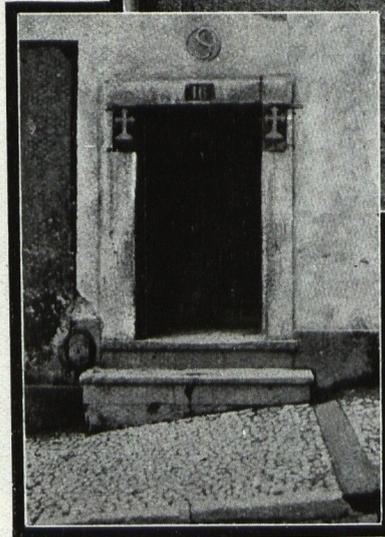
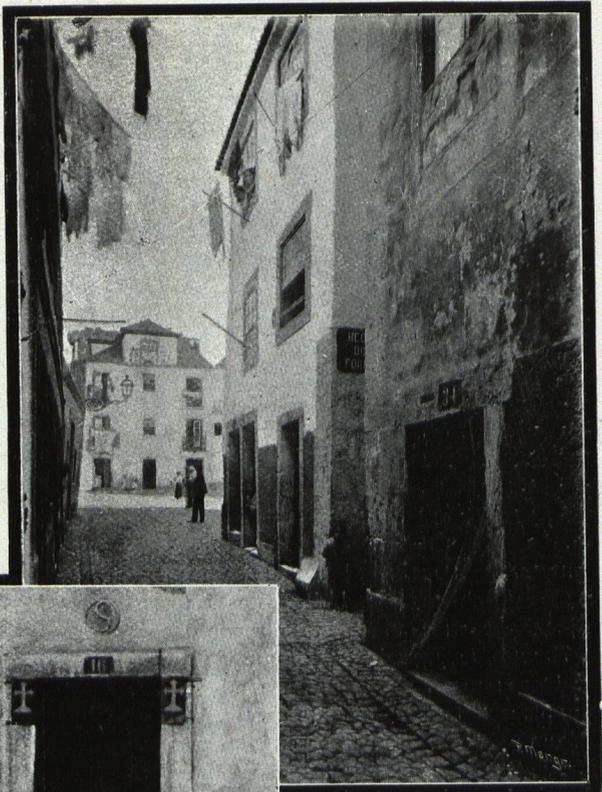
*

* * *

Ao periodo remoto da mourisma, consumado o exôdo, succedem-se as tradições religiosas da população christã, que invadiu o arrabalde, enchendo-o de templos, de ermidas, de procissões e de nichos, com seus cultos e devoções.

É sabido como, por occasião das pestes que assolavam a cidade, o povo crente e devoto, que já antes se apegava com varios santos, como intercessores contra a epidemia, iniciou a tradicional e pittoresca devoção á Senhora da Saude.

Depois de S. Christovam, de S. Roque e de S. Sebastião, ao qual os artilheiros de Lisboa erigiram ermida e culto na Mouraria, o povo invocou como sua defensora contra o flagello



PORTA COM O PADRÃO DO HOSPITAL,
NA RUA DAS OLARIAS

CASA DA SEVERA NA RUA DO CAPELLÃO
É a que fica para além do beco
à direita

assustador da peste, a imagem da Senhora da Saude, primeiro na capella do Collegio dos meninos orphãos da Mouraria e depois de 1662 venerada na sua actual ermida, e celebrou com grande solemnidade a procissão annual que ainda não ha

muitos annos era uma das festividades populares mais queridas e pittorescas de Lisboa.

Eram então, como nos relatam extensamente (o que neste artigo se torna impossivel fazer) o auctor do *Sumario de varia historia*—Ribeiro Guimarães o auctor da *Lisboa Antiga*



O COLLEGINHO

e outros, eram então os leilões de cargos, salpicados de chísticos ditos, as festas das ruas, os jogos e corridas tão falados nas annotações ao *Theatro de Figueiredo*, em que vinham os cavalleiros correr patos e enfiar pombos, entre os applausos das janellas e do gentio.

Eram as procissões percorrendo as ruas por entre janellas colgadas de pannos e flores; era a original procissão do Ferrolho, na noite de Santo Antonio; era o peditorio para as festas com o andador de alforge ao pescoço; eram os devotados cultos a varias imagens como o do Santo Antonio da Mouraria, no seu nicho; o do oratorio ou *passo do Boi formoso*, hoje lembrado apenas pela estreita rua do Bemformoso, e o da Senhora da Guia, na antiga e turbulenta rua do Capellão, nome que ainda se filia talvez na remota reminiscencia mourisca do sacerdote da mesquita, ao qual se dava com certeza esse nome christão.

*
* *

Deixemos agora a Mouraria crente e religiosa do seculo xvii e vamos descortinar outro quadro, não menos pittoresco, da Mouraria foliona e buliçosa do seculo xviii, tal como outro investigador laborioso e proficiente das

cousas antigas da cidade, o sr. Pinto de Carvalho (*Tinop*) nol-a apresentou com a sua phrase picante na *Historia do Fado*.

Campeavam então por ali as *hortas*, das quaes já falava o classico Jorge Ferreira, na *Ulyssipo*, dizendo — *damas vão, damas vem, a uma horta da Mouraria*.

Era por aquellas quintas extra-muros, que os lisboetas dos seculos xvii e xviii faziam as suas diversões patuscas, aos domingos, debaixo das sombras dos parreirae, como ainda nos tempos de hoje se observa nos *retiros* campe-



UM NICHU NA RUA DAS TENDAS
Casa onde residiu o pae de Nicolau Tolentino, em 1737

sinos da Perna-de-Pau, do Ferro-de-Engommar, e outros.

Naquelles mesmos sitios onde outr'ora, no dizer do bom Garcia de Rezende, resoavam:

bailos e galantarias
de muito formosas moiras,

e de que Gil Vicente, no *Pranto da Maria Parda*, exclamava:

O rua da Mouraria,
quem vos fez matar a sêde
pela lei de Mafamede
com a triste da agua fria?

estanciavam as famigeradas *hortas*, com seus

parava o apetitoso prato da *desfeita*, tasca que persistiu até ha poucos annos. Mais adiante ainda, para o lado da actual rua Nova da Palma, a horta das Atafonas, pertencente ao *Tio Francisco* ou *Francisco da horta*, e a horta do *Cata-vento*: — «com seu commerciosinho de peixe frito e bom vinho do Termo, com chinquillo e jogo da bola, e com as suas latadas, os seus encanastrados de feijoeiros, e as suas mezas de pedra para as merendas plebêas no caramanchão, para as guitarradas em tardes de dia santo,



LARGO E ARCO DE SANTO ANDRÉ

tanques de lavadeiras, poço, norra, jogos da malha e da bola.

Pelas ruas estreitas, tortuosas, escuras e sujas, poucas lojas; as peixeiras e regatões reuniam-se á noitinha pelas portas, fazendo praça de peixe, á qual acudia a gente miuda do sitio; ao fundo da rua, sem saída, organizavam-se animados arraiaes com suas bolhinheiras, queijadeiras e bolacheiras, vendendo bolos em grande parte fabricados na Mouraria e nas visinhanças. Adeante, na Carreirinha do Socorro, ao lado do antigo chafariz, a popularrissima tasca do *João do grão*, onde se pre-

era ella talvez o ultimo representante dos antiquissimos retiros, etc.» (Julio de Castilho, *Lisboa antiga*).

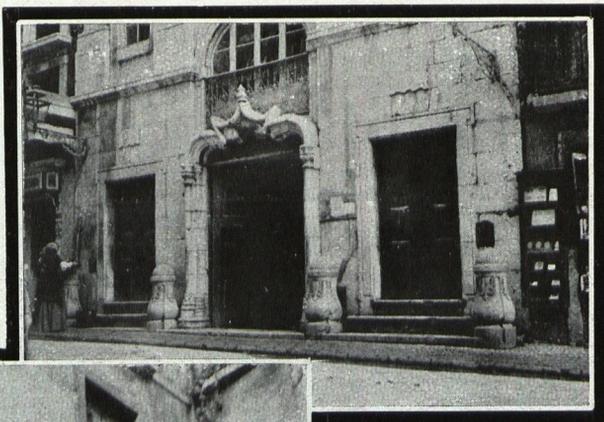
Foi, nesta quadra que vai de 1700 a 1834, a Mouraria o quartel general dos rufiões e desordeiros, infestada de mulheres de má fama, de botequins e de batotas, valhacutos de ladrões, de malfeitores e de galderios.

Em vão os corregedores do bairro tentavam policial-a com as suas rondas de *chuços*,

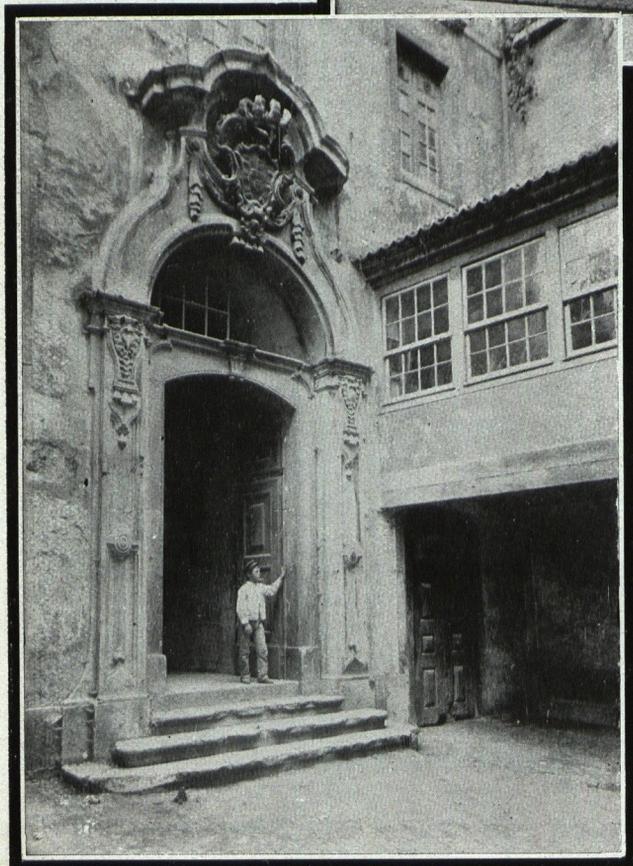
em reconhecimentos nocturnos; tudo era baldado. Até dos tempos que ainda vivem na memória de muita gente, as ruelas sombrias da Mouraria, povoadas de templos do vicio, se tingiam a miudo de sangue, nas desordens ferozes da marujada com soldados e paisanos, incendiados todos nas febres de ciumentos amores de bordel.

Nestas brigas selvaticas esfaqueavam-se os retilhões do bairro, ou em éstos de emulação batiam-se á valentona

Mouraria a afamada rua do Capellão, antiga *rua Suja*, de torpe memoria, prenhe de tradi-



PORTA DA ERMIDA
DA SENHORA DA GUIA



BELLO PORTAL DO ANTIGO COLLEGIO DOS ORPHÃOS NA MOURARIA

em verdadeiras campanhas com os fadistões do Bairro Alto, secundados pela matula terrível da garotada apedrejadora, que dominava impune as terras do Monte.

Sobrelevava a todas as velhas viellas da

ções assassinas e devassas.

Neste ninho dilecto de fadistas, brigões e comborças creavam-se tambem verdadeiras [celebridades, cujos nomes se eternizaram nos annaes da daixa bohemia lisbonense.

O mouro, antigo habitante do arrabalde, legou á população que o substituiu o espirito alegre e folião, a tradição perenne de suas festas e bailados, as *aravias* e *lenga-lengas*, as *leilas* ou cantares, e muito principalmente as danças, que persistiram nas grandes festas do povo. sob o nome de *mouriscas* ou *mouriscadas*. Dellas falam sempre com affecto os nossos escriptores antigos. Garcia de Rezende chama-lhes no *Cancioneiro* o *doce baile da mourisca*, e o sempre querido Gil Vicente,

frequentes vezes allude a ellas, dizendo por exemplo:

E balhando a mourisca
Dentre gente portuguez.

Era uso dos velhos tempos. Ainda em 1486, por festas publicas solemnes, pedia El-Rei á Camara que *judeus e mouros andassem pela cidade com alegrias e cantares* (*Historia do Municipio, I*).

O genio alegre dos povos do sul foi inventando a par destas, variadas danças populares, todas desenvoltas e sensuaes, que tiveram successivas epochas, até que ao despontar do seculo XIX surgiu na *guitarra* a nova aurora do *fado*.

A *guitarra*, outra herança dos arabes, e seu instrumento predilecto, era a antiga *guitara*, em que o mouro enamorado tangia os seus cantos cadenciados e tristes.

Segundo crê o sr. Pinto de Carvalho, o *fado* nasceu a bordo das naus, é de manifesta origem maritima, creada pelo espirito essencialmente imaginativo e contemplativo do mareante, retratando nas toadas plangentes do seu canto, as agruras maguadas da sua vida sempre cheia de incertezas e saudades.

«No rythmo do *fado*, diz o sr. Pinto de Carvalho, onduloso como os movimentos cadenciados da vaga, balanceante como o jogar de bombordo a estibordo nos navios sobre a toalha liquida florida de phosphorescencias fugitivas ou como o vae-vem das ondas batendo no costado, offeguento como o arfar do grande Azul desfazendo a sua tunica franjada de rendas espumosas, triste como as lamentações fluctivagas do Atlantico que se convulsa glauco com babas de prata, saudoso como a indefinivel nostalgia da patria ausente, vislumbra bem clara a sua origem».

Só depois de 1840, acrescenta o consciencioso auctor da *Historia do Fado*, é que o *fado do marinheiro*, unico que até então existia, irrompeu nas ruas de Lisboa; mil fados diversos, tornando-se a musica dilecta do povo, desde as suas frescatas e diversões campestres, desde as viellas e tabernas, das tresnoitadas orgias e das esperas de touros, até subir ás salas alcatifadas, dedilhados na guitarra pelas finas e educadas mãos de formosas senhoras aristocratas e burguezas, ou dictados pelo inspirado estro dos grandes bohemios da academia coimbrã.

O *fado* gerou o *fadista* — um novo e curioso typo de Lisboa, um typo genuinamente privativo dos bairros miseraveis da Alfama e da Mouraria. E' o heroe das alfurjas, minado de taras hereditarias, crivado de enfermidades, roído pelo vicio e pela bebida, lovelace dos

alcouces, atrevido, insolente, rufião, cobarde, faquista traiçoeiro, repositorio de todas as perversões, ocioso, inutil, tendo por arena dos seus triumphos a viella, a taberna, o café.

Dentre os heroes do *fado* que se perpetuaram mais ou menos na memoria popular, immortalizou-se o nome da *Severa*, uma habitante famosa da Mouraria, companheira das orgias do Conde de Vimioso, á qual o estro popular fascinado dedicou o *fado* repassado de bellezas sentimentaes, conhecido pelo nome de *fado da Severa*:

Chorae fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu,
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa falleceu.

Ponde nos braços da banza
Um signal de negro fumo
Que diga por toda a parte
O *fado* perdeu seu rumo.

Chorae fadistas, chorae,
Que a Severa se finou,
O gosto que tinha o *fado*,
Tudo com ella acabou.

Não morreram porém os fados; antes subiram ás salas e aos concertos, recolhidos da inspiração popular das guitarradas pela alma artistica de Hussla.

*

Ainda não ha 20 annos era a Mouraria este perigoso coio da fadistagem, que enxameava nas tabernas e botequins, alastrando até altas horas da noite para as ruas e praças do coração da cidade.

Por isso ainda em 1887 o sr. Visconde de Castilho registava o character tenebroso e bulhento do bairro por onde o Limoeiro recrutava os seus mais constantes habitadores.

Hoje porém tudo mudou; transformáram-se os aspectos e os costumes da cidade, sob o influxo da illuminação electrica, do bulicio, da concorrência, da policia das ruas e das praças.

A fadistagem fugiu, debandou, desapareceu atacada pelas rusgas constantes, e pelas levas de vadios para o ultramar. Assim se extinguiu, se extirpou do centro da Lisboa moderna aquelle typo repugnante e malefico do *faiante* de melenas e calça de bocca de sino, de *naifã*

sempre em riste, de gestos e aspecto nojento e repellente.

Procurem-o hoje, degenerado, muito outro,

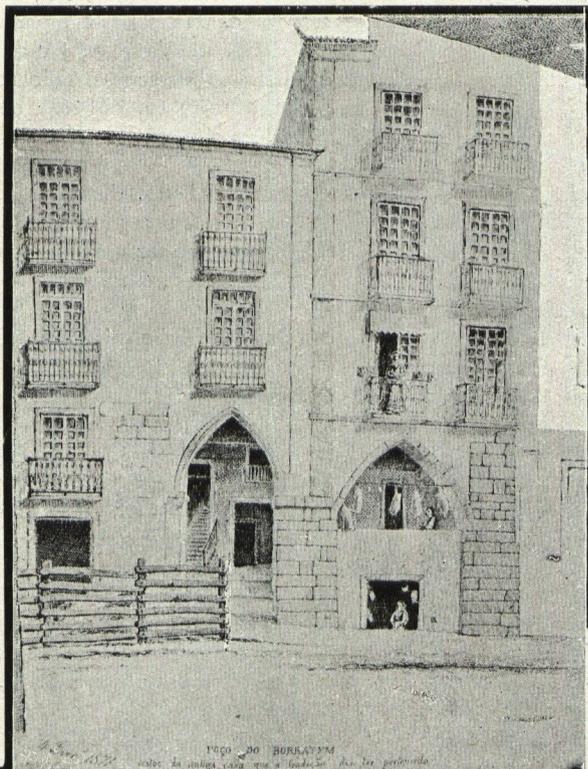
na sua inalteravel bohemia errante, nos bairros mais afastados, nos remotos recessos da Alfama ou nos antros da operaria Alcantara.

Tudo passa! tudo o tempo e a evolução dos costumes apagam e destroem! Da Mouraria tradicional dos tempos antigos, que rapidamente esboçamos, pouco, quasi nada já resta!

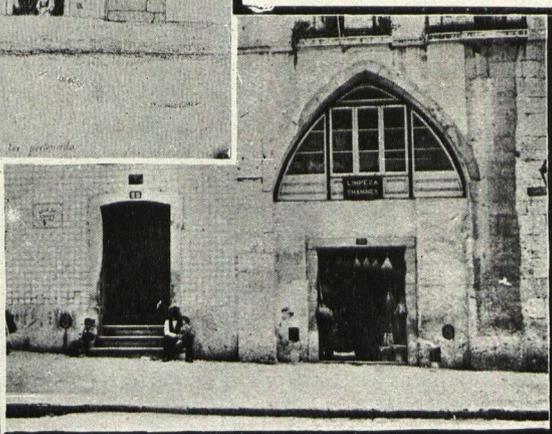
Algumas ruas apenas, onde o camartello municipal vae abrindo clareiras para alargamento e saneamento do sitio, e onde os proprietarios vão dia a dia restaurando, desfigurando os predios, cuja architectura original caracterizava aquellas viellas tortuosas.

Não poderemos pois já hoje dizer como o sr. Visconde de Castilho em 1887 que a rua da Mouraria constitue um bello specimen medieval, respirando

NO POÇO DO BORRATEM — A CASA DOS ARCOS EM 1871
Desenho do sr. Visconde de Castilho



O POÇO DO BORRATEM



A CASA DOS ARCOS — ESTADO ACTUAL

ainda no aspecto e nos costumes uns laivos archeologicos da velha Lisboa.

Não! O bulicio deste ultimo quarto de seculo demudou por completo a velha rua!

Só nos restam fracos vestigios em alguns raros edificios da Mouraria doutr'ora. Lá estão ainda algumas das taes casas com os andares

em resalto, junto á esquina da rua do Capelão, cuja entrada é typica e interessante.

Subsiste, poupada pelo camartello, a casa da Severa, á esquina do becco do Forno; encontram-se penetrando naquellas viellas até ao Colleginho, logar da antiga mesquita dos mouros, casas velhas, beccos escuros e vetustos, nichos nas paredes, nomes significativos de velhas tradições, como o do becco do Imaginario, onde nasceu por certo algum ignorado artista. Azulejos nas paredes, ha-os bem formosos na rua dos Cavalleiros e calçada de Santo André, como pelas Olarias se vêem os padrões de fóros ao Hospital Real, com a sua divisa antiga (S) — *Sanctorum omnium*.

Cá em baixo o arruinado e deturpado palacio dos marqueses de Alegrete, onde outr'ora teve o seu cenaculo a famosa Academia dos Generosos, com o passadiço e bellos portaes brasonados; adeante as ermidas da Guia e da Saude, e entre ellas o *passo* da Mouraria, que mal se sustenta entre derrocadas e edificações modernas.

Ao lado delle, para o sul, corria ainda ha annos um lanço carcomido da antiga muralha de D. Fernando, tão pittorescamente descripta por Fernão Lopes, e como padrão uma preciosa lapide, memorando a construcção da velha cêrca da cidade medieva. A lapide foi recolhida na Camara, que prometeu restabelece-la ao seu primitivo logar.

No Borratem — nome antiquissimo de ignorada significação, onde passava o antigo caminho do arrabalde mourisco, havia em tempos, fechando o topo sul da rua do Arco do Marquez de Alegrete, outro arco que demoliram, o arco dos Camillos, e no largo, á esquina do becco dos Surradores, existe ainda, felizmente, uma casa de aspecto curioso, hoje muito deturpada, mas conservando um dos dois arcos ogivaes que a decoravam. Passou esta casa, até na opinião honrada de Vilhena Barbosa, por ter sido a residencia de João das Regras, e como tal foi incluída na lista dos monumentos nacionaes.

Com a sua convincente logica, baseado na criteriosa interpretação de documentos, contesta esta attribuição o sr. Visconde de Castello, mostrando-nos o palacio de João das Regras, depois dos condes de Monsanto, com sua ermida de S. Matheus, no lado opposto do largo, pegado com a cerca antiga do Hospital de Todos os Santos.

E era deste mesmo lado, mais para o nascente, o antiquissimo tanque ou poço dito do Borratem, de cujas aguas, de problematicas e duvidosas virtudes medicinaes, falavam os antigos tratadistas therapeutas. Da abundancia de aguas dizia Gil Vicente:

muita agua em Borratem
 e no poço do Tinhoso.

O poço era ao ar livre, em logradouro publico, cercado de velho taboado e de casebres, telheiros e palhoças, onde se albergavam os ferreiros e os burros e alimarias das saloias. Edificado ali um grande predio cobriu-se o poço de abobada, fez-se a casa de banhos, no logar onde as excavações abertas para os alicerces pareceram indicar ter existido em tempos remotos um estabelecimento thermal.

Da velha Mouraria, desse pittoresco e populoso bairro, que entre os moradores mais illustres contou em 1538 o celebre pintor Christovão de Utrecht, e em meiado do seculo xvii aquella curiosa figura do principe de Candia, nascido no extremo oriente no sólo fecundo da ilha de Ceylão, para vir descançar



A PROCISSÃO DA SAUDE PASSANDO NO LARGO DE S. DOMINGOS

o ultimo somno no seu bello tumulo da egreja de Telheiras (como o sr. dr. Sousa Viterbo tão miudamente nol-o revelou no seu criterioso estudo ácerca daquelle principe oriental), d'esse bairro de que nos falam Gil Vicente e Sá de Miranda, e junto ao qual, em casas contiguas á cerca do hospital de 'Todos os Santos, viveu no seculo xiv o grande João das Regras, d'esse historico recanto da velha Lisboa só hoje conservamos tradições e memorias.

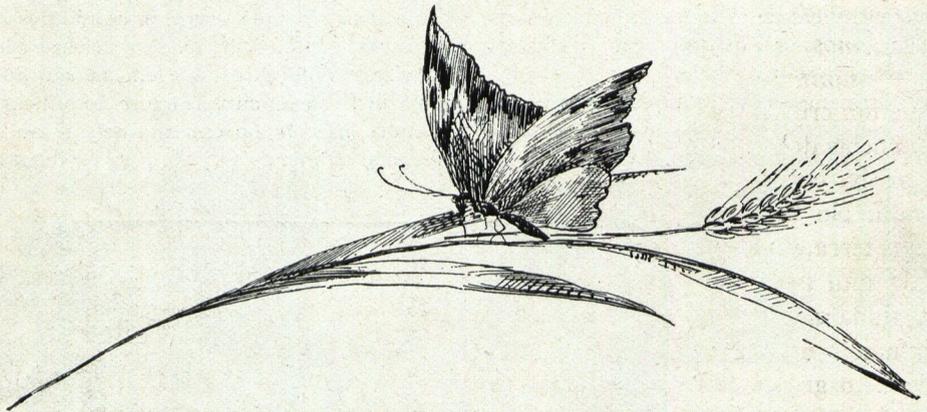
Eis tudo quanto nos resta do antigo arrabalde dos mouros de Lisboa, outr'ora povoado pelos intelligentes e laboriosos infieis e pelas *galantes mourinhas, as mourinhas de aljofre*, a que se referem Gil Vicente e Antonio Pres-tes, cujas lendas o povo consagrou por muitos seculos, nas historias de *mouras encantadas*, e de que o nosso Garrett tão deliciosamente

nos fala a cada passo nos seus devaneios de artista :

E vós, formosas moiras encantadas
Da noite de S. João, ao pé da fonte
Aureas tranças com pentes de ouro fino
Descuidadas penteando, emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...

Presentemente nem as mouras encantadas, nem os cantadores, nem as festas devotas do povo crente, nem as rixas de marinheiros e fadistas... A Mouraria entrou na vida monotona e simples da grande cidade moderna, policiada, pacifica, é certo, mas desconsoladamente para o artista e para o archeologo — demasiado incaracteristica, inesthetica, pro-saicamente civilizada.

VICTOR RIBEIRO.





Chrysanthemos

cencia. Passados annos, entrando em moda a flôr em Portugal, convenci-me, por varias noticias dos jornaes, que toda a gente ia dizendo: — *os chrysanthemos*; — não me agradou, francamente, a escolha do genero, que vinha pôr suissas e bigodes em tão mimosa corolla; mas não tive remedio senão seguir com a turba. Falemos pois, em correcta grammatica dos salões, *dos chrysanthemos* (*kiku* em linguagem japoneza).

Eu digo agora: — *os chrysanthemos*. — Dantes, dizia: — *as chrisanthemas*; — o que deu motivo a que um critico julgasse ter descoberto influencias de Loti — quiçá plagiarios — na minha pobre prosa. Não era assim, porem. No tempo em que eu deixei a minha terra, a flôr em questão estava alli ainda mui pouco divulgada e o nome éra ainda menos proferido. Masculino? feminino? não se sabia bem: resmungava-se o grego, em raras citações, ao acaso, conforme vinha á bocca. Depois, vivendo no Japão, optei pela forma feminina, pelo facto de ser o nome da flôr ao mesmo tempo um nome vulgar de mulher n'este paiz: — *Ó-Kiku-San*; — e, independente d'isto, confesso dar-se em mim a tendencia para querer feminizar os termos de todas as coisas graciosas, gentis, que nos encantam, como é o caso com esta linda flores-

Ora, no calendario floral da terra onde me encontro, figura o mez de novembro como um dos mais conspicuos. E' em novembro que floresce o *chrysanthemo*, em profusão; flôr de origem japoneza, querida pelo povo; com menção glorificante em mysticas legendas; para mais, nobilitada por constituir, quando se representa com desaseis petalas apenas, o brazão heraldico imperial.

Os vendilhões de flôres percorrem aqui as ruas, de porta em porta, como em Lisboa os vendilhões de carapau ou de sardinha; e todos mercam, — ricos e pobres, — sendo de uso geral ornar a casa com um raminho, valioso ou custando apenas alguns cobres. Pois, em novembro, raro será o lar, — palacio de principe ou albergue de indigente, — onde não desabroche o *chrysanthemo*.

É então um prazer sahir a gente da cidade e estender o passeio até aos campos da cultura do *kiku*, onde, por milhares, as plantas floream em galas multicôres, embalsamando as brisas. As petalas alvas como leite, e amarellas, e côr de oiro, e roseas, e vermelhas, e roxas — todas as tonalidades chromaticas com excepção do azul — encostam-se umas ás outras, beijam-se, constituindo o todo um vasto tapete de mosaico incomparavel, sobre que a vista poisa, enternecida, em demorado extasis.

No entretanto, nos centros bastante populosos, é de usança organisarem-se exposições de chrysanthemos, onde a chusma se deleita nos aspectos variados d'estas flores; avançando cada qual, com alegre afan, a moedita de nickel que lhe faculta admissão. Cartazes illustrados annunciam o espectáculo. Tambem eu, ha poucos dias, fui com a chusma á exposição de chrysanthemos que em Kobe se ostentava.

Era de noite. N'um jardim improvisado, que jorros de luz electrica alumiam de claridades extranhas de um dia phantasmagorico, alinhavam-se as plantas em canteiros, coberto o solo de loira e fina areia, e dando abrigo contra os rigores do tempo graciosos apendres de palha e de papel. Em

cada planta, esguia e hirta, desabrochava uma unica flôr, havendo sido propositadamente eliminados todos os outros botões; obtendo-se por esta forma tamanhos descommunes de florescencia. Relanceando estes canteiros e estas flôres, em pompas estupendas de contornos e matizes, nos seus requintes de cultura

forçada artificial, vieram-me á idéa, não sei como, outras exposições de flores — estas humanas, — que a gente admira em Tokyo, tambem de noite e á luz das lampadas, no famoso bairro de prazer conhecido por Yoshiwara; tambem alli ellas se alinham á vista de quem passa pela rua, bellas, perfumadas, em ricas vestes polychromas, com os penteados prodigiosos crivados de enfeites de mil côres. Se, porem, é dar largas de mais á phantasia, comparando a flôr do chrysanthemo a uma cortezá, o que ella accusa segura-

mente, a flôr, é uma intensa individualidade propria, quasi animal, de besta apocalypticã; isto de meia delicia e de meia monstrosidade, que é uma das grandes characteristics da arte e da criação n'este paiz, quando julgadas pela esthetica do Occidente. A flôr de chrysanthemos lembra não sei que estranha anemona do mar, actinea de um oceano fabuloso; o dedo do visi-



CHRYSANTHEMOS AO LUAR

tante europeu quasi se recusaria a ir tocar-lhe, no receio de alguma cilada dos seus tentaculos serpentinos, que nos estão denunciando intenções malevolas de apprehensão e de sucção.

A outras plantas, deixaram-se então desenvolver os botões todos, e mesmo se lhes exaggerou a producção, por mysteriosos segredos de adubos e de



IVOKU

a manho; vendo-se assim um pé de chrysanthemo, onde desabrocham vinte flôres, cincoenta flôres, um cento de flôres ou muitas mais.

As hastes de outras plantas toram anticipadamente sujeitas e atadas a um esqueleto feito de lascas de bambu, com uma deter-

minada forma; assim se veem, por exemplo, cestos, barcos, coches, todos verdura e todos flôres. Por ultimo, offerece-se á curiosidade do publico o que mais extasia esta boa gente, representado em maioria pelo povo ingenuo, facil em commover-se, amoroso da lenda e da evocação heroica; refiro-me aos bonecos de chrysanthemos, *kikuninghyo*. Imaginem

varios grupos de bonecos, de proporções humanas, com as caras e as mãos perfeitamente modeladas em madeira, e as vestes de variegadas côres, feitas de folhas e flôres de chrysanthemos, que alli no solo enraizam e prosperam. Taes grupos figuram, em geral, transes guerreiros, ou coisas da lenda, ou historias de amores ficadas na memoria; e o recinto onde se encontram exige um scenario theatral, apropriado, que ajude a impressionar o espectador. Uma *musumé* que rodopia por aqui, tendo a seu cargo servir chá e sorrisos aos freguezes, dá-me, complacente, explicações sobre os bonecos — este é Urashima, o pescador, sobre o dorso de uma tartaruga, que o leva a um formoso palacio submarino; aquelle é Nanko, ou Kusunoki Masashighé, o general devotado ao imperador Go-Daigô, heroe de mil façanhas, vencido finalmente em 1333 junto do rio Minato, cerca de Kobe, e suicidando-se após, para eximir-se á vergonha de render-se; alem está o grupo amoroso de Komurasaki e Gompachi; e outros grupos se seguem.

Nada mais tenho que dizer dos chrysanthemos; mas, já que fallei de Komurasaki, que é a *Dama das Camélias*, a *Traviata* japoneza, lembro-me de, a proposito, palestrando, alguma coisa dizer a seu respeito. A historia dos amores de Komurasaki e Gompachi resume-se como segue. Ha perto de tres seculos, em Yedo (hoje Tokio), Gompachi, um esbelto samurai fugido da provincia de Inaba, onde grave falta commettera, encontra por acaso em Yoshiwara a formosa e famosa cortezá Komurasaki, que elle dantes conhecêra, então recatada, com altos primores de educação, em companhia de seus paes; revezes de fortuna haviam-n'a

arremessado áquelle sitio, á cella do vicio, á escravidão. Apaixona-se por ella e é correspondido em seu affecto. Frequentando-a, offerecendo-lhe regalos, bem cedo a sua bolsa de exilado se esvazia. Desvairado—porque paixão e desvario valem-se bem—rouba então, mata então para espoliar as suas victimas; e assim consegue recursos que

mulo os dois corpos (1). O bom povo evoca ainda hoje commóvido as peripécias d'estes tristes amores. Uma carta da cortezá, enviada ao samurai quando no carcere, conhecida pela denominação de *Votofloral*, ainda hoje existe e é como reliquia conservada. Diz a carta:—«Estou contemplando as preciosas flôres que ainda ha poucos



BONECOS DE CHRYSANTEMOS

Komurasaki e Gompachi, outra scena da «Dama das Camélias» japoneza

paguem as caras horas que elle vota a seus amores. Por fim, a justiça da cidade deita-lhe a mão, condemna-o e enforca-o. Komurasaki, informada do triste fim de Gompachi e dos desmandos de que ella fôra a causa involuntaria, foge do encerro, corre ao templo, prantêa o bem-amado e alli se suicida.

O bonzo do logar, inspirando-se de terna piedade, reuniu no mesmo tu-

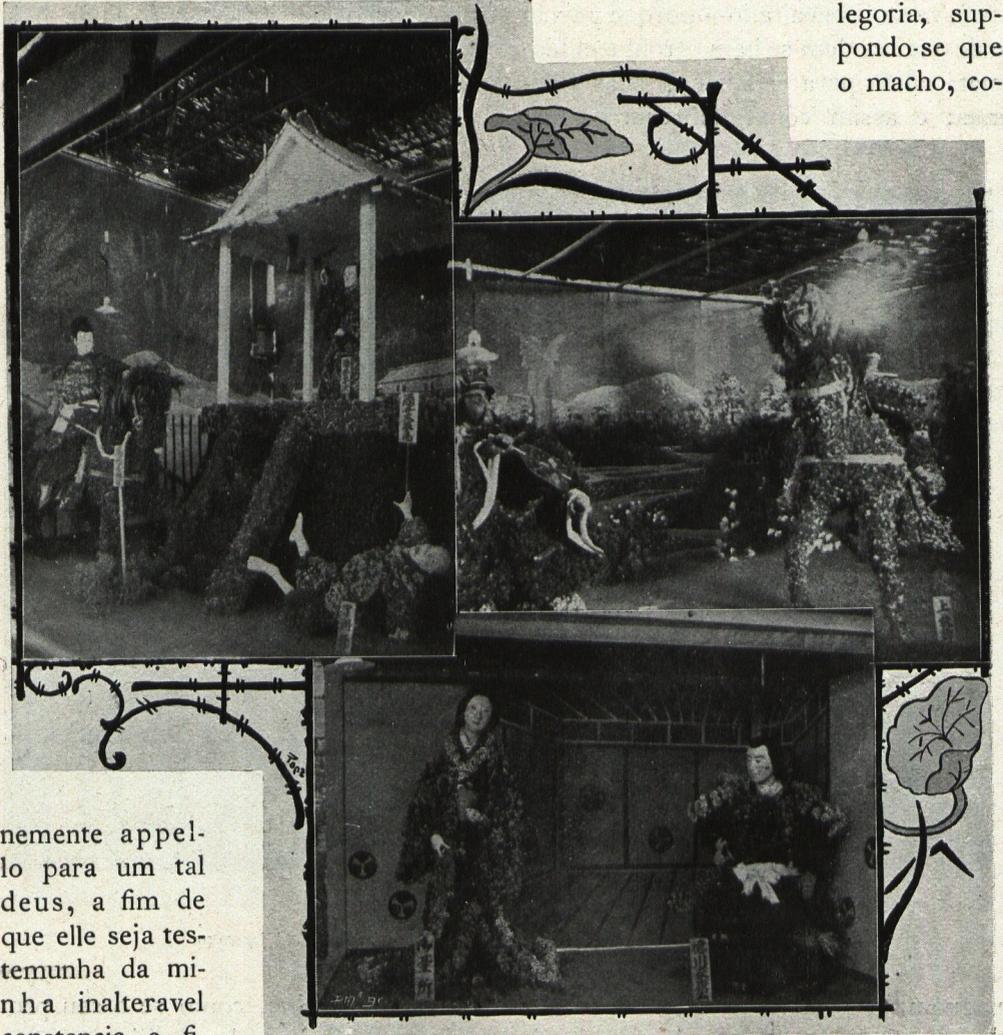
dias me mandou, como se o seu proprio rosto contemplasse. Sinto-me cahida na mais profunda magua, ao sa-

(1) E' o argumento da peça que Sada-Yaco representou em Lisboa, com a sua companhia, no theatro D. Amelia. E é coincidência notavel que o nome *Korumasaki* signifique, como diz o autor no final do artigo, *Pequena Violeta*, considerando que foi este exactamente o nome que os librettritos da *Traviata* escolheram para a sua heroína. (N. do lec.).

ber das tristes condições em que se encontra, do que eu fui a causa unica. Tenho ouvido dizer que existe um deus nas petalas de cada flôr; assim, solem-

já, os nomes dos amantes e esta curta phrase:—*Sepultura de Hiyoku*—convindo advertir que *Hiyoku* é o nome de uma ave fabulosa, ou antes de um casal de aves, de suggestiva al-

legoria, suppondo-se que o macho, co-



nemente apello para um tal deus, a fim de que elle seja testemunha da minha inalteravel constancia e fidelidade a seu respeito, succeda o que succeder».

O bom povo vae em peregrinações frequentes até ao tumulto de Komurasaki e Gompachi, onde ajoelha, queima incensos piedosos, espalha flôres e reza pelos dois. Espectaculo tocante! . . . Na lapide musgosa, lêem-se, a custo

BONECOS DE CHRYSANTHEMOS

Os de cima, episodios guerreiros; o de baixo, scena da «Dama das Camelias», japoneza

mo a femea, tem apenas um olho e tem apenas uma aza; não podendo cada um voar e dirigir seu vô senão reunido ao outro. Não poderia escolher-se melhor divisa para alli. Cerca do tumulto, n'uma outra lapide, alguém es-

creveu pouco mais ou menos o seguinte, de pura inspiração buddhista:— «Nos antigos dias do periodo de Ghenroku, soffreu Ella amargas penas pelo seu gentil apaixonado, tão bello, como bellas são as flôres. Agora, debaixo d'estes musgos, dois nomes existem gravados; nada mais.

N'este mundo de aspectos transitórios, as geadas e as chuvas desfazem pouco a pouco a triste loisa que aqui vêdes; vós, que passaes, concedei o vosso obulo para perseveral-a da destruição dos tempos, persistindo durante futuras gerações; e consenti que aqui se leia a poesia commemorativa que segue:

Estes pobres passarinhos,
Quaes flôres de cerejeira,
Tão lindos, cedo morreram...
Lembram, por esta maneira,
Flôres que os ventos damninhos
Antes do fructo varreram.» —

Kobe — Novembro de 1906.

Tragedia popular, içando ás alturas de apotheose na historia, á custa de muita somma de amor e de infortunio, os nomes de dois grandes desgraçados, rastejando pelas ultimas camadas da escala social—um foragido tornado facinora e uma serva do vicio— não admira que o episodio dos amores de Komurasaki e Gompachi sensibilise ainda hoje a alma do povo, depois de trezentos annos decorridos; nem admira que na exposição de chrysanthemos, em Kobe, a multidão se quede embasbacada em frente do gracioso grupo florido, que representa Gompach no momento de entrar no jardim da luxuosa casa que serve de encerro a Komurasaki, a qual se apressa em enviar-lhe ao encontro uma das pequeninas aias, que sempre se achavam ao serviço—duas em numero—das cortezãs famosas.

Komurasaki quer dizer em portuguez: — A Pequenina-Violeta.

W. DE MORAES.





Rebello da Silva

SUMMARIO : — *Homens de ha meio seculo.* — *Herculano e os convivas da sua casa de Ajuda.* — *Rodrigo Felner, o Marquez de Sabugosa, Lopes de Mendonça, Gonçalves Dias, Garrett, Bulhão Pato e Rebello da Silva.* — *O pae de Rebello da Silva : uma curiosa figura de «vin-tista».* — *O Romantismo na Politica, na Litteratura e na Oratoria.* — *Os tribunos da Sociedade Philomatica.* — *José Estevão e Rebello da Silva.* — *A intensa actividade do historiad-or.* — *Como foi feita a «Ultima corrida de touros em Salvaterra».* — *Rebello da Silva, pro-fessor do Curso Superior de Letras, e D. Pedro V.* — *A sua correspondencia: autographos de Napoleão III, Prim e Victor Hugo.* — *A existencia bucolica na casa do Valle de Santa-rem.* — *A delicada e intima inspiração d'uma primorosa obra litteraria : Garrett, as «Via-gens na minha terra», a «anella de Joanninha e o rouxinol de Bernardim Ribeiro.*



OR 1847, ia bem rija a celeuma política, segundo rezam as paginas revoltas dos alfarrabios do tempo, Alexandre Herculano achava-se já installado na sua casa da Ajuda, buscando na existencia uma epocha mais tranquilla e proveitosa. Animo forte, varonilmente austero e resolutu, o antigo soldado do heroico Regimento dos Voluntarios da Rainha, — d'uma geração nobre e sincera que aprendêra o liberalismo nos tran-ses do exilio e enchamuscára galhardamente a frente nos recontros das linhas do Porto — aspirava a um periodo intimo de estudo e elaboração, sem jamais deixar esmorecer dentro do coração o culto intenso da Liberdade. A experiencia da vida e dos homens tinham dado mais de uma desillusão ás suas formulas rigidas de patriota; ainda n'aquelle mesmo anno, accesa a lucta constitucional, que trazia exaltadas as camadas democraticas, suggestionadas ao grito do Alto Minho e da Maria da Fon-

te, — d'uma vez, refere Bulhão Pato, deslisaram quentes lagrimas pelas faces encandecidas do philosopho, ao saber que forças mercenarias tinham abafado os clamores sinceros da gente patuleia. . . Assim lavrando eloquentemente o protesto de suas intenções, entre despeitado e altivo, absorvendo-se bem fecundamente nos limites da sua forte envergadura e vocação de homem de letras, apartado da intriga constitucional, mais e mais se recolhia, n'uma vida serêna e laboriosa de estudo, á atmosphera quieta das paredes vastas e sonoras do velho palacio — parte para elle e lá no alto, entre as urzes, morada suave de bandos de pombas familiares.

Aós sabbados Herculano quebrava a clausura, dava-se folga e abria as portas do Eremitario a alguns convivas, pleiade dos mais illustres homens do tempo. Iam lá Rodrigo Felner, creatura de espirito faceto, consumado em epigrammas e calembourgs; o Marquez de Sabugosa e D. Antonio da Cunha Menezes, fidalgo aprimorado; Oliveira Marreca, econo-

mista sisudo e desenganado liberal; Francisco Maria Bordallo, que fez uns romances de inspiração marítima, intrepido e decidido, que d'uma vez varrera, á pranchada, seis rufões do botequim das Parras ao Rocio; Lopes de Mendonça, alma privilegiada, feita na adversidade, que para sempre lhe illuminou de melancolica ironia a fronte espaçosa e altiva, e que ao tempo folhettinava na «Revolução», dardejando implacavelmente contra o ultramontanismo reaccionario com o mesmo denodado esforço com que servira ás ordens de Salter na Maria da Fonte, e com a mesma coragem, com que d'uma vez batia as palmas, citando-o a uma pega real, a um garraio salgado no pateo da casa do Conde de Vimioso. E eram tambem convivas de Herculano — Carlos Bento, Gonçalves Dias, insigne vate brasileiro, Palmella, amigo intimo de bons annos, e Garrett, o peralta rival de Paiva de Araujo e de Antonio da Cunha Sotto-Mayor,

que um dia uma crise de tédio da banalidade e da politica, phase aguda do lyrismo, levou até á assembleia simples do Eremiterio, sobraçando o manuscrito das «Folhas Cahidas», bem olympico na sua casaca verde-bronze e botões de metal amarello, sobre a alvura da camisa finissima e de punhos encanudados, o collete deslumbrante de largas bandas, calça flôr-de-alecrim, luva côr de palha e a mancha berrante da gravata de côres lubricas.

Herculano era generoso, rasgadamente sincero, um espirito amplo que sabia distinguir homens e capacidades. Banira a politica do lar, mais que nunca se votára á investigação dos factos mais recuados da vida patria, acolhendo com enthusiasmo os letrados e os dignos, todos os que d'elle se acercavam a pedir um conselho, uma impressão culta de arte. Foi assim que por aquelle tempo começou

frequentando a casa da Ajuda um rapaz novo e esperançoso, que abalara de Coimbra e dos Geraes, farto do latim e rebelde á disciplina universitaria, de olhar scintillante e larga fronte, physico d'bil e acurvido, bom conversadôr, espirito irrequieto, com ditos atilados e cortantes, nervosamente animado d'um satanismo prompto e agudo.

Era Rebello da Silva, que ia iniciar, á sombra propicia e affectuosa de Herculano, a sua educação litteraria e liberal, no meio recolhido do Eremiterio, entre preoccupações ex-

clusivas de estudo, a sós com a consciencia e os livros, sem rebates de ardencias politicas, só suscitados com eloquencia — relembra com orgulho Bulhão Pato, tambem familiar da Ajuda — quando do protesto energico levantado pelo pensamento portuguez contra a *lei das rolhas*, que o ministerio de 1847 queria fazer vingar com funesta audacia. Rebello da Silva não podia ambicionar mais rigida e fertil escola de educação litteraria e politica. Demais o pae,



REBELLO DA SILVA AOS 25 ANNOS

De um daguerreotypo



REBELLO DA SILVA

Um dos melhores retratos do historiador



REBELLO DA SILVA E SEU FILHO MAIS VELHO

Que é o actual par do reino e professor Luiz Rebello da Silva

Luiz Antonio Rebello da Silva, fôra um praxista ferrenho, homem da Constituinte, douto e razoavel tribuno, morto de apoplexia fulminante no final d'um discurso na «Liga Agricola» por entre as palmas dos assistentes... O filho viera n'uma epocha de romantismo exacerbado, encandecido culto de imaginação, um ideal vago de aventura e galhardia, que por igual arrastava um homem á concepção d'um poema triste e amoroso ou a uma morte gloriosa no alto das barricadas. Aquecia os espiritos uma illimitada idealisação de Liberdade, pura e justiceira, crepitava alta nos corações a chamma intensa do altruismo, vivia-se n'um sentimentalismo terno, nebuloso, que inspirava dramas, romances e novellas e cantava nas estrophes ovantes e livres dos poetas adulados. Era o impulso litterario de Chateaubriand, Lamartine, George Sand e Madame de Staël, Silvio Pellico e Manzoni, de Walter Scott, do duque de Rivas, de Byron, o mais extravagantemente sincero, passeando o seu romantismo da contemplação de Cintra paradisiaca aos campos de batalha da Grecia livre, e de Musset, o mais delicado e sentido, pedindo aos amigos que lhe abrigassem as cinzas, com cuidado, com ternura, á som-

bra balançada, fugitiva e miudinha d'um salgueiro...

O romance historico, com mosqueteiros, amantes reaes, lances de cavalheirismo estrepitoso, intrigas palacianas e um leveborborinho de escandalo plebeu, estava no gôsto do publico, educado na leitura das obras de mais ampla e explorada dramatisação do passado.

N'um primeiro periodo de elaboração investigadôra, em que a critica aponta justamente uma imperfeita indecisão, como natural inicio d'uma mente de historiadôr, que se aprestava para trabalhos de mais fôlego, Rebello da Silva publicou o «Rausso por homisio» e «Odio velho não cança», romances tecidos em paciente investigação em torno de episodios passionaes dos primeiros seculos da monarchia. Na evolução natural d'um espirito de tão applicada cultura, Rebello da Silva, na escolha dos motivos e na successivamente mais robusta e brilhante exteriorisação da ideia, ia adquirindo mais e mais uma cadencia de forma, uma es-



UM DOS ULTIMOS RETRATOS DE REBELLO DA SILVA

Almoço no dia
20 de Junho de 1869.

Malta de haut parisi 21 de Junho
de 1869.

Poch e mui-to agracoso o favor da Carta de 1834 de 18 do corrente e' ao respeito, mais cedo, porque; um forte inconveniêdo, de que' se' agrava mui-to mui-tilivado m' e' impediço formalmente d'algum-me que a' ideia, que emitta a - terra de uma lei organica de aq'to. Se carta esta a' redacçãõ entre os poderes constituid e temporal merece a appropriaçãõ d'ello a' f'as m'jo m'ito m'ito de cortar as difficuldades a - d'icas pela rain e de imprimir o que ex- - Seo na juridicica e' habiticaõ de alguns ou - t'jos t'ribunaes co'zinhos.

Permitta-me v'la' j'ntem, que
 Me chame, que talves estanha m'nt, a
 outo de se nomear uma a Comiss'ões,
 que para o effeito possa m'ntar e' m'nt
 - d'ijunsãõ d'ignã, mandãr de o' f'ormar

na Secretaria de Estado as bases de todo o
 trabalho, as guias e Comiss'ões Temporães
 tentis para as modificar e ampliar como
 parecer melhor.

de v'la' e' governo, prefere
 a nomeaçãõ immedicãõ da Comiss'õ
 pela vinda junte esta prompto a
 cogitando em todo m'nta junte;
 m'nta terra' bon saber em primeiro que
 m'nta junte e' junte que v'la' de v'la'
 que a redacçãõ do Decret' q'nto.
 Seem esta' no f'ome e' tin o j'ntem.
 da j'ntem e' que deve dirigil-a.
 f'ico esperando as ordens de

v'la' de governo com a m'nta
 Comiss'ões de v'la'

Atte. Reo' amigo v'la' m'nt
 Luis Augusto Rebello da Silva.

tylisação mais radiosa, corrigindo paciente-mente as asperezas da espontaneidade primitiva. Surgia, assim, mais personalisada, a mente vigorosa do litterato e, alijando das paginas do romance pesadas preocupações de erudito, lograva imprimir-lhe pinceladas magistraes de intenso colorido. E assim, o personagem ou scena vividos ha seculos ganhavam em distancia, em vida e em ampla caracterisação externa, o que as exigencias escrupulosas do investigador não vacillavam em sacrificar vantajosamente aos supremos impulsos da visão romantica do artista. D'este modo á medida que mais poderosamente triumpharam n'elle as faculdades de impressionista e logrou desabrochar mais livre a imaginação em seus arrojos, Rebello da Silva revelava uma perfeição crescente no architectar das grandes scenas historicas e na intensa descripção dos individuos, fautores da obra vivida. Taes as paginas romantizadas em que decorre a «Mocidade de D. João V», a pintura dos aspectos culminantes da vida portugueza do seculo XVIII, d'esse meio corteão, beato, ridiculo, sophismado e decadente, em que se tramão os episodios educativos do personagem-protagonista, futuro unguido, megalomano de psychologia contradictoria que bailava a grande instrumental entre temores espirituaes de Deus e mahometanas condescendencias com o peccado e a carne.

Conscienciosamente minucioso no detalhe apparatuso, sem comtudo aprofundar por vezes e bastantemente na analyse — que é o mais, o mais delicado e valioso — da vida, determinismo e pensar intimos dos individuos em fóco, Rebello da Silva, cujo estylo se imbue, com habitual exito, d'uma ironia, que belisca mais do que fere, não procurava, no romance como na historia, dar corpo, levar de vencida, n'uma prescrutação íntima e continuada, toda a ampla e complexa desenvoltura e succedidas phases d'um grande acontecimento ou acção. Seduzia-o de preferencia um trecho, um recatado ou mais flagrante aspecto, e assim para transadir o viver d'uma epocha, fazia-o por quadros, á guiza d revista, para melhor surprehender e transplantar com mais intenso colorido e pormenor o que mais subidamente lhe seduzia a mente e a imaginação. N'esse genero o mais divulgado, completo e encantador quadro do historiador é a «Ultima corrida de touros em Salvaterra».

N'uma tarde de verão em 1818, Rebello da

Hausville house

11 août 1864

Monsieur,

J'ai lu avec un vif intérêt
le remarquable ouvrage que vous
avez bien voulu m'envoyer.
Le talent de l'historien est en
le haut en sujet.

Pour être inspiré par un
 noble sentiment patriotique,
ce j'applaudis à votre œuvre
le Portugal est une illustre
nation. il a jadis compté
parmi les peuples ~~plus sants~~
et il compte aujourd'hui parmi
les peuples libres. cette double
gloire le place très haut
dans l'histoire de la civili-
sation.

Pour féliciter, monsieur,
de votre travail approfondi
et lumineux, ce j'vous
offre l'assurance de ma
considération très distinguée.

Victor Hugo

Monsieur L. A. Rebello da Silva,
Parade de l'académie de sciences et lettres

CARTA AUTOGRAPHICA DE VICTOR HUGO

Dirigida a Rebello da Silva.



CASA DE REBELLO DA SILVA, NO VALLE DE SANTAREM

À direita a celebrada janella da Joanninha, «a menina dos rouxinoes.»



A CASA DO VALLE DE SANTAREM, VISTA DA ESTRADA.

Silva fôra assistir com Bulhão Pato a uma tourada no Campo de Sant'Anna em beneficio dos desamparados com os ultimos acontecimentos politicos. O *sol* era *patuleia*, e toda a multidão se ergueu delirante ao vêr entrar no redondel os cavalleiros D. João da Cunha Menezes e D. José de Mello e Castro, cheios de garbo, vestidos de malha e com uma pelle de tigre fluctuando sobre os hombros, um primor de equitação e galhardia. O espectáculo e enthusiasmo d'aquella tarde impressionaram vibrantemente a alma de Rebello da Silva, que pelos modos era *aficionado*, ao contrario de Herculano, que detestava a tauromachia, dizendo ser sempre do partido do touro... Tendo combinado com Bulhão Pato jantar juntos no dia seguinte, Rebello da Silva á sobre-meza

tira do bolso um manuscrito e lê jubilosamente ao poeta a ultima e triste aventura do joven e enamorado Conde dos Arcos, negro na sorte e no traje, — o momento de extrema tensão dramatica em que no redondel surge vingadora, maior que a Morte, n'um impeto de bravura tão portugueza, a figura enancada do Pae, Marquez de Marialva, e lá em cima a um canto da tribuna real o perfil severo e dominador de Pombal, o censor de olhar frio e mente esclarecida. O episodio historico, que será para sempre uma pagina brilhante da nossa litteratura, está maravilhosamente bem aproveitado.

Assim foi sempre e caracteristicamente a producção historica de Rebello da Silva, cuja intelligencia, bem cêdo, necessidades e aspirações de vida obrigaram a multiplicar no sentido dos mais variados e complexos intuitos de actividade mental, dispersando, em grandes e segmentados esforços, a sua attenção e aptidões intellectuaes. Breve iniciava a sua vasta collaboração em periodicos politicos e

litterarios versando proficientemente os problemas e assumptos mais variados, Naturalmente um dia fez-se politico, e foi-o d'ahi até á morte, honesto, desinteressado, convicto e patriota.



RETRATO DA FAMILIA REAL PORTUGUEZA

Pertencente a Rebello da Silva. Á esquerda, Rainha D. Estephania e el-rei D. Pedro V; á direita, o infante D. Luiz, depois rei de Portugal; ao centro, el-rei D. Fernando.

O romantismo, inspirando ingenuamente os ideaes da Politica, provocára complementarmente uma exuberante escola oratoria, o culto elevado do gesto e da palavra, que despertaram aptidões e adeptos n'um amplo proselytismo, patenteado sobretudo depois que as assembleias populares tomaram a formula convencional dos Parlamantos. Entre nós, o mais alto, illustre e perfeito representante d'essa escola é João Estevão, alma electrisada de genial scintella, perfil classico, figura elegante, estatura elevada, arcabouço forte, fronte espaçosa, cabelleira annelada, nariz levemente aquilino, mãos delicadas, e voz excelsa, capaz de exprimir toda a emotividade sentimental, desde a mais violenta rajada de eloquencia demolidora até á mais constricta prece de harmonia e perdão. Por isso, quando d'aquella vez que a reacção palatina, no meio da conflagração odienta dos Cabraes, poz a premio de dois contos de réis a cabeça do genial e sincero democrata, nenhum sicario ergueu o braço homicida, porque ella... valia mais.

Rebello da Silva não fôra bravo do Mindello nem academico da serra do Pilar, não formára o espirito sob a influencia d'uma educação de homem e liberal, feita na suggestão d'um intenso e directo impressionismo, colhido em annos generosos d'uma mocidade accidentada.

O fogo, que animava excelsamente José Es-

lavra, pelo gesto e pelo olhar, e não tardava em apossar-se da multidão, arrebatada e unanime. Rebello da Silva exercitára o verbo desde bem novo, pois fôra um dos fundadores da Sociedade Philomatica, grupo em que tambem entravam Andrade Corvo e Thomaz de Carvalho, reunindo-se em frequentes palestras oratorias. Herdára do pae a bossa do discurso;

Paris le 27 Sept 1862

*Monsieur, Le Ministre de Portugal a l'honneur m'a
remis le premier volume de votre ouvrage, le Corpo diplomatico
portugues dont vous voulez bien me faire hommage. Je l'ai eue
avec plaisir et je ne doute pas de tout l'interet de cette
collection puisqu'elle est publiée par un savant que l'Académie
de Science de Lisbonne compte parmi ses membres les plus
distingués. Je vous remercie, Monsieur, et je vous offre l'expression
de mon respect.*

Napoléon

*M^r Rebello da Silva, membre de l'Académie des sciences de
Lisbonne*

FAC-SIMILE DE UMA CARTA DE NAPOLEÃO III

Dirigida a Rebello da Silva

tevão, era n'elle menos atigado e menos repentista, o physico recolhido, a voz não tão modulada e ardente, a mente menos febril, a imaginação mais sobria e dominada. Mas uma vez no rosto, tambem elle se transfigurava, vibrava todo a ponto de não poder esconder o tremor dos dedos nos primeiros periodos do discurso, insinuava-se fundamente pela pa-

e até se conta que uma noite, estava o Rebello da Silva fazendo uma conferencia na Liga Agricola, entrando o pae na sala, tal foi a jubilosa commoção ao escutar-lhe a palavra brilhante, que avançou ovante até á tribuna, abraçando entre lagrimas o orador...

Rebello da Silva entrou na Camara, n'uma epocha agitada, ainda no tempo do conde de



O GENERAL PRIM

Retrato offerecido a Rebello da Silva

Thomar, estreado-se como opposicionista nos primeiros dias da Regeneração. Era Garrett ministro dos Extranjeiros; sendo tambem com o vate de «*Cambões*» que Rebello da Silva se defrontou, com extraordinario brilho, n'um dos seus ultimos triumphos oratorios, quando da discussão da reforma constitucional de 1852.

Aniquilava-se a compleição debil d'aquelle homem na ancia de tanto trabalho. E em tamanho dispendio de energia já o mal, que o havia de prostrar um dia, lhe avançava no intimo, consumindo-lhe o alento e o entusiasmo, o coração que lhe batia aos impetos, fazendo-o levar a mão ao peito n'um gesto triste e acalmante. Pouco tempo tinha para pensar na doença.

Fundado o Curso Superior de Letras, Rebello da Silva foi convidado para a regencia da cadeira de Historia.

As suas conferencias eram feitas

entre applausos e no auditorio selecto punha sempre uma nota de subido apreço a presença de D. Pedro V, mallograda e magnifica figura de homem e de rei. Ao mesmo tempo Rebello da Silva mantinha correspondencia com os mais illustres vultos da intellectualidade europeia d'então, com Paul Gerard, Octave Lacroix, Laveley, Guizot, Michelet, — Victor Hugo escrevia-lhe de Houseville-House, com palavras de admiração pelos trabalhos do historiador; o general Prim enviava-lhe saudações de amigo no momento historico de sua existencia em que, exila-lo da patria e repudiado do solo francez, ia abrigar sua pessoa n'um hotel de Genebra, esperando com tranquillidade de justo uma mudança de ministerio e de situação politica em Hespanha; e Napoleão III mandava-lhe, de seu punho, missivas de grande apreço, sendo até curioso que foi por intermedio do imperador dos francezes que Rebello da Silva e Pinheiro Chagas travaram relações pessoases, trocando opiniões sobre

o movimento litterario da França.

Mas os dias mais deleitosos, gratos e inspi-

*ma part à nos amis le
Marquis — à Santos Silva
— à Silva Carballo y a San-
tura —
Tout à veng de bon veur*

FINAL DE UMA CARTA DO GENERAL PRIM

Dirigida a Rebello da Silva

rados de sua curta existencia, teve-os Rebello da Silva, desde novo, na casa do Valle de Santarem, logar privilegiado pela natureza, sitio ameno e deleitoso, patria dos rouxinoes e das madresilvas, cinctas de faixas bellas e de loureiros viçosos, paysagem extremenha de harmonia immensa, em cujo remanso e convivencia o historiador ia buscar, n'uma doce attracção de alma fatigada, a paz, a saude, o socego do espirito e o repouso do coração. Saciava-se de inspiração farta e de energia pura aquelle romantico incorrigivel, entre as paredes rusticas da sua habitação antiga, mas não delapidada, com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na cõr pelo tempo e pelos vendavaes do sul. Alli teve terna pousada Garrett, quando de sua grata e suave romagem atravez do bucolismo ardente de sua terra; a janella ampla e terrea, rasgada na cercadura viçosa dos festões e grinaldas de madresilvas e musguetes, é a mes-

ma onde Joanninha, a ideal e espiritalissima figura de Joanninha, «a menina dos rouxinoes», meditou sua recolhida e casta paixão de alma, vestida de branco — como a entreviu o poeta — a fronte descachida sobre a mão esquerda, o braço direito pendente, e alçados aos céus os olhos verdes como duas esmeraldas orientaes, transparentes, brilhantes sem preço. Garrett, *o divino*, alli sonhou e concebeu a mais sentimental, intima e deliciosa novella de seu acrisolado romantismo, enamorado perante aquelle balcão mysterioso, vendo raiar

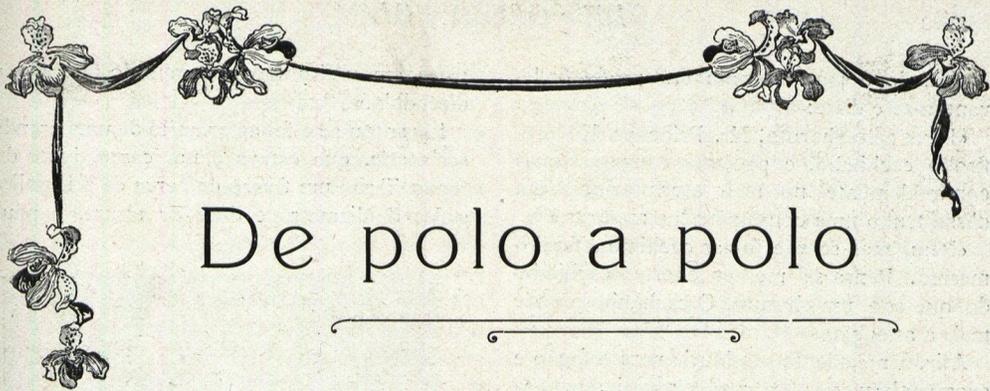
alvoradas de maio e contemplando na tranquillidade melancholica das tardes o esmaecer rubro dos poentes, arrebatando-se-lhe a imaginação n'um santo gozo de alma, por entre as estrophes e desgarradas cantigas dos rouxinoes, a recordar-lhe i'um rebate de sincero bucolismo, o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cahir n'agua de cançado...

José Lobo d'Avila Lima.



CASA NA RUA DA ESCOLA POLYTECHNICA

Onde falleceu Rebello da Silva



De polo a polo

Narração de uma viagem segundo o eixo da terra, colligida dos diários do defunto professor Haffkin e de sua sobrinha, Mrs. Arthur Princeps, por

JORGE GRIFFITH.

«Bem, professor, o que vem a ser isso? Alguma coisa muito importante, supponho eu, em vista do enunciado da sua informação. Qual o resultado final a que chegou? Resolveu o problema da navegação aerea, ou conseguiu projectar alguma luz sobre os dominios da quarta dimensão?

«Não é nada d'isso por enquanto, meu amigo, mas alguma cousa que pode ser igualmente maravilhosa» replicou o professor Haffkin, pondo os cotovellos sobre a mesa e olhando fixamente, por debaixo das sobranceiras grisalhas e encrespadas, para o mancebo que lhe estava sentado defronte, fumando um charuto, com ares meditativos, e bebendo goles de whisky e soda.

«Bem! se é cousa realmente extraordinaria e ao mesmo tempo praticavel — como sabe, as minhas ideias sobre tudo que é pratico são muito amplas — vou até onde chegar o dinheiro. Pelo que diz respeito ao fim scientifico do assumpto, se me disser que sim! é porque sim!»

Arthur Princeps tinha muito boas razões para entrar assim ás cegas n'um projecto, de que nada conhecia a não ser que representava uma especie de jogo scientifico, que lhe poderia custar muitos milhares de libras. Tivera a fortuna de ser discipulo do professor quando estudava na Real Escola de Minas, e, possuindo um dos dotes mais raros, uma imaginação intuitiva, tinha visto muitas possibilidades atravez das malhas da rede verbal das leituras do professor.

Mais tarde, os bons destinos abençoaram-n'ó

com um duplicado dote. Tinha uma sede ardente e insaciavel d'aquelle genero de conhecimentos, que se satisfazem sómente com a demonstração de factos incontestaveis. Havia sido um estudante de sciencia physica, simplesmente porque não podia despender mais; seu avô deixára-lhe depois fóros em Londres, Birmingham, Manchester, e minas de carvão e ferro em meia duzia de condados, que produziam um rendimento fora do vulgar.

Ao mesmo tempo, herdara de sua mãe e de sua avó aquella especie de intellecto, que o habitava a considerar toda esta riqueza como simples meio para conseguir um fim.

Tempo depois, sendo examinado por Haffkins em mathematica applicada, na Universidade de Londres, fez tão boa figura que o professor se lhe dirigiu, depois de elle ter tomado o grau, pedindo-lhe, em termos breves mas firmes, o favor das suas relações pessoaes. Deu isto em resultado uma intimidade intellectual que não sómente produziu resultados satisfatorios debaixo do ponto de vista social e scientifico, mas tambem pelo lado material e proveitoso.

O professor era homem rico em ideias, mas relativamente pobre em dinheiro. Arthur Princeps tanto possuía ideias como dinheiro, e em resultado d'este conjuncto de personalidades, o homem de sciencia tinha apresentado milhares dos seus inventos, enquanto o homem scientifico em finanças apresentava e explorara dez mil, e foi d'isto que se tratou entre elles n'aquella tarde em que jantaram em *tête-à-tête* na casa do professor, em Russell Square.

Quando o jantar terminou, o professor levantou-se e disse:

«Puxe pelo charuto, Mr. Princeps. Eu prefiro o cachimbo, e podemos conversar mais commodamente no meu escriptorio. Além d'isso tenho uma cousa para lhe mostrar.»

«Bem, mas se vae fumar cachimbo, farei o mesmo. Pensa-se melhor com o cachimbo do que com um charuto. O cachimbo prende mais a attenção.»

Atirou metade do seu Muria para o fogão e acompanhou o professor ao santuario, que era meio gabinete de estudo, meio laboratorio, e além d'isso uma sala muito confortavel. D'um lado estava ardendo carvão e lenha n'um fogão de genero antigo, e do outro havia uma bonita cadeira de braços, estofada e commoda.

«Agora, Mr. Princeps,» disse o professor, depois de se sentarem, «vou pedir-lhe que tenha alguma crença no que ousou dizer-lhe e que talvez julgue impossivel.»

«Meu caro senhor, se a julga possivel, isso é o bastante para mim,» replicou Princeps. «O que vem a ser?»

O professor tirou uma grande fumaça do cachimbo e tendo voltado a cabeça de modo que os seus olhos fitassem bem os do convidado, replicou:

«É uma viagem atravez do centro da terra.»

Arthur Princeps trincou o ambar do cachimbo, endireitou-se na cadeira, pegou no cachimbo, deitou no fogão os bocados de ambar, e disse:

«Peço perdão, professor — atravez do centro da terra? Ha pouco estive lendo um artigo n'um dos jornaes scientificos, que demonstra que o centro da terra — por assim dizer, o caroço da noz terrestre — é um corpo rigido e solido, mais duro e mais denso do que tudo que conhecemos á superficie do globo.»

«Era perfeitamente isso, perfeitamente isso,» replicou o professor. «Tambem li o artigo, e admitto que o raciocinio não seria mau, mas pareceu-me atrazado. Acho, comtudo, que posso manifestar-lhe o que penso a tal res-

peito em muito menos tempo do que levo a dizer-lh'o.»

Levantou-se e foi ao armario de uma grande secretaria, que estava a um canto, junto do fogão Tirou um frasco de cerca de seis pollegadas de diametro e doze de altura, e pou-



OLHANDO POR CIMA DA GRANDE MURALHA DE GELO DO SUL

sou-o devagar sobre uma meza pequena, collocada entre commodas cadeiras.

Princeps deitou-lhe os olhos e viu que estava cheio de um liquido que parecia agua. Exactamente ao meio, entre a superficie do liquido e o fundo do vidro havia um globo espherico d'uma côr amarella escura, e,

pouco mais ou menos, de uma pollegada de diametro. Quando o professor collocou o vidro sobre a meza, o globulo oscillou um pouco e afinal ficou parado. *Princeps* levantou ligeiramente as palpebras, mas não disse nada. O dono da casa voltou ao armario e tirou uma agulha de aço, comprida e fina, com um disco de metal delgado a tres pollegadas d'uma das extremidades. Mergulhou-a no liquido do vidro e passou-a atravez do centro do globulo, que se dividiu quando o disco o atravessou, e que logo em seguida retomou a primitiva forma espherica.

O professor levantou os olhos e disse exactamente como se estivesse leccionando :

«Isto é um globulo de oleo córado. Fluctua n'uma mistura de agua e alcool, que tem exactamente o mesmo peso especifico do que elle. D'este modo, representa tanto quanto possivel a terra na sua primeira condição de fusão, fluctuando no espaço. A Terra tinha então, como agora, um movimento de rotação em torno do seu eixo. A agulha representa este eixo. Dou-lhe um movimento de rotação e veremos o que succedeu ha milhões de annos ao então novo planeta a Terra».

Emquanto dizia isto, começou a fazer girar a agulha suavemente, mas com uniformidade, entre os dedos indicadores. O globulo achatou-se e alargou para os lados até se transformar n'um anel, com a agulha e o disco no centro; depois o movimento da agulha tornou-se mais lento. O anel passou novamente a ser um globulo, mas achatado em ambos os polos, havendo um canal circular perfectamente definido atravez d'elle, de polo a polo. O professor, com toda a dextreza, tirou a agulha e o disco atravez do canal, e o globulo continuou a girar á roda da abertura central.

«Isto é o que eu quero significar», disse elle. «Certamente, não deseja que eu desça a portmores. Ali está a terra que é como eu a creio hoje, salvo algumas excepções, o que promptamente veremos.

«A crosta exterior amolleceu. No interior d'ella ha uma esphera semi-fluida, na qual existe, provavelmente, o corpo rigido, o amago da terra. Mas não creio que a cavidade se tenha enchido, simplesmente porque deve ter existido desde o começo. Admittido tambem que a attracção da gravidade é para o centro, se ha um vasio d'um polo ao outro polo, conforme sustento que deve haver, como consequencia natural da força centrifuga pro-

duzida pela rotação da Terra, a massa do planeta ha de desarreigar-se da cavidade em todos os sentidos egualmente».

«Parece-me que já vejo» disse *Princeps*, em cujo espirito as espantosas possibilidades d'esta simples demonstração tinham penetrado vagarosamente. «Sim! Vejo! Admittida a cavidade de polo a polo—chamemos-lhe tunnel—um corpo que n'elle cahisse por uma das extremidades seria arrastado para o centro, ultrapassal-o-hia com enorme velocidade, e seria levado para a outra extremidade; mas como a attracção da massa da Terra se exerceria egualmente em todos os sentidos, tomariam um caminho perfectamente recto, querodizer, não se esmagaria de encontro ás paredes do tunnel.

«A unica difficuldade que vejo é que, suppondo-se que o corpo era lançado no tunnel do lado do polo norte, ser-lhe-hia impossivel alcançar o polo sul. Pararia e voltaria para traz, e assim oscillaria, semelhante a um pendulo, com uma oscillação sempre decrescente, até que afinal permaneceria em repouso no meio do tunnel, ou, por outra, no centro da Terra».

«Exactamente» disse o professor. «Mas não seria possivel por alguns meios impellir o projectil para fóra da attracção do centro, empregando-os exactamente no instante em que o movimento do corpo fosse contrariado pela attracção para o centro?»

«Perfeitamente praticavel,» disse *Princeps*, «comtanto que houvesse entes racionaes no citado projectil. Bem, nesse caso, professor, parece-me que o percebo agora. Acredita que esse tunnel, como nós lhe podemos chamar, corre atravez da Terra, de um polo a outro e deseja ir a um dos polos para fazer a viagem pelo tunnel. É uma ideia esplendida! Diga-me que a julga realisavel, e estou ás suas ordens. Se quer emprehender os preparativos, pode sacar sobre mim até á quantia de cem mil libras; e, quando estiver tudo prompto, partirei comsigo. De que polo entende que devemos partir?»

«O polo norte» respondeu *Haffkin* serenamente, como se fallasse da cousa mais simples d'este mundo, «posto que não descoberto ainda, é considerado já como um pouco vulgarisado. Proponho que partamos do polo sul. É uma excellente cousa que seja tão generoso no tocante a meios pecuniarios. De certo comprehende que não podemos ter esperança em qual-

quer recompensa monetaria, e é tambem muito possível perdermos a vida na realisação da empreza.»

«Todo aquelle que se prende com insignificancias nunca pode praticar grandes feitos», replicou Princeps. «Emquanto a dinheiro, nem vale a pena pensar n'isso. Tenho-o a faltar — mais do que é licito possuir. De mais a mais poderemos encontrar oceanos de ouro, meio derretido, lá dentro. Quando o meu amigo estiver prompto para partir, tambem eu estou.»

II

Perto de dois mezes depois d'este colloquio, alguma cousa mais aconteceu. A sobrinha do professor, unica parenta que lhe restava, voltou de Heidelberg com o grau de doutor em philosophia. Era «uma filha dos deuses, divinamente alta e muito mais divinamente formosa», como acontece n'aquelles em cujas veias corre o sangue norte e anglo-saxonico. Certas experiencias anteriores levaram Princeps ao convencimento de que ella o amava immensamente pela sua pessoa, mas que chegava quasi a detestá-lo pelo seu dinheiro — facto este que algum tanto lhe fez parecer que a posse de milhões era cousa muito pouco vantajosa.

Ora aconteceu que Brenda Haffkin voltou a Londres no dia seguinte áquelle em que fôra tudo combinado para a expedição mais estupenda e aparentemente impossivel que dois seres humanos tinham ainda resolvido tentar.

O governo britannico e a Real Sociedade de Geographia de Londres tratavam de fazer partir dois navios — uma velha baleeira, e um incapaz e antigo cruzador que escapára difficilmente a um bombardeamento de exercicio — para as geladas regiões do Antartico. Um esplendido auxilio para os fundos da expedição foi o ter-se alcançado passagem no cruzador para os aventureiros e para cerca de dez toneladas de bagagem.

Brenda soube do grande segredo uma semana, pouco mais ou menos, antes da partida. O tio expoz-lhe a theoria do projecto, e Arthur Princeps explicou os passos que ainda tinham para dar. Fosse qual fosse a sua opinião, ella não deu o minimo signal de crença ou descrença; mas quando o professor acabou de falar, Brenda voltou-se para Princeps e disse muito tranquillamente, mas com intenso

brilho n'aquelles grandes olhos castanhos, para os quaes elle tantas vezes olhára com impaciencia :

«Vae realmente na expedição, Mr. Princeps? Consente em arriscar-se a morrer de fome ou de um desastre mais do que provavel? E não hesita, além d'isso, em gastar uma grande porção de dinheiro — embora o tenha em quantidade sufficiente para comprar tudo o que o mundo lhe pode vender?»

«O que o mundo pode vender, Miss Haffkin, — ou, por outras palavras, o que o dinheiro pode comprar — tem pouquissimo prestimo, além do que é necessario para a vida. O que o dinheiro não pode comprar, o que o mundo não consegue vender, é que tem realmente o maior valor. Sabe o que quero dizer», acrescentou elle, mettendo as mãos nas algibeiras, e voltando-se a fim de olhar para fóra da janella. «Mas peço-lhe perdão. Não tencionava referir-me novamente áquelle velho assumpto, affirmo-lhe.»

«E vae realmente na expedição?» perguntou Brenda, com deliciosa incoherencia, que, n'um bello doutor em philosophia, era inteiramente irresistivel.

«Certamente que vou. E porque não? Se descobrirmos que effectivamente ha um tunnel atravez da terra, se entrarmos n'elle no polo Sul e sahirmos no polo Norte, e se tirarmos uma serie de photographias electro-cinematographicas da crosta e do coração da terra, faremos uma cousa que ninguem mais pensou ainda em fazer. Com isto ganharemos alguns milhões, além da gloria.»

«E supponha que não o consegue? Supponha que o maravilhoso aparelho ideado por meu tio se submerge n'esse abysmo sem fundo, e não reaparece na outra extremidade? Supponha que o explosivo erra fogo na peor occasião, quando tiverem quasi attingido o polo norte? Voltarão para traz para além do centro da terra e andarão assim para traz e para deante, até o aparelho, d'aqui a dois ou trez seculos, ficar immovel no meio do planeta com um par de esqueletos no bojo. Que me diz a isto?»

«Levamos comnosco uma pharmacia, e não supponho que nos seja necessario esperar a fome.»

«Seriamente! Propõe-se a arriscar a vida e todo o seu esplendido futuro pelo simples acaso de conseguir uma coisa quasi impossivel e phantastica?»

«Crea que é isso mesmo o que me attrae. Não vejo como um homem na minha posição possa gastar melhor o seu dinheiro e arriscar melhor a sua vida.»

Sucedeu um curto silencio, depois do qual Brenda disse, com a voz alterada :

«Se realmente vae, eu gostava de ir tambem.»

«Só o pode fazer, Miss Haffkin, com uma condição.»

«Qual é ?»

«Obrigar-se a responder sim ao pedido, a que deu, ha nove mezes, um redondo não. Pode chamar a isto abuso ou suborno. Pouco importa ! É o que é. Ah ! Como estou absolutamente resolvido a tomar parte na expedição, deixe-me dizer-lhe tambem, que, se eu não voltar, o meu procurador lhe communicará uma coisa que talvez lhe seja vantajosa.

«Preferia ir trabalhar n'uma officina, a aceitar semelhante offerta,» redarguiu Brenda. «Se consente em que eu vá, acompanhal-o-hei!»

«Adivinho que o «não» se tornou em sim !» exclamou Princeps, approximando-se para lhe agarrar na mão.

«Sim,» respondeu Brenda, olhando para elle afoitamente. «Já vê que ha nove mezes eu não o julgava capaz das grandes coisas, que vae agora effectuar. Concorria para a má impressão que me causava, a sua abominavel riqueza. Hoje confesso o meu erro...»

Quando proferiu estas ultimas palavras, já estava nos braços de Princeps, e a discussão teve rapidamente uma conclusão satisfatoria, se bem que em parte silenciosa.

III

O modesto casamento feito, mediante licença, em Saint Martin, Gower Street, e a viagem de Southampton para Victoria Land foram muito semelhantes a outrós esponsaes e a outras viagens ; mas quando a baleeira Australia e o cruzador Bellona de Sua Magestade Britannica deixaram cahir as ancoras na sombra fumarenta do monte Terror, abriram-se as caixas mysteriosas, e os officaes e a tripulação dos dois navios começaram a ter graves suspeitas sobre o estado mental dos tres passageiros.

As caixas, trazidas para o convez com o auxilio de monta-cargas, foram desfardadas. Os barcos estavam sobre uma ponta de areia e gelo de cerca de cem jardas. Para além er-

guia-se uma limpida muralha de gelo com cerca de mil e oitocentos pés de altura. D'um lado ficava tudo o que era conhecido do Antartico, Do outro, o desconhecido.

Quasi todas as bagagens eram muito peçadas. Muitas e phatasiosas foram as conjecturas com relação a poder o conteúdo d'estas caixas ser utilizado nos mais remotos confins da Terra.

Os homens experimentados só anteviam insanias— ou, pelo menos, um emprehendimento impraticavel e sem esperança— em presença d'aquelles extranhos aprisionamentos. Havia cerca de dois mil pequenos cylindros d'um metal notavelmente leve, com buracos para torneiras em ambas as extremidades. Havia tambem originaes aprestos, que, uma vez desembarcados, de qualquer modo se arrumaram em uma especie de trenós munidos, d'um lado e outro, de rodas dentadas. Viam-se igualmente balões pequenos, que se enchiam ás torneiras dos cylindros, e que subiam presos a grandes papagaios de papel, de forma quadrangular ou com o feitio de uma caixa. Quando o vento se tornou sufficientemente forte, e soprou na direcção exacta para o polo sul, um systema combinado d'estes papagaios de papel levou consigo o professor Haffkin e Mr. Arthur Princeps, e, depois de muitos protestos, Mrs. Princeps.

Esta, como tivesse chegado a maior altura, contou, depois de descer, que tinha visto o que nenhum ser septentrional ainda podera admirar.

Por sobre a grande muralha de gelo do sul, descortinara uma planicie sem fim de campos de neve, aqui e alem quebrados por montanhas de gelo, mas, tanto quanto lhe fora possivel alcançar com a vista áquella distancia, cortados por valles de neve; camadas de gelo perfeitamente lisas e compactas estendiam-se na direcção do sul.

«Nada», disse ella, «podera estar mais bem disposto, mesmo tendo sido feito por nós; e ha uma cousa absolutamente certa— admittido que o tal buraco atravez da terra exista realmente, é que não deve haver difficuldade alguma em alcançal-o.

«O vento parece soprar sempre na mesma direcção, e com os carros-trenós e os balões auxiliares devemos com facilidade fazer percurso. São apenas mil e duzentas milhas, ou pouco mais, não é assim?»

«Pouco mais ou menos,» disse o professor, abrindo os olhos mais do que costumava.» E

agora que já temos toda a nossa bagagem em terra, e, até onde nos é licito prever, tudo o que nos poderá evitar qualquer desastre, digamos adeus aos nossos amigos e ao mundo. Se voltarmos, será *via* polo norte, depois de conseguir o que os scepticos chamam impossível».

«Porém, minha querida Brenda», disse-lhe o marido, «não achas que seria melhor voltares para traz? Para que has de arriscar a vida e todas as tuas aspirações em tal aventura?»

Ao que ella respondeu promptamente:

«Se te arriscares, também eu me arrisco, e desisto se tu desistires. Pois não estás ainda certo de que somos uma só e a mesma pessoa, na realização de qualquer projecto, de qualquer designio? Se fôres também eu vou, por maiores que sejam os perigos atravez d'esse caminho, que, podendo levar-nos á morte, pode também conduzir-nos á maior gloria que até hoje conquistaram creaturas humanas. Pediste-me que escolhesse, ja escolhi. Desapparecerei contigo no desconhecido ou contigo voltarei á superficie da Terra, junto ao polo norte, no meio de uma aureola de gloria tão deslumbrante, que eclipsará o brilho das proprias auroras boreaes! O que tu passares, passal-o-hei também, e o dinheiro deixado em Inglaterra que trate de si proprio até nós voltarmos. É tudo que tenho a dizer-te».

«Não preciso ouvir-te nem mais uma syllaba. Disseste o que eu queria que disseses, exactamente o que suppuz que dirias, o que, além de ser bom, é o bastante para mim. Quer vamos do sul ao norte atravez do centro da terra, quer tenhamos que parar ou sejamos esmagados a meio caminho ou em qualquer outra parte, estaremos juntos, sempre juntos! Se se der o inevitavel, matar-te-hei primeiro, e suicidar-me hei depois. Se fizermos a travessia, seremos, aos olhos de todos, justamente o que penso que tu és agora, e... Bom! Já disse o bastante a este respeito, não é verdade?»

«Quasi», disse ella, «falta ainda...»

Lendo o que estava escripto sinceramente nos olhos, da esposa, Arthur Princeps apertou-a contra si. Os labios encontraram-se e acabaram a phrase com mais eloquencia do que o fariam quaesquer palavras.

«Eu sabia que havia de ser aquella a tua resposta», disse-lhe elle em voz baixa, passado um momento.

«Nem tu me escolhias para tua mulher, se eu fosse capaz de responder-te de outro modo».

«Não escolhia, confesso, embora esta confissão tenha um tanto de brutal».

«Se me pedisses, fazendo outro juizo de mim» disse Brenda, fitando-o uma vez mais, «eu teria dito não, como já te respondera». E olhava-o d'uma maneira seductora emquanto dizia isto. Princeps puxou-a para si, segredando-lhe:

«Por ventura te compenetraste alguma vez de que ha muito maior prazer para um homem em beijar labios que uma vez lhe disseram «Não», e depois «Sim», do que os labios que sempre disseram «Sim»?»

«Que vantagem tão pequena a tirar d'uma fraca mulher...!»

Um beijo terminou a phrase incompleta.

«E quando partiremos?» perguntou Brenda afinal.

«Amanhã de manhã, ás sete horas, isto é, pelos nossos relogios, não pelo sol. Tudo está agora na praia, e não nos demoraremos mais. Vou ter com o professor, para ajudal-o nos ultimos preparativos. Estou que tu vaes para a barraca, tratar dos arranjos domesticos».

E assim se pronunciou o mais momentoso «Boa noite» trocado entre um homem e uma mulher desde que Adão beijou a Eva no Paraíso e lhe disse também «Boa noite!»

IV

No dia seguinte, quer dizer, decorridas umas doze horas contadas pelos chronometros da expedição, visto que o pallido sol apenas descrevia um pequeno arco sobre o horizonte boreal, não mergulhando n'elle durante trez mezes pouco mais ou menos, os membros da expedição de Polo a Polo disseram adeus aos companheiros que os tinham seguido até ali.

Soprava uma briza forte e constante exactamente do norte.

Os grandes papagaios, em forma de caixa, subiram, em numero de seis, presos a finos cabos feitos de cordas de piano.

Os mais leves aprovisionamentos eram conduzidos em barquinhos pelos balões.

Princeps e Brenda tinham ido primeiro para cima nos pequenos estrados pendentes.

O professor ficara na praia com os marinheiros do cruzador, que, cheios de prazer

e no meio de galhofa foram dando ajuda á obra mais extravagante que ainda marinheiros britânicos ajudaram a pôr em pratica:

Os reparos que faziam entre si constituíam um commentario da expedição tão original como claro e exacto. Deu-se, comtudo, a desvantagem de que não foi possível imprimil-os.

Haviam passado doze horas mais, quando o professor, tendo apertado a mão a todas as pessoas que o rodeavam, o que andou entre trezentos a quatrocentos apertos de mão, tomou logar no pequeno estrado pendente do ultimo papagaio e foi voando rapidamente para o cimo da muralha de gelo. Cordeaes vivas de quinhentas gargantas, e os estampidos dos cartuchos do cruzador, repercutiram-se sobre as muralhas de eterno gelo que guardavam as solidões do Antartico, até então impenetraveis, á medida que o pequeno estrado percorria o cimo da muralha. Um puxão na corda pendente fazia com que o grande papagaio não se afastasse muito da superficie da terra.

Á medida que o cabo ia afrouxando soltavam-n'o das suas amarrações na praia. Uma machininha, movida por ar liquido, alava-o n'um tambor.

Tres figuras minusculas appareceram no extremo do rochedo de gelo e ondularam o derradeiro adeus aos navios e á multidão apinhada na praia, ficando assim cortado o ultimo, laço entre elles e resto do mundo, provisoriamente, ou, como todos os que acabavam de vel-as partir firmemente criam, para sempre.



Os tres membros da Expedição de Polo a a Polo bivacaram n'aquella noute abrigados por um outeiro de neve; e, depois d'um bom somno de doze horas, fizeram os preparativos para a ultima travessia, mas uma das mais maravilhosas, da viagem. Havia quatro trenós. Um formava, por assim dizer, o wagon da bagagem. Levava os cylindros de gaz, a maior parte das provisões, e o vehiculo destinado a transportar os tres aventureiros do polo sul ao polo norte, atravez do centro da terra, desde o momento em que a theoria do professor, a respeito da existencia do tunnel terrestre, fosse exacta. Estava enfardado em secções, que se reuniriam quando se chegasse á beira da grande cavidade.

O trenó podia ser conduzido de duas maneiras. Emquanto o vento norte-sul soprasse bem, seria arrastado sobre a camada compacta de gelo, que se estendia por aquella planicie sem fim, até onde a vista podia alcançar do cimo da muralha de gelo, em direcção ao horizonte atraz do qual estava o polo sul e, talvez, o tunnel. Era tambem acompanhado de uma machina de ar liquido, que fazia girar quatro grandes rodas dentadas, duas na frente e duas atraz. Estas, quando o vento falhasse, cortariam o gelo e conduziriam os corredores do trenó sobre a planicie com a velocidade maxima de vinte milhas por hora. A machina, podia, de certo, utilizar-se conjuntamente com os papagaios quando o vento fosse brando.

Os tres outros trenós eram mais pequenos, mas semelhantes em construcção e moviam-se do mesmo modo, tendo cada um os seus papagaios e a machina de ar liquido. Um levava uma reserva de provisões, boiões e carros de verga, com uma duzia de cylindros. Outro transportava os utensilios de cozinha e as barracas; e o terceiro os tres passageiros, com os seus pertences pessoaes, nos quaes, entre outras cousas desusadas, se incluíam uma lampada de alcool e um par de ferros de frisar e ondear o cabello.

Todos os trenós eram jungidos uns aos outros, indo na frente o maior. Seguia-se o carro dos papagaios, e no fim os outros dois ao lado um do outro. Para o caso de accidente, havia

disposições que permittiam apanhar immediatamente o trenó que se perdesse. Os papagaios, se o vento soprasse a grande altura, podiam ser esvaziados e trazidos para baixo, por meio de cordas que tinham pendentes.

Corria uma brisa de vinte milhas quando os papagaios partiram, depois do almoço. Os trenós jungidos estavam presos por cabos a cavilhas enterradas no gelo. Os papagaios alcançaram uma altitude de cerca de mil pés, e os trenós começaram a levantar-se e a entesar os cabos da amarração como se fossem seres vivos. O professor e Princeps cortaram todas as cordas excepto uma antes de tomarem logar no trenó, por traz de Brenda. Então Princeps deu-lhe a faca, e disse:

«Partamos!»

Brenda passou, para traz e para deante, o gume afiado da faca sobre o cabo retesado. O trenó, como impellido por uma mola, partiu, e assim abalou a maravilhosa caravana, com um impulso tal que a fez cahir para traz sobre os assentos.

Os outeirinhos de gelo começaram a fugir para a retaguarda. Os vestigios deixados no gelo pelos velozes corredores iam-se estendendo, convergindo como as linhas dos carris quando, voltando-nos para traz, por elles alongamos a vista. O ar frio e penetrante fustigava os viajantes e depressa os obrigou a proteger as faces com mascaras de phoca, que deitaram abaixo dos seus capacetes; mas, ande Brenda puxar a sua, tomou um longo hausto do ar gelado e disse:

«Ah! Isto é o mesmo exactamente que beber champagne nevado! Que maravilha!»

Respirou novamente, puxou a mascara para o rosto, metteu um dos braços no braço do marido e o outro no do tio, chegou-os para si, e desde aquelle momento consagrou todos os olhares, que dardejavam atravez da lamina de crystal da mascara, áquella estranha paysagem, que ondulava ligeiramente, e para os grandes papagaios, que se erguiam elevando-se nos ares com uma brancura monotona que contrastava com o escuro azul do firmamento, e que velozmente os conduziam para o Desconhecido e, talvez, para o Impossivel.

(Conclue no proximo numero.)



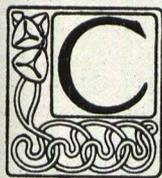


A Inquisição

O PADRE ANTONIO VIEIRA julgado por ella

(Artigo fundado no respectivo processo inedito que se encontra na Torre do Tombo).

A prisão d'um jesuita pelo Santo Officio — O que pensaria Santo Ignacio de Loyola



CONTA-SE que, no dia primeiro de outubro de 1665, junto do tumulo de Ignacio de Loyola — o patriarcha da Companhia de Jesus — se sentira um estranho ruido, como de revolver agitado de cinzas; e sabe-se que n'esse dia, deu entrada nos carcerees *de custodia* da inquisição de Coimbra o maior vulgo do Portugal d'então, o jesuita Antonio Vieira.

Ao que parece o sonhador de Manresa não ficara satisfeito com o facto de lhe lançarem o descredito sobre um filho dilecto e sentira-se intimamente repeso dos esforços por elle feitos, havia já um seculo, em favor da causa inquisitorial.

Mais uma vez se lhe provaria que a Humanidade é toda do mesmo barro vil e que as papoilas mais altas são as que tiram a vista ás hervas damninhas e por isso são por estas sacrificadas e destruidas.

D'ahi a sua indignação que lhe fizera referver no sangue a parcella que restava ainda do heroico e intrepido defensor de Pamplona!

Quando o *Padre Mestre Ignacio*, como lhe chamam os documentos portuguezes do tempo, se dirigia a el-rei D. João III para o conciliar com o Summo Pontifice por causa da Inquisição, mal pensaria que volvidos muitos annos, sob as garras da sua protegida havia

de cair o Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus.

Um carcere iusupportavel — Pedido de commutação desattendido

Antonio Vieira foi pois recluso no carcere da Inquisição de Coimbra e durante quarenta e quatro dias, tanto gemeu e penou que outro remedio não teve senão pedir que o transferissem para o seu collegio ou o internassem em qualquer convento de religiosos. O carcere do Santo Officio de Coimbra era humido e frio, muito exposto ao vento norte, e para mais Vieira tinha sido preso ainda em convalescença, já lá dentro tivera tres ameaças de rechida, com febre e hemoptyses e quando assim era no outomno, que faria em vindo os rigores do inverno?!

Além d'isso precisava de quem lhe escrevesse a allegação da sua innocencia, o que elle não podia fazer com a ameaça constante d'uma ethica, que o ia minando, e precisava d'uma copiosa livreria, principalmente de theologos e juristas, para o auxiliarem n'essa elaboração.

Nada d'isto porém lhe foi concedido e o Padre Antonio Vieira, conhecido pelo leitor illustrado dos seus sermões tão orthodoxos e as suas cartas tão moraes estava ali encerrado, como o ultimo do blasphemos que negasse a divindade de Jesus ou cuspiisse na hostia consagrada!...

Porque seria isso? De que o accusavam? E' o que nos respondem as suas

Denunciações

Vinha de longe o trama contra o grande orador sagrado.

Já em 19 de janeiro de 1649, Martim Leitão, um jesuita, lente de vespera de theologia, no collegio de Santo Antão, vinha denuncia-lo porque, em conversa consigo e com o Padre Francisco Soares, lente de prima de theologia do collegio de Coimbra, fallara em possuir dois livros de prophecias, um intitulado *Vates*, que elle não lia por não serem catholicos.

No dia 20 de novembro de 1656 o prior da igreja da Magdalena, Jeronymo d'Araujo, tambem vinha declarar que em sua casa tinha fallecido um capitão Antonio Lameira que lhe afirmara ter ouvido proposições avançadas não só a Antonio Vieira como aos outros padres residentes com elle no Maranhão. E a 13 de abril de 1660, o jesuita André Fernandes, bispo do Japão, era intimado a mostrar no Santo Officio o escripto do Padre Antonio Vieira, intitulado *Esperanças de Portugal* que elle lhe remettersa do Maranhão.

Com effeito no dia 16 era o manuscripto remettdo á Inquisição com uma carta em que André Fernandes dizia que o seu auctor «falou só segundo sua opiniam ou affeiçam, que lhe fez avaliar ao Bandarra por profeta d'El-Rey Dom Joam, como a outros d'El Rey Dom Sebastiam.»

Esta foi a base da investigação e da accusação inquisitorial.

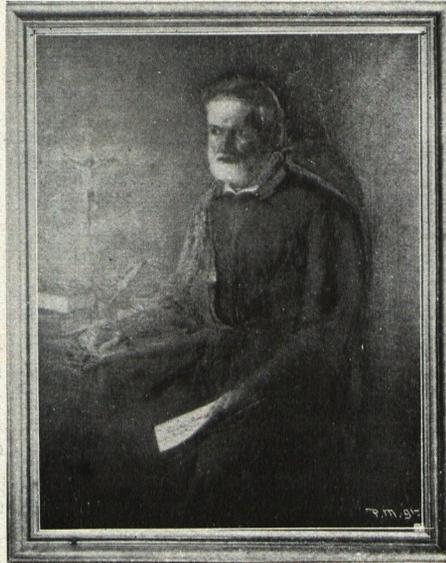
No entretanto, já de depois de preso, duas denunciações se fizeram contra elle. Uma de Manoel Ferreira, administrador geral do provimento da fronteira da Beira, a 2 de novem-

bro de 1665 e outra do medico Fernão Sardinha.

Disse Manoel Ferreira que da primeira vez que o Padre Antonio Vieira foi a Hollanda, ao desembarcar na Rochella, tinha dito para elle e para o jesuita Antonio de Mello, que o acompanhava, quão util seria ao reino favorecer os christãos novos não fazendo caso d'elles não irem ás egrejas e de esperarem pelo Messias, chegando em tal sentido a apresentar memorias a D. João IV. A 30 de junho de 1666, o

dr. Fernão Sardinha, medico da camara de El-Rei, vinha sobre-carregar-lhe as culpas, affirmando que ha dezaseis annos — como era fiel a memoria do delator! — lhe ouvira dizer, por occasião de uma doença de que o tratava, que para conservação do reino era necessario admittir n'elle publicamente os judeus.

D'esta forma ficou tambem o Padre Antonio Vieira como suspeito de judaismo.



O PADRE ANTONIO VIEIRA
(Cópia de um quadro)

Qualificação do escripto de Vieira — *Esperanças de Portugal*

Assente a base da accusação o primeiro cuidado do Santo Officio foi definir a culpabilidade que para o illustre jesuita resultava da obra *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo, Primeira e Segunda Vida d'El-Rei D. João IV, escriptos por Gonçalo Annes Bandarra.*

Foi Frei Nuno Viegas quem em 12 de agosto de 1660, deu primeiramente o seu parecer, opinando que o melhor seria *manda lo recolher e sepulta-lo para sempre.* Entendia o qualificador que a proposição do Bandarra ser propheta verdadeiro era erronea, porquanto para isso era preciso ter elle revelação divina e não constava que as trovas do Bandarra fossem authenticadas pela Igreja.

Tambem o qualificador Frei Jorge de Carvalho foi intimado a examinar o livro do Pa-

dre Antonio Vieira que continha a explicação dos prophetas; com effeito, em 16 de abril de 1663, communicou, a proposito do livro *Clavis Prophetarum*, que Antonio Vieira estava compondo, que este lhe dissera, fundando-se n'uma epistola de S. Paulo, que a duração da Egreja se devia computar pela vida de Christo. Ainda outras cousas lhe affirmara, mas todas, referindo-se a um livro só existente *na sua memoria*.

Ao que parece porém os inquisidores reconsideraram. E a censura do escripto de Vieira, a principio determinada para os qualificados de Portugal só foi depois exercida pela Sagrada Consagração do Santo Officio em Roma.

Assim tinha ella outra auctoridade e a Inquisição podia apresentar-se mais ativa e senhora de si, perante réo de tanto valor intellectual.

Os theologos romanos affirmaram pois que o escripto de Vieira não continha senão vaidades e falsas insanias — *vanitates et insanias falsas* e por aqui se calcula bem como os inquisidores portuguezes ficariam radiantes e satisfeitos!

O primeiro interrogatorio de Vieira — Suas confissões — Jesuita e protector dos judeus — Jesuita e credulo nas prophecias do Bandarra

No dia 21 de julho de 1663 subia as escadarias da casa do oratorio da Inquisição de Coimbra o Padre Antonio Vieira, *religioso professo da Companhia de Jesus, assistente no collegio d'essa cidade*. Dava entrada na sala das audiencias pela manhã e promptamente jurava dizer a verdade e ter segredo. Quem o interrogava era o inquisidor Alexandre da Silva, nome assaz desconhecido, mesmo d'aquelles que mais se tem enfrornado na historia da epoca.

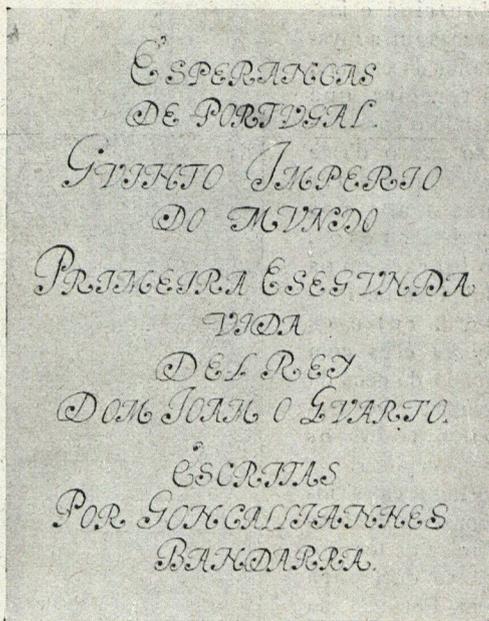
A primeira pergunta que lhe fizeram foi se suspeitava porque era chamado, a que Vieira respondeu negativamente. Em seguida perguntaram-lhe se, por palavras ou por obras, disséra alguma coisa, cujo conhecimento pertencesse ao Santo Officio.

Começam então as suas confissões:

O Padre Antonio Vieira disse que havia 14 ou 15 annos, na cidade de Lisboa, a instancias do deputado do Conselho Geral, Sebastião Cesar de Menezes, e do Conde Camareiro Mór,

D. João de Sá, compuzera um escripto politico, cujo principal assumpto era inculcar alguns meios mais proprios para a conservação d'este reino, entre os quaes era o acrescemento do commercio fazendo favor aos homens de negocio e que este favor, quanto aos judeus fosse o que Sua Santidade lhes concedesse.

Confessou tambem que haveria 13 annos, por occasião da sua vinda de Hollanda, propoz a el-rei D. João IV, que, sendo verdade alguns christãos novos sahidos de Portugal passarem a viver no norte da Europa, e sendo



Frontispicio do original do escripto do Padre Vieira que principalmente fundamentou a sua condemnação

christãos verdadeiros tornarem-se judeus, perdendo-se assim suas almas e as de todos os seus descendentes, acrescendo que os Portuguezes eram tidos n'aquellas paragens como judeus, propoz o Padre Antonio Vieira certos remedios para tal. Quaes elles fossem não se lembra.

Sabe porém que o deputado do Conselho Geral, bispo de Elvas, Pantaleão Rodrigues Pacheco, não approvou esses meios e por isso nunca mais fallou no assumpto.

Disse mais que, de ha 20 annos para cá, em sitios e tempos de que não está lembrado, ti-

nha dito causem-lhe tres cousas grande sentimento.

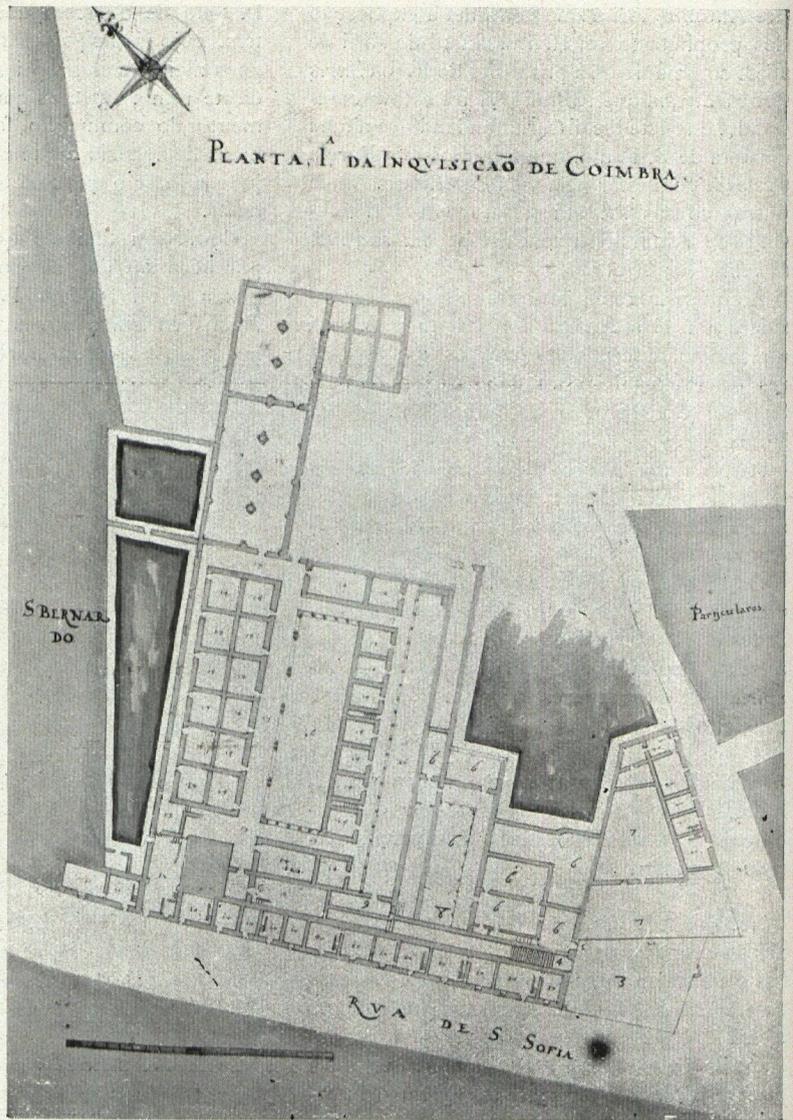
A primeira misturarem-se os christãos velhos, por casamento, com christãos novos; a segunda perderem-se muitas almas dos mesmos christãos novos por falta de doutrina e instrucção nos mysterios da santa fé; a terceira, que sendo o commercio nervo d'este reino, por estar nas mãos dos christãos novos, o lograssem os inimigos de Portugal, entre os quaes elles com medo da pena da confiscação, traziam todos os seus capitaes.

Para estes inconvenientes lembra-se de ter proposto que, para em Portugal se differencarem os verdadeiros christãos dos judeus, se poderia conceder a estes o terem liberdade de consciencia em

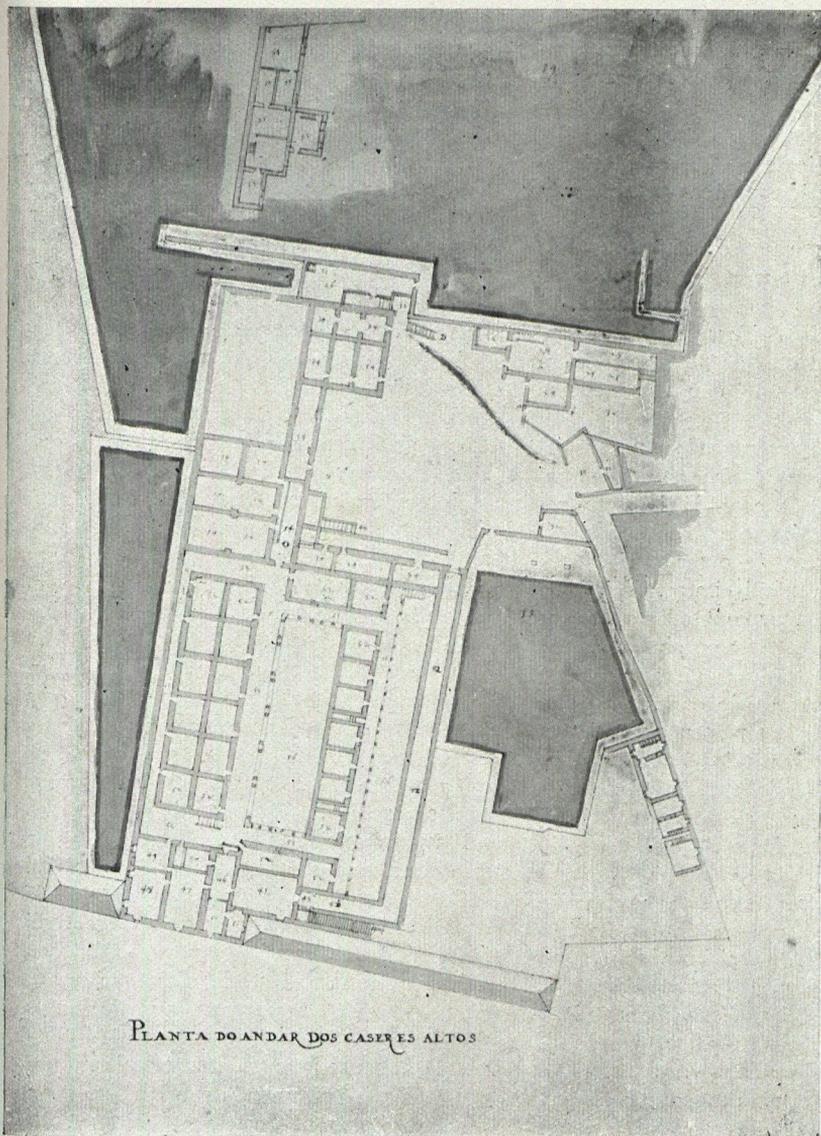
algum logar ou logares d'este reino, e, depois de reduzidos ao dito logar ou logares e conhecidos por este modo, quaes eram judeus e quaes catholicos, se tomaria resolução, se convinha mais expulsar do reino, os que fossem judeus, se conserva-los n'elle, á semelhança do que se faz em Roma.

Como se vê porém ainda o Padre Antonio Vieira não tinha chegado ao ponto de que o accusavam. E por isso o interrogaram vagamente se tinha escripto alguma coisa ácerca

da resurreição de certa pessoa defunta e de varios successos futuros em que tinha de intervir a dita pessoa defunta, resuscitada antes da Resurreição universal. Vieira prontamente confessou que, haveria cinco annos, quando estava em Camutá, aldeia junto do Pará, tinha escripto uma carta ao confessor d'El-Rei, Padre André Fernandes, bispo do Japão, na qual pretendia provar tres pontos: primeiro que Gonçalo Annes Bandarra nas suas *Trovas* escrevera com verdadeiro espirito prophético e



PLANTA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA NO SEculo XVII



PLANTA DO ANDAR DOS CASERES ALTOS

OUTRA PLANTA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA, NO SEculo XVII, A DO ANDAR DOS CARCERES ALTOS

que por isso o movera, apesar de o não ter por propheta canonico; segundo, que elle tinha predito ácerca d'El-Rei D. João IV alguns factos já realísados e outros que ainda não tinham acontecido; terceiro, que, colhendo-se d'esse livro ser D. João IV o auctor de todas essas coisas e tendo já fallecido, devia Deus resuscita-lo antes da Resurreiçãõ universal.

Vieira confessou assim a paternidade do escripto *Esperanças de Portugal* que nos autos andava.

Foi seguidamente interrogado se tinha prégado alguma vez as coisas que escrevera acabadas de confessar.

Vieira respondeu que, haveria oito annos, estando el-rei D. João IV nos paços de Salvaterra gravissimamente doente e já desconfiado dos medicos, elle disse-ra que, segundo o Bandarra, ou S. Magestade não havia de morrer, ou se morresse resuscitaria para obrar as cousas que lhe faltavam ainda fazer, segundo os vaticinios do conhecido Bandarra. Isto repetiu quando prégava no mesmo sitio, na capellaréal, em acção de graças pelas melhoras do rei e isto repe-

tiu, prégando no Maranhão, nas exequias do mesmo monarcha. Accrescentou que, haveria trez annos, ainda no Maranhão, em cinco ou seis sermões, por occasião de pestes e guerras fallára em varios castigos e felicidades futuras que estavam para vir sobre a Igreja catholica, conforme diversos logares da Sagrada Escripura.

E no fim das suas confissões foi intimado a não sahir de Coimbra sem licença do Santo Officio.

O Padre Antonio Vieira, obediente e humilde, só um pedido fez e foi que o não obrigassem a vir á Mesa antes de completamente convalescer.

Novos interrogatorios — O livro Clavis Prophetarum — O réo considera-se innocente

Foi essa a razão porque só a 25 de setembro elle foi novamente interrogado. O inquisidor Alexandre da Silva tinha-lhe recommendado que n'este intervallo *cuidasse muito em suas culpas* e Vieira, quando a isto se referiram, retrucou altivamente que não tinha culpas para confessar . .

Foi seguidamente interrogado em especial por causa do seu escripto *Esperanças de Portugal*, cuja paternidade, como já vimos não renegou. Entrou, porém, em explicações, dizendo que pelo facto de o ter escripto não tinha por certa nem infallivel a resurreição de D. João IV, nem tão pouco o Bandarra ser propheta verdadeiro e elle ter prophetisado que D. João IV havia de praticar muitas cousas que ainda não obrou nem pode obrar senão recusitando. Vieira dizia ter apenas taes factos como moralmente provaveis E acrescentava terem sido tão publicos os effeitos do cumprimento de algumas das chamadas prophcias do Bandarra, o Santo Officio ter consentido que do pulpito abaixo lhe chamassem propheta, as suas trovas correrem impressas com approvação do mesmo, na sua sepultura existira um letreiro em que se dizia ter elle espirito prophetico o que muita gente douta e ilustrada affirmava, que por isso fez o escripto *Esperanças de Portugal*, nunca destinado ao publico, mas tão sómente para allivio da rainha viuva. Prégou o sermão de Salvaterra para mostrar como entendia que el rei havia de viver muitos annos afim de obrar as cousas que o Bandarra dizia d'elle e, se prégou no Maranhão as mesmas ideias, foi para consolar o povo desanimado em extremo com o falecimento de D. João IV.

Perguntado quanto á sequencia dos seus trabalhos litterarios disse que, de ha dez annos para cá, não se tem dedicado a taes trabalhos e sómente, por ordem dos seus superiores, quando para isso tinha occasião, tratava de limpar alguns dos seus sermões para os dar á impressão. E accrescentou que antes d'isto, de 18 annos a esta parte, anda estudando e compondo um livro que pretende denominar *Clavis prophetorum* e escreve-lo em latim, cujo

principal assumpto e materia é mostrar por algumas proposições, com logares da Escripura e santos, que na igreja catholica ha-de haver um novo estado differente do passado, no qual todas as nações do mundo hão de crer em Christo e abraçar a nossa fé e então será tão grande a graça de Deus que todos ou quasi todos os homens se salvarão para se fazer o numero dos predestinados. Nesta hypothese ficam-se correntemente entendendo as prophcias de todos os prophetas canonicos quer da lei velha, quer da nova.

Ainda Vieira disse que tencionava escrever outro livro intitulado *Conselheiro secreto*, destinado a converter os judeus, impugnando-lhes os motivos que teem para seguir a religião moysaica.

Voltando ainda ao *Clavis Prophetarum*, foi-lhe perguntado quaes as fontes d'esse estudo, respondendo elle que teem sido, principalmente a Sagrada Escripura, não se servindo para elle de nenhum dos livros prohibidos.

Até aqui muitas poderiam ser as conjecturas feitas pelo accusado sobre o fundamento da sanha inquisitorial contra elle. Era systema do Santo Officio deixar expandir os réos em considerações compromettedoras para depois cahir sobre elles como a aranha sobre a mosca desprevenida.

Foi por isso que só nesta altura lhe declararam o motivo da sua vinda ao Santo Officio.

O seu escripto *Esperanças de Portugal* fôra considerado não só como temerario, escandaloso, injurioso e sacrilego, mas tambem como offensivo dos ouvidos religiosos — *piarum aurium* — erroneo e *sapiente* a herezia. Especificaram-lhe então as proposições seguintes:—O dizer que o acontecimento das cousas é causa adequada e como regra dada por Deus no Deuteronomio para conhecer o verdadeiro propheta alumiado por Deus; o dizer que o Bandarra verdadeira e indubitavelmente prophetisou os futuros, interpretando o Padre Vieira as suas palavras, depois de taes factos terem acontecido (aqui carregou a censura inquisitorial), o que é temerario, fatuo, improvavel e escandaloso. Terceira proposição censurada: equiparar a resurreição particular d'el-rei D. João IV, tirada dos versos do Bandarra, com a certeza da fé que Abrahão teve da resurreição de Isaac no caso de o sacrificar; isto era erroneo e — para lhe não tirarmos o sabor theologico — *sapit haeresim*, sabe a heresia, affirmavam os inquisidores.

Depois d'esta explicação perguntaram a Vieira se queria estar pelas censuras, conformando-se com ellas. Porém, elle, respondeu que não e pelo contrario pretendia explicar as proposições que affirmara, tanto mais que as escrevera só para leitura do Padre André Fernandes, bispo do Japão e por isso lhe não pôz todas as explicações devidas. Todavia se o Santo Officio, apoz a sua resposta, entendesse ficarem essas censuras de pé considerar-se-hia sujeito *a tudo o que o Santo Officio lhe mandar como bom e fiel catholico que he.*

No emtanto ainda um mez depois Antonio Vieira, perante o inquisidor Alexandre da Silva affirmava bem alto que não tinha culpas para confessar e como taes não considerava as cousas confessadas, porque as tinha escripto e preferido *com mui pura intenção.*

Era o cumulo da pertinacia.

Na phrase inquisitorial *o réo julgava-se innocente!*

Mais interrogatorios—A sua genealogia—

Vieira obrigado a dizer o Padre Nosso, de joelhos, deante dos inquisidores—O que entende por Quinto Imperio do Mundo—O sonho de Vieira.

No dia 20 de outubro foi perguntado pela sua filiação, naturalidade, etc., tudo perguntas do estylo. Vieira declarou-se natural de Lisboa, nascido na rua das Conegas, freguezia da Sé, filho de Christovão de Vieira Ravasco, fidalgo natural de Santarem e de D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa, ambos moradores na Bahia. Mas não se ficaram aqui as perguntas dos inquisidores. Desejaram saber quem eram os seus avós, o que Vieira satisfez, respondendo que o seu avô paterno se chamava Balthazar Vieira Ravasco, natural de Moura, e o seu avô materno Braz Fernandes de Azevedo, natural de Lisboa.

Depois de interrogado sobre os irmãos e de se dizer afilhado de baptismo do conde de Unhão, Fernando Telles de Menezes e que na egreja dos Martyres tinha sido chrisnado, foi interrogado sobre doutrina christã. Ao Padre Antonio Vieira, o grande orador sagrado do seculo xvii, faziam-se na Inquisição perguntas aviltantes e deprimentes do seu extraordinario saber, das suas crenças tão enraizadas e fixas. Não phantasiámos. Os autos rezam :

E logo foi mandado por de giolhos e se

persignou e benseo e disse a doutrina christam a saber: o Padre Nosso, Ave Maria, Creio em Deus Padre, Salve Rainha, os Mandamentos da lei de Deus e os Mandamentos da Santa Madre Igreja, e terminam: e tudo disse bem!!!

Cincoenta e cinco annos de altos serviços ao paiz, cincoenta e cinco annos de tanta dedicação pela sciencia que o collocavam num logar privilegiado, eram examinados— como hoje o mais humilde alumno de instrucção primaria— em doutrina christã!...

Que importava que Vieira pertencesse ha mais de vinte annos á milicia de Ignacio de Loyola? Que importavam os seus elevados serviços á corôa portugueza em Haya, Paris e Roma?

Tanto como as suas missões no Maranhão; tanto como o ser pregador d'el-rei D. João IV.

Depois d'isso o interrogatorio dirigiu-se para o seu tão discutido escripto e em especial para a parte do titulo chamada *Quinto Imperio do Mundo.*

A este proposito perguntaram a Vieira quaes os imperios que tem havido, se ha-de haver mais algum, em que tempo e em que parte do mundo. Vieira, referindo-se á visão da estatua de Nabuchodonosor disse ser ella interpretada pelos doutores como significando quatro imperios: o dos Assyrios, o dos Persas, o dos Gregos e o dos Romanos. E, quanto áquelle em que fallava no seu escripto, não tem certeza alguma, mas, pelas suas leituras, parece-lhe que o imperio de que trata hade começar com a extinção do allemão chamado então romano e pertencente á casa d'Austria.

Uma qualidade terá elle sempre: ser catholico romano, mais que nenhum outro. Durará até á vinda do Anti-Christo, cujo imperio será o ultimo antes de se acabar o mundo,

A frente do quinto imperio entendia o padre Antonio Vieira que estaria el-rei D. João IV resuscitado.

Como elle sonhava! Mas o estorninho pretendeu offuscar os vôos da aguia. O que Vieira dizia era erroneo e o inquisidor Alexandre da Silva expoz-lhe então a doutrina tida como orthodoxa a proposito da interpretação da estatua de Nabuchodonosor. O quinto imperio deve ser o do Anti-Christo, pois que o quarto é o dos Romanos que *depois da vinda do Christo ficou sendo do mesmo Senhor e da sua igreja.*

tevistas por entendimento creado, bastará para qualificar o verdadeiro espirito de prophacia». Isto apesar do que diz o Deuteronomio.

Em audiencias successivas foi interrogado, ouvido e admoestado para declarar a tenção que tivera em compôr o tal papel até que, em 5 de abril de 1664, lhe fizeram a ultima admoestação antes do libello. A essa, como ás antecedentes, Vieira respondeu não ter culpas para confessar.

O libello accusatorio

Por isso, depois de fazerem pôr em pé o réo, procedeu o promotor á leitura da sua accusação em nome da justiça, auctor.

Imagina-se bem, pelo que temos escripto, a qualidade de factos allegados contra Vieira.

Apezar de religioso e de theologo de profissão no seu escripto *Quinto Imperio do Mundo* declarou como prophacias certas umas trovas quaesquer e que certa pessoa havia de resuscitar antes da Resurreição universal, prégando nos seus sermões varios castigos e felicidades futuras que viriam sobre a egreja catholica, cuja duração e successos se haviam de regular com os que Christo teve no decurso da sua vida.

Deu o tal falso propheta como illuminado por Deus, dizendo ser de fé a resurreição por elle predicta, e que, depois de resuscitada, essa pessoa—D. João IV—appareceria as dez tribus de Israel, apresentadas então ao Summo Pontifice e haveria tambem a reducção universal do mundo.

Não quiz o réo—assim se lhe chama no libello—estar pela censura inquisitorial e nas razões com que se pretendeu defender ainda aggravou mais as suas culpas, porque o 5.º imperio ha-de ser o do Anti-christo, conforme a verdadeira doutrina dos Santos Padres.

De certo tempo a esta parte disse o réo, depois de haver dito que os annos da duração e successos da egreja se haviam de medir pelos da vida de Christo, e haver paz universal no mundo, acrescentou que, reduzido este á fé de Christo havia de durar mil annos, tendo Deus preso o diabo para que não tentasse a gente, como consta de certo logar da Escriptura que allegou; e o mundo viveria então em paz á imitação do estado da innocencia, sem os peccados que agora se veem, e que depois, havendo de vir o Anti christo, se tornaria a soltar o diabo.

Affirmou tambem que nos sobreditos mil annos, sendo tanta a gente sancta se equalaria o numero dos predestinados e reprobos; foi isto o que Christo nos quiz indicar na parabola das Virgens, que sendo dez, cinco se salvaram e cinco se perderam.

O promotor termina finalmente o seu libello

Senhor meu. Não confieo a Leitura do Libello inquisitorio que
por fama como V. M. amy por delictos. os quaes de
nem estar em mal segredo de nre sagrado tri-
bunal, como se no q. do apertado com q. San. indado
a respeito da banda. e da propria vida. Se eu
tivera liberdade q. ser emido, poderia q. se que-
re outro conceito a emista publica, cujo melhora
foi expor por mão de V. M. no breve despacho dos
Requisitos inquisitorios. V. M. dará a em. de lib.
papel e pinto e vigor q. falta as nreos criticas
ambas quando se salta de ellas a mesma verdade.
Cubruime expor de novo sangue a em. nelle com
tal pressa. e garne q. meu estado mecca compa-
rat quando nas favor. Entado o q. V. M. p. oer
a esta cause vera V. M. em. de lib. q. favoravel
aos heringados e perseguidos, e do dem. obras
de grande d. nre. q. de bom expediente se ha
estab. pendentes. Temy naõ offereço nada,
porq. não sou nada. mas se algum dia tiver for,
será V. M. em. amy eu amy obrigado sermo. Est.
q. de V. M. in. amy como de q. Ely misser.
Pimba 21 de Setembro de 1664

Capela de V. M.
Antonio Dias Cabreira

UMA CARTA INEDITA DO PADRE VIEIRA PARA O INQUISIDOR GERAL
TEM NO FUNDO A SUA ASSIGNATURA

pedindo que o réo *seja castigado com as mais graves penas que por direito em tal cazo merecer e em tudo feito inteiro cumprimento de justiça.*

A defeza de Vieira — A sua doença

Dos dois procuradores que lhe nomearam foi o licenciado Antonio Dias Cabreira quem

escreveu a defesa de Vieira. Nella, protestando que não quer defender o seu escripto, mas sómente explica-lo, pede o tempo necessario para o fazer por escripto, o que não pode ser com tanta brevidade como deseja por estar *em cura de uma enfermidade tão larga e perigosa e tão contraria á applicação do estudo como de haver lançado muito sangue pela bocca!*

Isto passou-se a 5 d'abril de 1664.

Em 23 de dezembro foi chamado o Padre Antonio Vieira a audiencia.

Parecia já grande a demora; e por isso lhe perguntaram se queria apresentar a sua defesa escripta, pela qual se esperava havia já nove mezes!

Vieira mostrou então trinta cadernos, escriptos alguns com a sua letra, mas que não encerravam ainda toda a sua defesa.

Para a concluir, pretextando as suas repetidas doenças, *sangrias, purgas e banhos*, pediu o Padre Vieira uma moratoria de seis mezes. Porém o inquisidor Alexandre da Silva, por expressa determinação do Conselho Geral, assignou-lhe termo até á Paschoa de 1665, para o apresentar. Ainda então a não tinha prompta e á citação que lhe fizeram, respondeu da quinta de Villa Franca, perto de Coimbra, que tinha estado quatro mezes na cama e por isso, quando podesse, iria pessoalmente dar conta de si.

Por esta occasião, a 5 de setembro, o Conselho Geral ordenou que, em vista da dilação havida na causa, se junctasse a defesa do réo, fosse qual fosse o estado em que se encontrava. Não foi certamente com contentamento que Antonio Vieira recebeu tão positiva intimação e, allegando que *legitime impedido non currit tempus* e que *lhe tinham pedido conta não só do que dissera ou escrevera senão quantos livros teve pensamento de escrever* requereu que lhe dessem o tempo *moral e proporcionadamente necessario*.

Apezar d'isso e do réo ser visto pelo meirinho na quinta de Villa Franca *encostado a um bordão; ainda macilento do rosto e fraco ao que mostrava na presença e modo de fallar*, em 14 de setembro, indifiriram-lhe o requerimento, sendo mandados concluir os autos.

Sentença dos Inquisidores de Coimbra contra Vieira — O seu protesto junto do Conselho Geral

N'esse mesmo dia, 14 de setembro de 1665, os inquisidores de Coimbra, Manoel Pimentel

de Sousa e Alexandre da Silva, assim como os deputados João d'Azevedo e Pedro Ribeiro do Lago, examinaram detidamente o processo e, depois de fazerem um relatorio das culpas confessadas por Vieira, e de se referirem á *altivez e presunção* d'elle — querendo, na interpretação da Sagrada Escriptura, affastar-se das opiniões mais geralmente seguidas pelos doutores catholicos — frisam o facto de, em alguns dos seus escriptos, persuadir El-Rei D. João IV a conceder no seu reino o exercicio livre do judaismo.

Por isso tudo, devia o reo ouvir a sua sentença na mesa do Santo Officio, diante dos inquisidores, deputados, promotor e notarios, e nella se lhe devia mandar que não tratasse mais por escripto nem oralmente *directe nec indirecte*, das materias a que se referiu nas proposições censuradas, sob pena de que, fazendo o contrario, seria mais rigorosamente castigado.

Devia ser privado de *vox activa e passiva*, suspenso do officio de prégar até mercê do Conselho Geral, e recolhidas todas as copias do seu escripto *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*.

A sentença devia tambem ser lida ao réo no collegio da Companhia de Jesus, na casa que o reitor ordenasse, perante elle e doze dos mais graves e sisudos religiosos.

Finalmente os inquisidores ponderavam os motivos que tiveram para não usarem com o Padre Antonio Vieira do rigor da abjuração. Elle fizera taes protestos em sua defeza, de estar pela determinação e censura do Santo Officio, no caso de este lh'a dar e além d'isso viria para a sua ordem tal descredito, para mais injustificado, visto que os seus principaes membros não approvavam o escripto de Vieira, que os Inquisidores de Coimbra, cheios da benevolencia evangelica de Jesus, lhe fizeram sómente a condemnação que se acaba de ler.

Por uma fatal, ou quiçá propositada coincidência, á hora a que se estava lavrando a sua sentença esperava o Padre Antonio Vieira na sala e só pedia audiencia depois do seu processo ter sido despachado pelo correio para o Conselho Geral.

Dois fins tinha elle tido em vista ao solicita-la: um, entregar os cadernos em que tinha escripto a sua defeza, defeza ainda incompleta e outro pedir que lhe concedessem mais tres ou quatro mezes para a ultimar.

A resposta ao requerimento verbal de Vieira foi secca e rispida: se quizesse, que deixasse

ficar os seus cadernos e, quanto ao resto, não tinham por ora que deferir.

Bem se deixa ver o estado de animo dos inquisidores e, como reacção contra elles, a disposição de espirito em que se encontraria Vieira.

Tão boa ou tão má que, no dia 21 de setembro, era presente em Lisboa ao Conselho a seguinte carta ainda inedita dirigida ao Inquisidor Geral:

Senhor meu. Não conheço a Pessoa de V. M. mais que por fama, como V. M. a mim por delitos: Os quaes devem estar tam mal reputados nesse sagrado tribunal, como se vé pelos apertos com que sou instado a despeito da saúde e da propria vida. Se eu tivera liberdade para ser ouvido, poe ser que se tivera outro conceito de minha justiça; cujo melhoramente espero por mãos de V. M. no breve despacho dos requerimentos inclusos. V. M. dará a esse debil papel o espirito que falta as rasoens escritas ainda quando he a alma dellas a mesma verdade. Custou-me cuspir de novo sangue o escrevello com tal pressa. E parece que meu estado merecia compaixão quando não favor. Em todo o que V. M. fizer a esta causa terá V. M. o merecimento dos que favorecem aos desamparados e perseguidos, e o de muitas obras de grande serviço divino que do bom expediente della estão pendentes. De my não offereço nada, porque não sou nada, mas se algum dia tiver ser, terá V. M. em my hu muy obrigado servo. Deus guarde a V. M. muitos annos como desejo e hei mister. Coimbra 21 de setembro de 1665, capellão de V. M. — Antonio Vieira.

As revelações de Vieira — É violentado — Quaes os seus inimigos

Junctamente com a carta a que acabámos de alludir ía uma exposição do que com elle se passava.

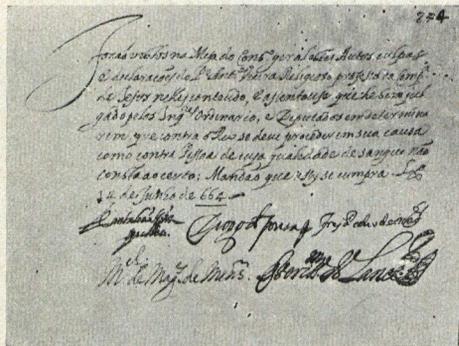
Nella se lamenta Vieira do seu precario estado de saúde que tinha obrigado os medicos a aconselharem-lhe os ares maritimos e da grande *molestia pessoal e perigo do seu credito* que havia soffrido em ir ao Santo Officio. Ahí accusavam-no não só pelo que tinha escripto, como tambem pelo que tivera pensamento de escrever. Não lhe davam as proposições incriminadas separadamente e davam-lhe, como procurador da sua causa um

advogado a quem tinha de dictar a contestação!

Entretanto nova enfermidade o obrigou a retirar para a quinta de Villa Franca e, quando foi intimado a apresentar a sua defesa até á Paschoa da Resurreição, Vieira replicou que não podia assignar um termo em que se lhe mandava cousa impossivel. Estava presente o inquisidor Alexandre da Silva; e este disse-lhe promptamente que visse em que se mettia, acrescentando outras palavras de ameaça.

Era a violencia a exercer-se sobre o grande tribuno; era a pressão inquisitorial a manifestar-se; tinha de o assignar por força!...

Mas não parava aqui; dizia-se-lhe que elle não podia argumentar com a sua falta de defesa, fallava-se-lhe no anno e meio para isso decorrido e comtudo as suas graves enfermidades reduziam-no apenas a quatro mezes!



'Parecer do Conselho Geral do Santo Officio determinando que se proceda contra o Padre Vieira como contra pessoa de cuja qualidade de sangue não consta ao certo

Quatro mezes em que para acabar os livros que lhe eram necessarios, teve de ordenar a livraria do collegio da Companhia em Coimbra, que constava de perto de 6000 volumes, pois parte da sua tinha-se perdido num naufragio e o resto d'ella, com grande parte dos seus papeis e estudos, ficara no Maranhão. Quatro mezes em que tinha necessidade de mandar vir livros da livraria do collegio de Evora, da do collegio de Santo Antão, da livraria real, d'outras particulares e ainda de Roma e França!

Suspeitavam-no de querer dilatar a revolução da sua causa e todavia, quando estava na cama, tinha escondidos os livros por onde estudava as materias da sua defesa e esta dila-

ção era-lhe sobremaneira prejudicial. Tinha impedida a impressão de muitos tomos de sermões, que de todas as partes da Europa lhe pediam e cujos interesses eram destinados ás missões do Maranhão. Sem esse dinheiro padeciam lá os missionarios grandes privações e, aproveitando-se do seu impedimento, tinham em Castella impresso dois livros dos *Sermões* por varias copias manuscriptas tomadas de memoria, com infinitos erros e por palavras não suas.

Esqueciam-se os inquisidores de que Vieira apresentava, acerca da interpretação da Sagrada Escriptura, materia completamente nova e, tão interessante a achavam algumas pessoas doutas, que entendiam dever haver, para a sua qualificação, um concilio ecclesiastico!

Requeria portanto que lhe prorogassem o praso para entrega da sua defesa, permitindo faze-la oralmente, e entregando-lhe os apontamentos que lhe haviam já tomado.

Por ultimo Antonio Vieira requeria que sobre o assumpto não sejam consultados theologos suspeitos para elle. Não lhe faltavam inimigos dentro e fora da Companhia de Jesus. E, se individualmente os não podia citar, podia genericamente apontar como seus desaffeição-dos: os religiosos do Carmo, pelas controversias que com elles teve no Maranhão, sendo elles que principalmente moveram a sua expulsão e dos mais religiosos da Companhia que lá estavam, por haverem tido á mão uma carta em que Vieira informava contra esses religiosos el-rei D. João IV; os dominicanos, por haverem entendido que Vieira, num sermão prégado na Capella Real, reprovára o seu modo de prégár apostillado, escrevendo contra elle então diversos papeis; finalmente os ministros da Curia Romana.

Quanto a estes, o padre Antonio Vieira frisava melhor os seus motivos de suspeição, que em especial versavam sobre a critica que elles poderiam fazer ao *Quinto Imperio*.

Nesse escripto falava em castigos de Italia e invasão da cidade de Roma, o que, certamente, não é sympathico áquelles que poderiam ser victimados por elles; pretendia provar que o reino de Portugal viria a ser imperio universal, o que é odioso para todos os estrangeiros e, em especial, para aquelles ministros, que no espaço de 25 annos se tem conhecido quão pouco inclinados são aos interesses de Portugal, e *mais castelhanos, no affecto que os proprios castelhanos!*

A manha inquisitorial — A Congregação do Santo Officio de Roma censura do Padre Antonio Vieira — Ainda persiste na crença do Bandarra.

Já dissémos que foi a Congregação do Santo Officio de Roma que fez a censura do escripto de Vieira. Todavia só agora isso lhe communicaram depois de realisada a sua prisão.

Assim respondia o Conselho Geral do Santo Officio ao protesto do Padre Antonio Vieira.

Imagina-se bem o effeito moral das duas desagradaveis surpresas que o mez d'outubro de 1665, lhe trouxe: uma, a sua prisão, a que no começo d'este artigo se assistiu, ouira a declaração da qualidade dos seus censores que promptamente lhe fez aceitar e acatar a censura feita. Mas como, apezar d'isso, pedisse livros e licença para rever o que, em sua defesa, tinha escripto, o *Conselho* mandou que o inquisidor Alexandre da Silva lhe fizesse notar não ser coherente com a sua declaração de obediencia á congregação romana, o pedir livros para insistir na sua defesa.

Foi-lhe então dado como procurador o Licenciado Antonio Baptista Pereira.

No entanto Antonio Vieira teimava em se reportar ás prophecias do Bandarra.

Numa das audiencias em que foi interrogado affirmava elle que «a roda que agora o tinha abatido e poderia tornar a levantar, porque em hua das suas trovas dizia, o Bandarra :

Vejo hum alto engenho em hua roda triunfante,

dizendo varias pessoas que esse alto engenho era elle Padre Antonio Vieira».

Procedeu-se depois á qualificação da sua defesa.

Fr. Philippe da Rocha qualificou-a, em 8 de agosto de 1666, dizendo que o seu auctor «cego de tanta soberba e presunção, cuida que remedeia com o que representa, e o seu remedear, he remendar». E mais abaixo: «O seu retratar-se de tudo quanto tem ditto não he liso, porque diz que as proposições que proferio erão sãs e boas.»

E successivamente D. Duarte de Santo Agostinho, frade de Santa Cruz de Coimbra e Fr. Domingos Freire, do collegio de S. Thomaz, classificavam noventa e nove proposições que lhes eram enviadas, dizendo que as proferira uma pessoa religiosa e douta.

Egualmente procedem Fr. Bartholomeu Ferreira, frade do convento de S. Domingos, Fr. João de Deus do convento de S. Francisco e o Dr. Fr. Christovão d'Almeida.

Depois d'isso em nada menos de vinte oito audiencias o Padre Antonio Vieira é larga e capciosamente interrogado até que, depois de haver suspeita de lhe correr nas veias uma gota de sangue hebreu, o *Conselho Geral* determina que contra elle se deve proceder *como contra Pessoa de cuja qualidade de sangue não consta ao certo!!*

Por tudo isto, emfim, a 23 de dezembro de 1667 proferiram-lhe a sua final

Sentença

Nella, depois d'um comprido relatorio, attendendo-se a que o Padre Antonio Vieira se tinha desdito e retratado das suas proposições «mandam que o dito Réo Padre Antonio Vieira ouça sua sentença na sala do Santo Officio na forma costumada perante os Inquisidores, mais ministros e officiaes, algumas pessoas religiosas e outras ecclesiasticas do corpo da Universidade e seja privado para sempre de voz activa e passiva e do poder de prégar, e recludo no

collegio ou casa de sua religião que o Santo Officio The assignar de onde, sem ordem sua, não sahirá; e que, por termo por elle assignado se obrigue a não tractar mais das proposições de que foi arguido no discurso da sua causa, nem de palavra nem por escripto, sob pena de ser rigorosamente castigado; e que depois de assim publicada a sentença o seja outra vez no seu collegio desta cidade por hum dos notarios do Santo Officio em presença de toda a comunidade».

Assim procedia a Inquisição com um religioso da Companhia de Jesus, theologo, e mestre de Theologia, Prégador de El-Rei de Portugal, e ministro seu na curia romana e outras côrtes, confessor nomeado do Sr. Infante, superior e visitador geral das missões do Maranhão com os poderes de seu Geral, e tão benemerito da Igreja que durante dez annos se empregou na conversão dos gentios, tendo tido muitas e muitas vezes disputas com

os herejes em França, Hollanda, Inglaterra e noutras partes.

Assim se vexava, ultrajava e condemnava, por instigação dos seus emulos, o grande orador sagrado que na nossa historia litteraria se chamou Padre Antonio Vieira.

ANTONIO BAIÃO.



AMPULHETA DA INQUISIÇÃO DE LISBOA



A lenda DO Canzarrão

Summario dos capitulos I a IV

Sherlock Holmes, o tão celebre DETECTIVE é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel "cachates". Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Levam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso — : O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assumto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima indicios contradictorios. — Volta á tela a LENDA DO CÃO FANTASMA. — Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A sollicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Novos mysterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando consigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do TIMES.

CAPITULO V

Três fios partidos

SHERLOCK HOLMES dispunha, em notavel grau, do poder de alhear o espirito a seu bel prazer.

Pelo espaço de duas horas pareceu haver-se-lhe obliterado de todo o singularissimo caso em que andamos envolvidos, e absorver-se integralmente na contemplação dos quadros dos mestres belgas modernos. Falou apenas em Arte, ácerca da qual nutria as mais cruas ideias, desde que saímos da galeria até nos encontrarmos no Hotel de Northumberland.

— Sir Henry Baskerville está lá em cima, á espera dos senhores, declarou o escriturario. Recommendou-me que os encaminhasse para lá assim que chegassem.

— Não põe duvida em que eu lance a vista pelo seu registo? indagou Holmes.

— Está ao seu dispôr.

O livro manifestava o haverem-se inscrito mais dois nomes depois do nome de Baskerville. Um delles era o de Teófilo Johnson e familia, de Newcastle; o outro o de Mistress Oldmore, e criada, de High Lodge, Alton.

— Querem ver que será aquelle Johnson que eu em tempos conheci, disse Holmes ao escripturario. Advogado, pois não é, cabelo já grisalho, e que coxeia um quasi nada!

— Não, senhor, este outro senhor Johnson é negociante de carvão, um sujeito muito activo, e que andará pela sua idade, senhor Holmes.

— O senhor, com certeza, está equivocado quanto á profissão do homem.

— Não estou; é fréguez cá da casa, ha muito anno, e muito nosso conhecido.

— Ah! sendo assim... E esta Mistress Ol-

dmore, tambem; o nome não me é estranho. Queira desculpar a minha curiosidade, mas quanta vez não succede andarmos em busca duma pessoa e encontrarmos outra?

— E' uma senhora muito doente.

— Sugere... houla, meu caro, que mais teremos por ahí?

Ao tornarmos o patim da escada, demos de rosto com sir Henry Baskerville, em pessoa. Vinha rôxo de colera, e trazia na mão uma bota velha muito suja de poeira. Vinha furibundo a ponto de mal poder articular, e quando falou, expressou-se num dialecto muito mais cerrado e oeste-americano do que lhe tinhamos ouvido pela manhan.

— Está-me a parecer que me tomaram para carniça, neste hotel, conclamou. Pois que se acautelem, mal sabem elles a besta com que se meteram.

Raio do diabo! se aquelle patife não me desencanta a bota, o caso hade dar brado. Não sou cara que desconfie, assim, á primeira, sr. Holmes, mas elles desta vez carregaram-lhe a manta.

— Ainda anda em procura da sua bota?

— Pudéra não! E heide encontrá-la.

— Mas, se bem me recordo, o senhor declarou que era uma bota nova, de côr?

— Está visto que era. E esta é preta e muito velha.

— Ora essa... diz, então, o senhor?...

— Digo e repito... que tinha apenas três pares de botas neste mundo, — as novas, de côr; as

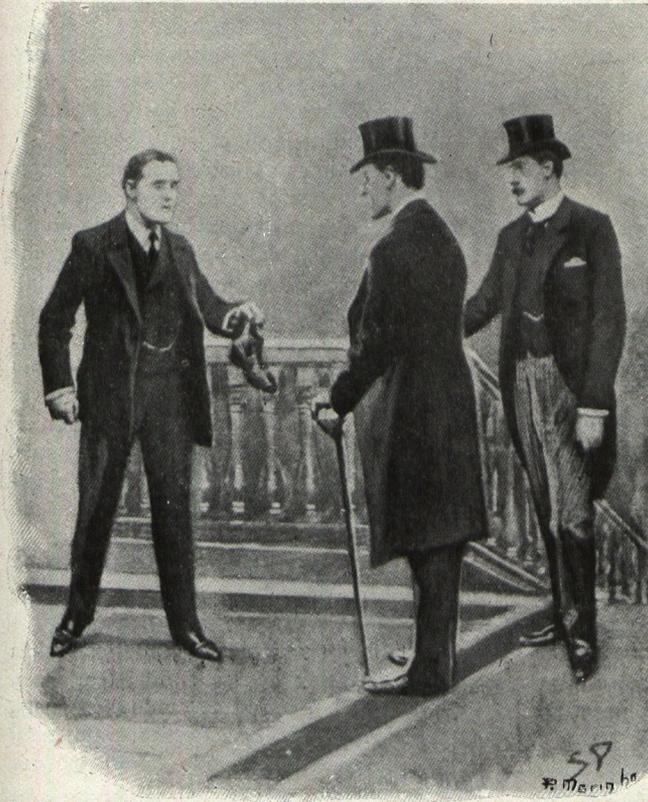
velhas, pretas, e as de polimento que trago nos pés. Hontem á noite bifaram-me uma bota de côr, e hoje impingem-me este cangalho, preto, em lugar da outra. E então, já appareceu? Desembuche, homem, que está você para ahí pasmado, a olhar para mim?

Entrára em scena um criado alemão, muito atarantado.

— Não, senhor; fartei-me de rebuscar quantos cantos tem o hotel, mas ninguem me sabe dar conta da bota.

— Muito bem! Ou a bota apparece até á noite, ou vou ter com o gerente e declaro-lhe que viro as costas a este raio deste hotel.

— Hade encontrar-se, meu senhor, tenha



TRAZIA NA MÃO UMA BOTA VELHA, MUITO SUJA DE POEIRA

O marido foi em tempo presidente da camara em Gloucester. Quando vem á cidade, hospeda-se sempre cá no hotel.

— Obrigado; mas está-me a parecer que a não conhecerei. Viemos no conhecimento de um facto muito importante com estas perguntas, Watson, proseguí, em voz baixa, ao subirmos outro lanço da escada.

Ficámos scientes de que o individuo, ou individuos, tão interessados pelo nosso amigo não se acham hospedados neste hotel. O que quer dizer que, comquanto o vigiem com anciedade, não tem a mesma ancia em serem vistos por elle. O que representa um facto suggestivo, em extremo.

— E que é que sugere?

paciencia, e esteja certo de que a sua bota hade apparecer.

—E hem póde— pois é o ultimo traste meu que se perde neste covil de ladrões. — Queira desculpar, senhor Holmes, o eu havê-lo incommodado por semelhante ninharia...

—E a mim parece-me que o caso merece nem o incommodo.

—Ora essa! O senhor, pelos modos, toma-o muito a sério.

—E como é que o explica?

—Nem sei, nem tento explicá-lo. E' a partida mais damnada e mais esquisita de quantas me tem acontecido, em minha vida.

A mais esquisita, sim... talvez, commentou Holmes, pensativo.

—E o senhor, que deduz daqui?

—Eu lhe digo, não nutro a pretensão, por emquanto, de ter destrinchado o misterio. Este seu caso é complicadissimo, sir Henry. Aceito em conjuncção com a morte de seu tio, estou em dizer, até, que, entre os quinhentos e tantos casos que me passaram pelas mãos, nenhum haverá tão arrevezado, temos porém na mão diversos fios, e é de suppor que um ou outro nos sirva de guia no caminho da verdade. E' possível o desperdiçarmos tempo em seguir o rastro errado, mais tarde ou mais cedo, contudo, havemos de topar com o verdadeiro.

Lanchámos aprazivelmente e pouco se disse a respeito do negocio que allí nos congregára. Apenas no acto de nos transferirmos para a salinha reservada de sir Henry, eis quando Holmes indagou deste quaes eram as suas intenções.

—Ir para o Solar de Baskerville.

—Quando?

—Lá para o fim da semana.

—Bem ponderado o caso, disse Holmes, afigura-se-me sensata essa sua resolução. Tenho provas manifestas em como o senhor em Londres anda vigiado, e entre os milhões de habitantes desta vasta cidade, é difficultoso descobrir quaes os individuos que o espreitam e quaes sejam seus fins. Se acaso as intenções destes são malevolas, poderiam fazer-lhe por ahí alguma perraria, e nós, impotentes em o evitar. Talvez não saiba, doutor Mortimer, que lhe seguiram o rastro esta manhan ao sair de minha casa?

O doutor Mortimer deu um pulo, sobresaltado. —Seguiram-me? Mas quem?

—Quanto a isso, não lho sei dizer, infeliz-

mente. Entre os seus convizinhos e conhecidos lá em Dartmoor não se recorda de nenhum com barba preta, cerrada?

—Não, senhor... deixe-me ver... agora, agora! O Barrymore, mordomo de sir Charles, é um individuo de barba preta, muito farta.

—Ah! E onde pára esse tal Barrymore?

—Tem a seu cargo a mansão.

—Não será mau o certificarmos-nos, primeiro, se de facto ali estará, ou se por qualquer eventualidade se achará em Londres.

—Mas como hade ser?

—Dê-me dahi um telegramma em branco. «Acha-se tudo pronto para a recepção de sir Henry?» E' quanto basta. Endereçado ao senhor Barrymore, Mansão de Baskerville. Onde fica a estação telegrafica mais proxima? Grimpen. Muito bem, manda-se outro telegramma ao inspector do correio, Grimpen: «Telegrama para o senhor Barrymore, para ser entregue em mão propria. Se estiver ausente, queira responder pelo telegrafo a sir Henry Baskerville, hotel Northumberland». E' o meio de ficarmos sabendo, antes do anoitecer, se Barrymore se acha, ou não, no seu posto, em Dévonshire.

—Tal qual, commentou Baskerville. A proposito, doutor Mortimer, quem vem a ser esse tal Barrymore?

—E' filho do antigo feitor, já falecido. Ha quatro gerações que essa familia tem a seu cargo olhar pela Mansão. Segundo me consta, tanto elle como a mulher constituem um casal honradissimo, e considerado como tal por todo o condado.

—O que não tira que essa gente, insinuou Baskerville; agora que ninguem da familia reside no solar, estão disfrutando uma bellissima casa e sem terem nada que fazer.

—Lá isso é verdade.

—E esse tal Barrymore aproveitará alguma coisa com o testamento de sir Charles? indagou Holmes.

—Quer a elle quer á mulher coube-lhes um legado de quinhentas libras.

Ah! E sabiam que o haviam de receber?

—Sabiam. Sir Charles gostava immenso de falar a respeito das disposições do testamento.

—E' interessantissimo esse pormenor.

—Ouso esperar, atalhou o doutor Mortimer, que não verá com olhos suspicazes a todo e qualquer individuo que haja sido contemplado com um legado por parte de Sir

Charles, pois aqui estou eu que recebi um de mil libras.

— Deveras? E mais alguém?

— Varias quantias insignificantes a diversos individuos, e avultado numero de legados caritativos.

O remanescente reverteu, integralmente, na pessoa de sir Charles.

— E a quanto montaria esse remanescente?

— A setecentas e quarenta mil libras.

Holmes arregalou os olhos, de espantado.

— Não fazia ideia de que se tratasse de tão avultada quantia, exclamou.

— Sir Charles tinha fama de rico, mas não viémos no conhecimento exacto da sua riqueza até que procedemos ao exame dos seus titulos.

O valor real das suas propriedades andava perto de um milhão esterlino.

— Co'a fortuna! O bolo vale bem a pena de que alguém se aventure a jogar uma carta de desesperado.

Ainda uma pergunta, doutor Mortimer. Supponhâmos que succedia qualquer percalço ao nosso juvenil amigo, aqui presente — queira desculpar a hipotese pouco grata — quem é que herdava a propriedade?

— Visto haver falecido solteiro sir Rodger Baskerville, os bens revertiam nos Desmonds, primos afastados.

James Desmond é um clérigo, já edoso, residindo em Westmoreland.

— Obrigado. Esses pormenores são todos elles do maximo interesse. Conhece pessoalmente o senhor James Desmond?

— Conheço; veiu de uma vez visitar a sir Charles. E' um sujeito de aspecto venerando e com o viver de um santo. Recordo-me muito bem da circumstancia de haver-se negado a aceitar qualquer dotação da parte de sir Charles, a despeito das muitas instancias deste.

— E esse homem de gostos singélos viria então a ser herdeiro dos milhares de libras de sir Charles?

— Vinha a herdar as propriedades, pelo facto de estarem vinculadas. Herdava tambem o dinheiro a não existirem quaesquer disposições testamentarias por parte do dono actual, o qual, já se vê, é senhor de fazer delle o que quisér.

— E sir Henry, já fez testamento?

— Por em quanto, ainda não, senhor Holmes. Ainda nem sequer tive tempo, se ainda hontem é que soube o estado das coisas. Mas

sou de parecer que o dinheiro deve andar junto já com o titulo, já com os bens. E eram essas as intenções de meu tio, coitado! Como é que o dono do solar hade restabelecer a prosápia do nome dos Baskervilles não dispondo de dinheiro sufficiente para custeio da propriedade? Casa, fazendas e dollars deve ir tudo junto.

— Diz muito bem. E eu, sir Henry, concordo com o senhor quanto á plausibilidade em se transferir, sem detença, a Devonshire — Sugerir-lhe-ei, apenas, um alvitre. — Acho que não deve ir sósinho.

— O doutor Mortimer prontifica-se a acompanhar-me.

— Mas o senhor Mortimer tem que atender á sua clinica, e a residencia delle dista umas milhas da sua, sir Henry. Apesar dos seus bons desejos, não se achará habilitado a auxiliá-lo. Nada, nada, sir Henry, o senhor deve levar alguém comsigo, e pessoa de confiança, que lhe não largue a sombra.

— E não haveria possibilidade em vir comigo o proprio senhor Holmes?

— Se as coisas chegarem a uma crise, farei a diligencia por me achar presente, em pessoa; mas deve de avaliar que eu, com a extensa clientela de consulentes que appélam constantemente para o meu criterio, dos quatro pontos cardeaes do pais, não poderei ausentar-me de Londres, durante prazo indefinido. Actualmente, até, um dos nomes mais respeitados em toda a Inglaterra está sendo difamado por um farçante, e só eu poderei sustar um escandalo desastroso. Já vê pois a impossibilidade que ha em eu ir a Dartmoor.

— E quem me recommenda, então?

Holmes pôs a mão sobre o meu braço.

— Se este meu amigo quiser assumir o encargo, de sorte encontrará a seu lado homem mais util num aperto qualquer. E ninguem como eu o pode afirmar com mais confiança.

A proposta tomou-me completamente prevenido, porém, antes, até, de eu ter tempo de responder, Baskerville travou-me da mão e apertou-m'a com gana.

— Ainda bem, e realmente, é *summa* bondade da sua parte, doutor Watson, exclamou. Vê o lance em que me encontro, e sabe tanto a respeito do negocio como eu sei. Se vier ter comigo a Baskerville para me auxiliar, creia que jamais o esquécerei.

A proméssa de uma qualquer aventura teve sempre sobre mim poder de fascinação, e fui

cumprimentado quer pelas palavras de Holmes quer pela ancia com que o baroneto me saudou na qualidade de seu companheiro.

— Irei, com muito gosto, retorqui. E nem sei de melhor modo de empregar o meu tempo.

— E ir-me-ás dando conta do que houver, recommendou Holmes. Assim que se dê a crise, como não pode deixar de dar-se, comunicar-te-ei as minhas instrucções. Quer-me parecer que até sabado tudo pode estar pronto?

— O prazo convirá ao doutor Watson?

— Perfeitamente.

— Pois, então, no sabado, a não ser que haja ordens em contrario, irêmos tomar o comboio de Paddington, que passa na estação ás 10 e 30.

Tinhamo-nos levantado para sair, quando Baskerville, soltando um grito exultante e abaixando-se a um canto da casa, sacou de baixo de uma consola uma bota de côr.

— A bota que andava sumida! exclamou.

— Oxalá se debelassem com a mesma facilidade as nossas difficuldades! commentou Sherlock Holmes.

— Se ha caso mais esquisito! ponderou o doutor Mortimer, e eu que esquadrinhei os cantos todos a esta sala, antes do lanche.

— Pois tambem eu, acrescentou Baskerville. Polegada por polegada.

— E bota, ou sombra da mesma, é coisa que não existia.

— Visto isso, depô-la-ia alí o criado em quanto lanchavamos.

Mandou-se chamar o alemão, que alegou não saber palavra a semelhante respeito, e foram baldadas quaesquer indagações em esclarecer o caso. Mais um pormenor se acrescentava áquella série accidental e aparentemente não premeditada de mysteriosinhos vindo de enfada uns após de outros. Arredando de banda o conjunto daquelle sinistro caso da morte de sir Charles, frenteava-se-nos um rosario de inexplicaveis incidentes e tudo isto dentro do prazo de dois dias, incluindo no rôl a recepção da carta imprêssa, o espião das barbas pretas no *hansom*, o descaminho da bota nova de côr, o sumiço da bota preta, velha, e a reaparição da bota nova de côr. Holmes, sentado no *cab*, taciturno, no acto de batermos por alí fora para Baker-Street, e eu pelos carregados sobr'olhos e intensa expressão da fisionomia, conscio de que a sua men-

te, tal qual a minha, ia absorta no tentame de urdir um qualquer esquêma, em que pudesse achar cabimento todo aquelle acervo de episodios desconnêxos. Passou a tardê inteira e a noite até deshoras embalado em tabaco e cogitação.

A' hora de jantar viêram dois telegramas. Rezava o primeiro: —

Acabo de saber que Barrymore se acha na mansão. — Baskerville.

O segundo: —

Visitei vinte e três hotéis conforme as instrucções, mas sinto dizer que não pude encontrar a pagina do *Times* recortada. — CARTWRIGHT.

— Lá se vão dois dos meus fios, Watson. Não há nada que mais estimule do que um caso em que tudo corre tôrto. Temos que fazer novo rastro.

— Resta-nos ainda o cocheiro que conduziu o espião.

Exactamente. Telefonei para o Registo-Official, a fim de lhe saber o nome e o paradeiro. E não me admirei de que isto seja uma resposta á minha pergunta.

O retim-tim da campainha veio provar que era qualquer coisa mais satisfatoria do que uma resposta, pois se abriu a porta e eis que entra um homem muito ordinario com visos de ser o proprio individuo.

— Recebi um recado da estação central dizendo-me que um sujeito morador nesta casa tinha perguntado pelo numero 2704, declarou. Vae em sete annos que guio o meu *cab* e até hoje ainda não houve quem se queixasse. E vim calcurriando desde a estação da policia até aqui para que me diga na minha cara se tem alguma áquella contra mim?

— Não tenho nada contra você, homemzinho,olveu Holmes. Pelo contrario, tenho aqui um soberano para o meu amigo se responder com clareza ás minhas perguntas.

— Está dito, e estou a ver que amanheci com sorte, emitiu o cocheiro, arreganhando a taxa. Que vem então a ser que o senhor me deseja perguntar?

— Antes de irmos mais longe, o seu nome e morada, prevendo o caso de eu precisar de você outra vez.

— John Clayton, 3 Turpey-Street, no Borough. O meu *cab* é do pateo do Shipley, ao pé da estação de Waterloo.

Sherlock apontou as declarações.

— E agora, Clayton, diga-me o que sabe

a respeito daquelle fréguês que veio rondar-me a casa ás dez horas, esta manhan, e depois seguiu atrás de dois sujeitos por Regent-Street abaixo.

O bom do homem pôs os olhos nelle, pasmado e com tal qual enleio.

— E dahi, acho que será escusado eu dizer-lhe seja o que fôr, pois palpita-me que o patrão já sabe tanto ou mais do que eu disse. Verdade, verdade, o tal parceiro impingiu-me que era *detective*, e que não dissesse palavra fosse a quem fosse.

— Pois meu caro amigo, saiba que este negocio é muito sério, e não lhe quero estar na pelle se tentar encobrir-me seja o que fôr. Diz então que o tal freguês lhe impingiu que era da policia secreta?

— E' verdade que sim, senhor.

— E quando foi que lho disse?

— Quando sê apeou.

— E não disse mais nada?

— Disse como se chamava.

Holmes esconsou para mim um olhar de ufania.

— Com que, então, declarou o nome? Falta de prudencia! E esse nome é?...

— O nome do freguês? mascou o cocheiro, disse elle que se chamava Sherlock Holmes.

Nunca eu tinha visto o meu amigo mais completamente embatucado do que ficou assim que ouviu a resposta do cocheiro. Permaneceu, por instantes, mudo de espanto. Depois, desatou a rir com gosto.

— Um sintôma, Watson—um incontestavel sintôma! exclamou. Farejo um melro tão fino e subtil como eu proprio. Meteu-nos os pés nas algibeiras! Com que, então, o nome d'elle era Sherlock Holmes, diz você?

— Pois já se vê que era.

— E' famoso! Diga-me onde foi que elle se meteu no *cab*, e tudo que aconteceu pelo caminho.

— Acenou a chamar-me ás nove e meia, em Trafalgar Square. Disse elle que era da policia, e offereceu-me dois guinéus com a condição de fazer tudo que elle mandasse. Eu, já se deixa ver, disse que sim. Primeiramente bate-mos para o hotel de Northumberland e esperámos ali por dois sujeitos até que saíram e se foram meter num *cab* da carreira. Fomos-lhe no rastro até que elle mandou parar por aqui, algures.

— A esta mesma porta, completou Holmes.

— Eu lhe digo, lá quanto a isso não tenho

a certeza, mas palpita-me que o parceiro sabia bem o que queria. Fomos indo com o carro, parámos a meio da rua e estivemos hora e meia á espera. Os dois sujeitos, neste comenos, passaram rentes comnosco, a pé, e nós fomos-lhes na côla Baker-Street abaixo.

— Bem sei, declarou Holmes.

— Até que galgámos mais da terça parte de *Regent-Street*. Vae dahi, o fréguês levantou o postigo, e gritou-me que batesse até á estação de Waterloo, a toda a brida. Espertei a piléca, e pusémo-nos lá em dez minutos. Vae elle, passou-me para a mão os três guinéus, como um homem, e enfiou para a estação. Quando se apeou voltou-se para trás e disse:

«Talvez não deixe de te interessar o saberes que levaste no teu carro o senhor Sherlock Holmes.»

E ahi está como eu lhe vim a saber o nome.

— Percebo. E nunca lhe tórnou a pôr a vista em cima?

— Não tornei a dár fé do parceiro depois d'elle entrar na estação.

— E que especie de homem era esse tal senhor Sherlock Holmes?

O cocheiro coçou na cabeça.

— Eu lhe digo: não sei se acertarei a dar-lhe ideia do sujeito. Andaria pelos seus quarenta annos, nem alto nem baixo, com menos para ahi três polegadas do que o senhor; a julgar pela farpéla, era sujeito que avezava, e tinha barba cerrada, preta, aparada por baixo, e muito macilento. E mais nada lhe sei dizer.

— De que côr tinha elle os olhos?

— Se quer que lhe diga, não reparei.

— Não se recorda de mais coisa nenhuma?

— Não, senhor.

— Está bem, aqui tem o seu meio soberano. E cá fica outro á sua espera, se me trouxer mais algumas informações. Boa noite!

— Muito boa noite, patrão, e muito agradecido!

O John Clayton abalou cascalhando, e Holmes voltou-se para mim, encolhendo os hombros com um sorriso de decepção.

— Estalou outro fio, e estamos tão adiantados como no principio, emitiu. E' finorio o patife! Sabia o numero da nossa porta, sabia que sir Henry Baskerville tinha vindo consultar-me, pescou quem eu era, lá em *Regent-Street*, conjécturou que eu havia tomado o numero do carro e que não deixaria d'interrogar o cocheiro, e expediu aquelle atrevidissimo aviso. Sabes o que te digo, Watson, é

que temos pela prôa um contendor da fôrma do nosso pé. Apanhei xéque-máte em Londres. Resta-me apenas o desejar-te melhor sorte lá no Devonshire. Mas não tenho o espirito soçegado a semelhante respeito.

-- A respeito de quê?

-- De te enviar para lá. O caso está feio, Watson, feio e perigoso a valer e quanto mais o vou observando menos me agrada. E' assim mesmo, amigo, podes rir á vontade, mas sempre te vou dizendo que tomára já cá o dia em que te veja são e a salvo de volta a Baker-Street, outra vez.

CAPITULO VI

A mansão de Baskerville

SIR HENRY BASKERVILLE e o doutor Mortimer compareceram no dia e á hora aprazados, e conforme ficara combinado abalámos para o Devonshire:

O senhor Sherlock Holmes foi comigo no trem até á estação, e á despedida fez-me ainda umas recommendações e deu-me uns conselhos.

-- Não quero pôr peias ao teu critério com sugestões de theorias ou de suspeitas, Watson, declarou:

O que eu desejo, tão sómente, é que me vás dando conta dos factos do modo mais circumstanciado, e que deixes a meu cargo as theorias.

-- E que especie de factos? perguntei.

Tudo que te pareça ter alcance, comquanto indirecto, sobre o caso, e muito em especial as relações entre o moço Baskerville e seus vizinhos, ou quaesquer novos pormenores relativos á morte de sir Charles. Tenho procedido a mais de uma indagação, estes dias mais chegados, os resultados, foram porém negativos. Uma circumstancia parece justificar-se, unicamente, a saber: que o senhor James Desmond, o mais immediato herdeiro, é um cavalheiro já edoso, e muito boa pessoa, e que portanto a perseguição não será movida por elle. Estou em dizer, até, que o podemos eliminar de todo dos nossos calculos. Restam apenas as creaturas que presentemente se acham em contacto com sir Henry Baskerville lá na charneca.

-- E não seria sensato ver-mo-nos livres desde já dos taes conjuges Barrymore?

-- Por caso nenhum. Nem podias incorrer em mais grave erro.

Dado o caso que estejam innocentes, representaria uma injustiça cruel, e se de facto são culpados, perderiamos qualquer ensejo de lhes assentar a carapuça. Nada, nada, i-los-êmos mantendo na lista dos suspeitos. E ha ainda um moço de estrebaria lá no solar, se a memoria me não falha.

Há tambem os dois casaleiros da charnéca e o nosso amigo doutor Mortimer, a quem eu considéro um perfeito homem de bem, e a mulher delle ácerca da qual nada sabemos. Ha mais o Stapleton, naturalista, e a irman, que dizem ser uma menina com muitos atractivos. E por ultimo, o tal senhor Frankland, do solar de Lafter, que é tambem factor incógnito, não falando em mais um ou dois vizinhos. E ahi tens a gente que deve constituir para ti alvo de estudo especial.

-- Farei quanto estiver ao meu alcance.

-- Levas armas, já se vê?

-- Levo, julgaei ser prudente levá-las.

-- Com toda a certeza. Não largues o teu revolver, quer de dia quer de noite, e não te deixes apanhar desprevenido.

Os nossos amigos tinham já mandado reservar um vagon de primeira classe, e estavam á nossa espera na plataforma.

Não, senhor, não temos noticias de qualidade nenhuma, declarou o doutor Mortimer, em resposta ás perguntas do meu amigo. Uma coisa lhe posso eu jurar -- é que não trouxemos ninguem agarrado á sombra, estes dois dias. Na rua, fômos sempre de olho á mira, e ninguem poderia passar-nos despercebido.

-- Andariam sempre juntos, presumo eu?

Excepto hontem, de tarde. Dedico sempre um dia a recrear-me, quando venho á capital, e inverti-o no museu da Escola-Cirurgica.

-- E eu fui ao parque para ver a concorrência, declarou Baskerville. Mas não se deu incidente de qualidade nenhuma.

-- Foi imprudencia, em todo o caso, afirmou Holmes, abanando a cabeça, com uns ares muito sérios.

-- Rogo-lhe que não torne a andar sósinho, sir Henry.

Acontece-lhe desgraça grande se tal fizer. E a outra bota, já a encontrou?

-- Até hoje, coisa nenhuma, sumiu-se de vez.

-- Deveras? -- E' caso interessantissimo. Com que, então, adeus, acrescentou, no acto do

comboio ir principiando a deslisar pela plataforma.

— Não perca de vista uma das frases da tal lenda estapafúrdia que o doutor Mortimer nos leu, sir Henry, e trate de evitar a charnéca nessas horas nocturnas em que andam á solta os Poderes malignos.

Olhei para trás em direcção á plataforma, e vi o vulto alto, austéro de Holmes, espécado, a seguír-nos com a vista.

Foi rapida e breve a jornada e aproveitei-a para ir tomando conhecimento mais intimo dos meus companheiros e em brincar com o cão de agua do doutor Mortimer.

Dentro de poucas horas a terra pardacenta tornára-se avermelhada, o tijolo cedera a vez ao granito, e as vacas fulvas pastavam nos campos bem vedados onde a pujança da relva e a abundante vegetação eram prenuncio de um clima mais rico e mais humido. O juvenil Baskerville, á portinhola, não se fartava de contemplar os campos, soltando exclamações de contentamento, á medida que ia reconhecendo os traços familiares do scenario do Devonshire.

— Tenho corrido meio mundo desde que me fui daqui, doutor Watson, exclamou; mas nunca vi terra que com esta se compare.

— Ainda estou para ver o filhote do Devonshire que não exaltasse acima de todas a sua terra, observei.

— Depende da raça do homem, tanto ou mais que do condado, — sentenceou o doutor Mortimer. O nosso amigo, aqui presente, logo á primeira vista, revéla o craneo redondo do Celta, que traz lá dentro o enthusiasmo celta e o condão de se afeiçoar. O craneo de sir Charles — coitado — era um typo rarissimo, meio gaélico meio ibernio nas respectivas características. O senhor era porém muito moço quando viu pela ultima vez a mansão de Baskerville, pois não é assim?

— Era um rapazelho para ahi de trêse annos quando meu pae faleceu, e nunca tinha visto a mansão, pois residiamos numa casita de campo na costa meridional. Fui dalí direito para a companhia de um amigo, na America. E afirmo-lhe que o caminho tem para mim tanta novidade como a que tem para o doutor Watson, e que estou morrendo por ver a charnéca.

— Deveras? Saiba então que vão ser satisfeitos os seus desejos, pois já daqui a pode ver, — declarou o doutor Mortimer apontando para longe, através do postigo da carruagem.

Por cima dos quadrados verdes dos campos e da curva baixa de um arvozedo surgia ao longe um monte, pardacento e melancolico, com um cocoruto recortado e estrambotico, vago e esfumado na distancia, tal qual uma paisagem fantastica, vista em sonho. E Baskerville ficou-se de olhos fitos a contemplá-lo, embevecido, e eu a lêr-lhe no ancioso semblante a que ponto o impressionava a visão primeira daquella singularissima localidade onde os homens do seu sangue haviam exercido dominio durante prazo tão longo, e deixado tão fundamente estampado o seu estigma. E elle, sentado para alí, com o seu fato grosso de cheviote, e o seu sotaque americano, ao canto de um prosaico vagon de caminho de ferro, e não obstante, eu, ao contemplar lhe aquelle seu rosto tisonado e expressivo, senti mais do que nunca até que ponto elle era o lidimo descendente daquella extensa linhagem de homens, féros, imperiosos e de sangue generoso. Lia-se o orgulho, o valor, a força nas bastas sobrancelhas, nas sensitivas narículas, e nos olhos rasgados e côr de avelan. Se acaso naquelle brejo inhospito iamós encontrar em nossa frente uma pergunta ardua e perigosa, sequer ao menos tinhamos alí um companheiro por quem se podia aventurar o arcar com qualquer perigo na certeza de que era homem para o compartilhar com valentia.

O comboio parou numa estaçõesinha rural e apeámos todos três. Lá fora, para além da vedacção baixa, pintada de branco, um carrinho com uma parêlha de garranos á nossa espera. Era evidente o assumir as proporções de grande acontecimento a nossa chegada, visto como o chefe da estação e carregadores, desde logo, officiosos, nos cercaram carregando com a bagagem. Era um sitio campestre, ameno e comesinho, qual não foi porém o meu pasmo ao lobrigar, perfilados á cancêla, dois individuos de aspecto marcial, fardados de escuro, abordoados á clavina, e que ao perpassarmos cravaram os olhos em nossas pessoas. O cocheiro, um batoque, espadaúdo e mal encarado, fez a sua continencia a sir Henry Baskerville e dalí a minutos iamós de batida pela estrada larga e esbranquiçada. Velozes, a um e outro lado, deslisavam as veigas ondulantes e por entre a densa folhagem espreitavam as empênas da velha casaria, e sem embargo, para além da pacifica e ensoláda campina surgia-nos, sempre escura dencontro ao

ceu da tarde, a curva sombria e extensa da charnéca, interrompida pela montanha, recordada e sinistra.

O carrinho, dando uma volta, tomou por um atalho, e lá fomos galgando costa acima por entre uns barrancos muito altos, trilhado o piso por centenaes de rodas e ajoujados com a densa côma de musgos e dos polpudos fétos da escolopendia.

O bronzeo tojo e as urzes matizadas refulgiam á luz do sol no occaso. Sempre a subir, transpusémos uma ponte estreita, de granito, galgando uma torrente, rapida e caudalosa, a espadanar com estrépito por entre as fraguas pardacentas. Estrada e torrente iam coleando através de um vale, uma brenha, todo elle, de carrasco e pinheiraes. A cada volta do caminho Baskerville, embevecido, soltava exclamações de jubilo, contemplando, ancioso, os minimos incidentes, e desfazendo-se em perguntas. Aos olhos delle, assumia tudo formosíssimas proporções, aos meus, contudo, um véu de melancolia pairava sobre aquellas vastas campinas, prenuncio evidente de ir declinando o anno. Alcatifavam carreiros e azinhas, tremulando á nossa passagem, as amarelidas folhas. O rechinar das rodas esmorecia ao trilharmos as camadas da vegetação putrescente. Triste offerenda, a meu vêr, da Natureza, espargida em frente da carruagem do herdeiro do nome de Baskerville no acto do seu regresso á mansão de seus avós.

— Houla! clamou o doutor Mortimer, que quer isto dizer?

De frente de nós, erguia-se um cabeça vestido de estêvas, como que um esporão desgarrado da charnéca. Na cumeada, rigido e nitido tal qual uma estatua equestre sobre o respectivo pedestal, campava um soldado a cavalo, sombrio e carrancudo, com a clavina em descanço. Vigiava a estrada a festo da qual vinhos rodando.

— Que quer aquillo dizer? Perkins? indagou o doutor Mortimer.

— Foi um preso qua se safou de Princetown, patrão. Ha tres dias que anda a monte, e os guardas estão de atalaia a cada estrada e a cada estação, mas até agora ainda não foram capazes de lhe pôr a vista em cima. Os lavradores cá do districto é que não andám nada contentes, é o que lhe sei dizer.

— Mas elles, se bem me recordo, se puderem dar noticias do meliante, apanham cinco libras cada um.

— E' verdade que sim, que elle, cinco libras é fraca pechincha para quem corre o risco de lhe cortarem as guélas. Que este, não sei se sabe, não é um facinora como outro qualquer. E' homem que não vira a cara seja a quem fôr.

— E quem é elle, então?

— E' um tal Selden, o assassino de Notting-Hill.

Eu recordava-me muito bem do caso, pois fôra um lance pelo qual se interessara immensamente Holmes, por motivo da peculiar ferocidade do crime e da perversa brutalidade incidindo com os actos todos do assassino. A commutação da pênna de morte foi o resultado de haver duvidas ácerca do seu estado mental, tão atroz havia sido o seu modo de proceder.

O nosso carricoche tinha galgado um lombo de terieno e na nossa frente dilatava-se uma vasta expansão de charnéca, sarapintada de penhascos, agulhas, fragosos e adustos.

Varria o brejo um ventinho algido, de arripiar. E por alí, algures, naquella desolada planicie, éra o esconderijo daquelle homem desalmado, alapado em algum fôjo como qualquer besta-fera, com o coração a referver de maldade contra a raça em pêso que o havia lançado á margem. Era o ultimo toque vindo completar a tetrica sugestão de tão agreste descampado. E o proprio Baskerville, taciturno, a aconchegar a si o sobretudo.

Haviam deixado atrás de nós a fertil região da qual iamos a cavaleiro, e voltavamo-nos a contemplá-la, os raios declinantes do sól, já muito baixo, transformando em tenues fios de oiro corregos e regatos, e esparzindo o seu rubro clarão sobre a terra já de si avermelhada, revolvida de fresco pelo arado e por sobre o vasto labirinto do arvoredado. A estrada que se nos frenteava, cada vez mais aspera e mais agreste, cortando através das ingremes encostas ora verdoengas ora avermelhadas, salpicadas de agigantados penhascos. De onde em onde passavamos rente com um cardenho da charnéca, com paredes e telhado de loisa, sem uma trepadeira que viesse quebrar-lhe a aridez dos contornos. De subito antolha-se-nos uma depressão concava, inçada de carvalhos e pinheiros enfézados, vergados e contorcidos por annos e annos de furibundos vendavaes. Ao de cima do arvoredado surgiam dois torreões. O cocheiro apontou para elles com o cabo do pingalim.

— O solar de Baskerville, declarou.

Ergueu-se de pé o dono a contemplá-lo com a face afogueada e os olhos refulgentes. Volvidos minutos paravamos ao portão, o proprio redenho de laçaria fantastica de ferro forjado, entre dois pilares carcomidos do tempo, manchados pelos lichens, e encimados pelas cabeças de javali, timbre dos Baskervilles. O corpo avançado era uma ruina de granito escuro, de argamassa, barrotes e enxameis descarnados, frenteava o porém um edificio novo, por concluir, fruto primévo do oiro acarretado por Sir Charles dessa Africa Meridional.

Transposto o portal, atravessámos a avenida, onde as folhas seccas de novo amorteciam o ringido das rodas, e o vetusto arvoredado projectava as ramadas formando um tunnel sombrio por cima das nossas cabeças. Baskerville estremeceu ao varrer com a vista a vereda extensa e escura lá no topo da qual alvejava, qual espectro, a mansão.

— Seria aqui? indagou, baixinho.

— Não, senhor, a alêa dos teixos fica da banda dalém.

O juvenil herdeiro mirou em redor com o parecer carregado.

— Não me admira que meu tio adivinhasse desgraça em semelhante lugar, declarou. E' de assustar seja a quem fôr. Dentro em menos de seis mêses heide mandar pôr aqui um renque de lampadas electricas, que a hão-de vêr e não a hão-de conhecer, e um dynamo Swan e Edison com força para mil luzes, mesmo defronte da porta do atrio.

A avenida abria para um terreiro de relva, e em frente, antolhou-se-nos a residencia. A' luz amortecida da tarde, pude observar que o corpo central era uma pesáda móle de construcção á frente da qual se projectava um portico.

A hera vestia completamente a fachada, e de onde em onde uma rotura, recortada no escuro veu, deixando ver na janéla um brazão de armas. Ladeavam este macisso central duas torres, antiquissimas, ameidadas e perfuradas por bastas séteiras. Quer da esquerda quer da direita dos torreões protrahiam-se duas álas de granito escuro, de data mais recente. Um clarão fosco brilhava através das janélas de maineis, e das altas chaminés encimando o telhado agudo e ingreme, solitaria, brotava uma columna de fumo.

— Bem vindo seja, sir Henry, bem vindo seja a esta sua casa de Baskerville.

Da escuridão do portal surgira um individuo,

alto, e abriera a portinhola do carrinho. D'encontro á amarelada luz do atrio estremava-se um vulto de mulher. Transpôs a porta e ajudou o home n a descarregar os nossos sacos de viagem.

— Se me dá licença, sir Henry, vou daqui direito a casa; minha mulher está a minha espera, declarou o doutor Mortimer.

— Isso é que não, doutor, primeiro havêmos de jantar.

— Queira desculpar, mas tenho que ir embora. Desejaria demorar-me para lhe ir mostrar os cantos da casa, mas está aqui o Barrymore que é mais competente do que eu. E adeus, se precisar de mim, quer de dia quer de noite, não faça cerimonia, mande-me chamar.

Esvaiu-se o barulho das ródas lá muito ao longe, na vereda, entanto sir Henry e a minha pessoa davamos entrada no átrio, e se fechava, atrás de nós, com estrondo, o ponderoso portão. Era um sumptuoso recinto aquelle em que nos encontrámos, espaçoso, com immenso pé direito, e travejado com grossas e pesadas asnas de carvalho denegrido pelo tempo. Na vasta e antiquada lareira e por detrás dos enormes espéques de ferro crepitava um lume de lenha. Tanto eu como sir Henry tratámos logo de aquécer as mãos, pois um e outro vinhamos regelados com a longuissima jornada. Em seguida feriu-nos a vista a esguia e alta janéla de vidraças pintadas, os apainelados de carvalho, as cabeças de veado, as cotas de armas colgadas pelas paredes, escuro, tudo aquillo, á esmorecida luz do candieiro collocado ao centro da casa.

— Tal qual eu o imaginava, exclamou sir Henry. O genuino typo de uma antiga casa fidalga! E lembrar-me eu de que esta é a mesma mansão em que, durante quinhentos annos, viveram os meus! Infunde-me um não sei qué de solemne um tal pensamento.

Observei que lhe illuminava o semblante uma expressão de entusiasmo infantil ao contemplar a quanto o rodeava. Batia a luz em cheio no sitio em que se achava, a sombra, porém, descendo pelas paredes, estendia-lhe como que um docel por cima da cabeça. Barrymore fôra levar as malas para os nossos quartos e estava de volta, parado em frente de nós ambos, com os modos deferentes de serviçal bem creado. Era um homem de notavel aspecto, alto, bem parecido, com uma barba preta, esquadrada, macilento e de feições distinctas.

— Deseja que lhe sirvam o jantar, immediatamente, meu senhor?

— Está pronto?

— Daqui a minutos, meu senhor. Há de encontrar agua quente nos seus quartos. Tanto eu como minha mulher, sir Henry, estimaremos muito que se digne utilizar o nosso pres-

— Mas apenas quando sir Henry o julgar conveniente.

— E não obstante, a sua familia tem vivido comnosco desde varias gerações, pois não tem? E eu, pela minha parte, sentiria o ter que principiar vida rompendo os laços de tão antigas relações de familia. — Pareceu-me discernir uns vislumbres de com-

mãoção no palido semblante do mordomo.

— Não deixo de o sentir, meu senhor, e minha mulher, egualmente. Mas, para lhe falar com franqueza, ambos eramos muito dedicados a sir Charles, e a sua morte deu-nos grande abalo, tornando-nos dolorosissimo residir nesta casa. Diz-me o coração que não tornaremos a ter socego em quanto estivermos na mansão de Baskerville.

— Mas para onde tencionam ir?

— Tenho fé, meu senhor, em como conseguiremos abrir para ahi algures um estabelecimento qualquer. A generosidade de sir Charles proporcionou-nos meios de o levarmos a effeito. E agora, meu senhor, talvez deseje que eu lhe vá mostrar os seus aposentos?

Em volta de toda a parte superior do vetusto salão corria uma galeria com uma balaustrada, tendo serventia por um duplo lanço de escada. Do patim, ao centro, seguiam dois corredores acompanhando o



— BEM VINDO SEJA, SIR HENRY.

timo até que haja determinado o serviço da casa, mas não deixará de perceber, dadas as novas condições, que ella não poderá dispensar um pessoal em numero consideravel.

— Novas condições, e quaes são ellas?

— Venho eu a dizer, meu senhor, que sir Charles levava um viver em extremo retrahido, e que nos habilitava a atender ás suas limitadas exigencias. Sir Henry, presumo eu, desejará mais companhia, e não deixará, portanto, de necessitar de fazer mudanças no serviço da sua casa.

— Deverei deduzir das suas palavras que, tanto o senhor como sua mulher tencionam despedir-se?

edificio em todo o comprimento, e para o qual abriam os quartos todos da casa. O meu era na mesma ala que o de sir Henry e com outro, apenas, de permeio. Estes quartos pareciam ser mais modernos do que o corpo central do edificio, e quer o viço do papel das paredes quer o numero de velas acêdas concorriam algum tanto para debelar a tétrica impressão que se apoderára do meu animo, á chegada.

A sala de jantar, contudo, que tinha entrada pela sala vaga era uma quadra lobrega e sombria. Era um recinto muito comprido, com um estrado apartando o docél do lanço inferior reservado para os dependentes. No topo, a varanda para os menestres a cavaleiro de

estrado. Por cima de nossas cabeças o travejamento denegrido supportando o enfumado tecto. Os renques dos brandões acêso a espargirem luz, a cor viva e brilhante, a rude galhofa de um-banquete de outras éras, havê-lo-iam talvez amenizado; agora, porém, com a presença de dois sujeitos vestidos de preto, sentados no enesgado circulo luminoso emitido pelo candieiro com o competente quebra-luz, as vozes assumiam um tom soturno e o espirito sentia-se acanhado.

Uma fila escura de avoengos, trajando com a maxima variedade, desde o cavaleiro da èra izabelina ao frascario da Regencia, com os olhos cravados em nossas pessoas, assoberbava-nos com a sua taciturna companhia. Pouco ou nada falámos, e eu, pela minha parte, estimei immenso ver concluida a refeição e podermos transferir-nos para o mais moderno bilhar e fumar ali o noso cigarrinho.

— Não peça por alegre este nosso paradeiro, palavra de honra, commentou sir Henry. Ouso crer que uma pessoa poderá vir a ageitar-se, mas confesso que, por emquanto, me sinto fóra da afinação. Não me admira que meu tio se haja tornado um tanto mágico vivendo sósinho em semelhante casarão. E dahi, se o meu amigo se conforma, deitar-nos-êmos cêdo esta noite, e talvez que amanhã tudo isto apresente cara mais alegre.

Arredei as cortinas da janéla antes de me

meter na cama e lancei a minha rabisaca para o exterior. A janéla tinha vista para um recinto rélvado que ficava em frente do portal da sala vaga. Para além, duas moitas de arvorêdo, a gemer e a abanar com o levantar do vento, a lua na sua fase média a romper por entre os rasgões das nuvens em correria. Ao algido clarão do luar loriguei para além do arvorêdo a recortada franja de penhascos e a curva, baixa e extensa, da melancolica charnéca. Deixei cair a cortina, sentindo que a minha ultima impressão condizia com as restantes.

E todavia, não éra ainda a ultima. Sentia-me cançado mas sem poder pregar olho, dando voltas e viravoltas na cama, á espera do sôno que não queria vir. Souo ao longe o relógio de uma torre a badalar ôs quartos de hora, som unico vindo quebrar o silencio sepulcral em que jazia o velho casarão. De subito, noite morta, eis que vem ferir-me o ouvido, claro e inconfundivel um som. Era o soluçar de uma mulher, o arranco atabafado, afogado de alguém retalhado por incomportavel afflicção. Ergui-me no leito, de ouvido á escuça. O ruido não podia vir de muito longe, mas sim do proprio prédio, com certeza. Durante meia hora permaneci na expectativa, com os nervos todos a vibrarem, mas não tornei a perceber outro som além das badaladas do sino e da restolhada da héra nas paredes.

(Versão de Manuel de Macedo)

(Continua)

CONAN DOYLE.





A maçã



Luiz era um pequeno muito desinquieto. Só na rua estava bem, a escarrear com os gaiatos.

Por isso uma manhã em que não havia collegio, por ser quinta-feira, a mãe não lhe deu licença para sahir, como elle desejava, e apenas lhe permittiu que fosse brincar para o quintal. Assim, estava livre de tomar os maus exemplos da garotada, ou de levar com alguma pedra, como tantas vezes acontece ás creanças que andam mettidas n'aquellas brincadeiras.

O Luiz obedeceu e foi para o quintal.

De repente viu uma borboleta muito linda, esvoaçando de flor em flor. Parecia feita de oiro e pedras preciosas.

Desejoso de apanhal-a, foi-se-lhe chegando muito de vagarinho, cosido com o buxo dos canteiros, nos bicos dos pés, sem se atrever a respirar.

Quando estava quasi, quasi a deitar-lhe a mão, o brilhante insecto ergueu o vôo e sahiu do quintal, de modo que o pequenito, esquecendo as ordens da mãe, abriu a cancela que deitava para a estrada e largou a correr pelos campos além, até que avistou a borboleta pousada junto de um poço, por cima do balde com que se tirava agua. Approximou-se-lhe outra vez com mil cautelas, mas, vendo-a fugir, atirou-lhe com o bonnet, que em logar de a prender, cahiu para dentro do poço, afundando-se na agua escura, lá muito em baixo.

Apesar de ter em grande apreço o bonnet, o Luiz não desanimou com o contratempo, e continuou na caçada.

A borboleta já estava longe, e ora pousava n'uma flor, ora n'um ramo de arvore ou n'uma ervinha. Quanto mais elle a seguia, mais se afastava, como se quizesse fazel-o desesperar.

Afinal entrou para uma quinta cercada por um muro muito alto.

O pequeno ficou furioso, mas tanto esquadrihou no muro que deu com um buraco, e a muito



custo metteu-se por elle, arranhando as mãos e a cara, e fazendo no fato uns poucos de rasgões.

Logo que se apanhou da parte de dentro, levantou-se e olhou para todos os lados, mas não foi capaz de descobrir a cubizada borboleta.

Em compensação viu pendente de uma macieira uma linda maçã bemposta, muito vermelha e muito appetitosa.

Não pensou mais na borboleta.

De bocca aberta e olhos esboghados, mirava e remirava o bello fructo, ancioso por apanhal-o.

Acudiram-lhe á memoria os conselhos do pae, da mãe, do professor, mas poude mais que tudo a gulodice. Foi até junto da arvore, poz-se nos bicos dos pés para chegar á maçã e — forçoso é dizer a feiissima palavra — furtou-a!

Apenas a sentiu na mão, teve remorsos do que acabava de fazer. Se fosse possivel, de boa vontade tornaria a pegal-a ao ramo.

Por fim socegou um pouco, pois tendo olhado em volta de si não descobriu viv'alma, e disse, guardando o fructo no bolso:

— Ninguem me viu!

— Viu-te Deus! bradou uma voz tremenda, que o pequenito julgou vinda do céo.

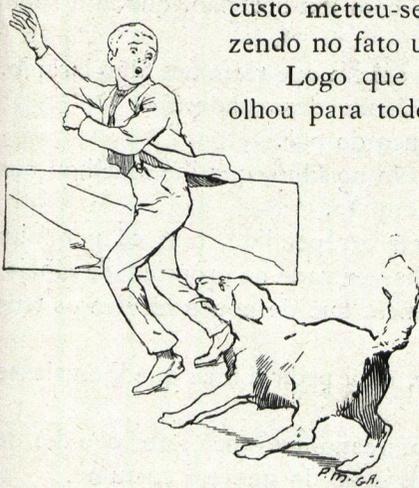
Transido de medo, olhou para cima. Ninguem! Sentiu bulha. Era um grande cão, que arremetteu para elle de bocca escancarada, prompto a despedaçal-o.

Correr para o buraco, onde mais se rasgou, e sahir para o campo, foi tudo obra de um momento. Ainda assim não o fez tão depressa, que o canzarrão deixasse de arrancar-lhe um bocado da calça. Só por milagre lhe não arrancou tambem um bocado de carne.

Mais morto do que vivo, sentou-se debaixo de uma oliveira a descançar. Quando recobrou alento, ficou afflicto com a desgraça em que tinha o fato. Quiz refrescar a bocca e levou a mão á algibeira, em cata da maçã. Não a achou, nem tão pouco a algibeira! Tinham ficado no buraco do muro, ou nos dentes do cão, valha a verdade.

E lembrou-se do que lhe dissera aquella voz. Tanto Deus o tinha visto, que já começava a castigal-o. Ainda mais arrependido, poz-se de joelhos, pedindo perdão pelo furto e jurando não tornar a cair n'outra semelhante.

Quando ia já a entrar em casa, não sabendo como desculpar-se para com os paes, por se apre-



sentar n'aquelle estado lastimoso, encontrou-se com um hortelão, que ia a sahir e que lhe disse de mau modo:

— Ande, vá ter com seu pae e sua mãe. Já sabem que teem um filho larapio.

O Luiz ficou tão cheio de medo, que ia cahindo desmaiado.

Amparou-o uma visinha e levou-o á presença do pae.

O bom homem deu uma severa reprehensão no filho, que lhe ajoelhou aos pés, e de mãos postas pediu perdão, chorando muito.

— Levanta-te, disse o pae. Vejo que estás arrependido, mas cá por mim não posso perdoar-te. Vieram dizer-me que tinhas entrado na propriedade alheia, para fazer um furto. Retira-te da minha presença, que de pouco servem os teus choros e pedidos. Amanhã falaremos.

Sahiu d'ali estonteado o travesso do rapaz, e foi pedir á mãe que lhe valesse n'aquelle grande afflicção.

Embora ella não o recebesse muito bem, vestiu-lhe outro fato, deu-lhe de comer e mandou-o para a cama uma hora mais cedo do que era costume.

*

Na manhã seguinte o pae chamou-o.

Quando o Luiz lhe ouviu a voz estremeceu todo, mas acudiu submissamente ao chamado, como filho obediente que era.

Foram ambos á presença do dono da quinta, ao qual o pae do Luiz disse estas palavras:

— Deus castigou-me por me dar um filho que me envergonha, praticando uma das acções mais vis que um homem pode fazer. Aqui lh'o trago. Confessa ter furtado uma maçã da sua quinta. Pode dar-lhe o castigo que quizer.

O pequeno julgou que tinha chegado a sua ultima hora, e de olhos pregados no chão tremia como varas verdes, mais por vergonha do que por medo.

O dono da quinta olhou para elle durante alguns momentos e voltando-se para o pae disse:

— Sinto deveras que tenha um filho com propensões tão más. Peço-lhe que se elle alguma vez fizer qualquer coisa má só lhe dê o castigo de *lembrar-lhe a maçã que me furtou*.

E ouvindo estas palavras o Luiz tremeu ainda com mais torça, porque lhe pareceu estar ouvindo a mesma voz, que, junto da macieira, lhe tinha dito as terriveis palavras:

— *Viu-te Deus!*

E assim era effectivamente, pois estando o dono da quinta dentro do seu caramanchão, que havia ao pé da arvore, vira o Luiz apanhar o fructo e dera-lhe aquelle aviso.



*

Desde então o pequeno nunca mais tirou nada a ninguém, e, quando no collegio via algum dos companheiros ficar por brincadeira com o lapis ou a penna dos collegas, reprehendia-o promptamente e dizia-lhe:

— Fazes hoje por graça, o que amanhã podes fazer por vicio. Queres vir a ser a coisa mais despresivel que ha n'este mundo — *um ladrão?*

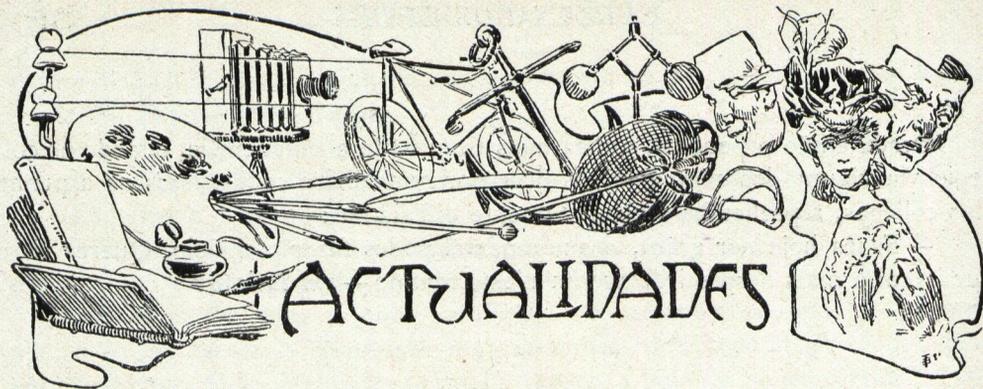
Terceiro concurso photographico dos SERÕES

Menção honrosa



SIMULANDO UMA MALHADA

Photographia do sr. Gomes Pinto, Porto



Grandes topicos

A questão religiosa em França **V**AE uma celeuma espantosa em França por causa dos celebres papeis apanhados na nunciatura de Paris, e cuja publicação, reclamada pelos partidos avançados, já não agrada aos clericaes, que a começo a pediam tambem, seguros de confundir os inimigos. As revelações que vão apparecendo não são comtudo de molde a collocarem em mau campo senão os proprios clericaes. Tentativas de suborno sobre o chefe do governo francez, pedidos de intervenção de potencias estrangeiras no conflicto interno, as intrigas em summa habituaes ao jesuitismo que no Vaticano domina, tudo isso está transparecendo dia a dia, e dando carradas de razão aos adversarios da Igreja militante, entre os quaes se enfileiram muitos catholicos sinceros. E' um complicado romance

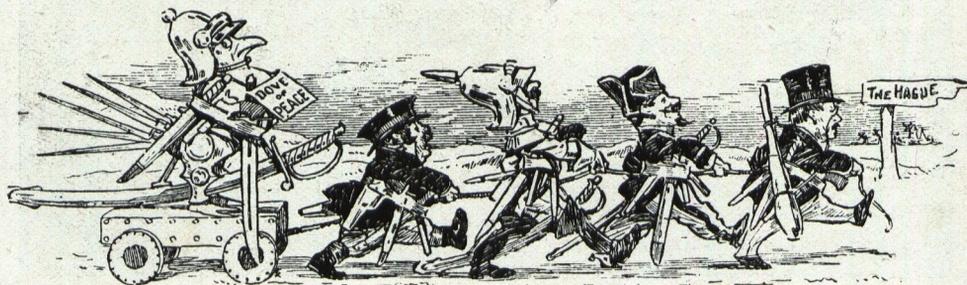


A MAIOR VICTORIA DE BULOW
Suppõe-se já Bismark
 Do «Borssrem»

que terá como desfecho ainda, segundo tudo leva a suppôr, um novo e retumbante triumpho de Clémenceau.

A paz **C**ONTINÚA a preparar-se sem grandes ruidos o novo congresso de paz. Parece que o projecto de desarmamento, apresentado extra-officialmente pelo primeiro ministro de Inglaterra, não será considerado n'esse congresso, em vista da opposição que encontrou na maior parte da imprensa das potencias mais interessadas, e sobretudo da França, que não parece julgar a *entente cordiale* garantia sufficiente contra as coactadas guerreiras da sua visinha de Leste.

Em compensação, alvitra-se a ideia de alargar no novo congresso o principio da arbitragem, devendo submitterem-se ao tribunal da Haya o maior numero de conflictos internacionaes que seja possivel, sem quebra da dignidade ou da segurança das nações interessadas.



ALL FOR PEACE
 TUDO PELA PAZ!
 Do «Life»



O VIÍNHU TURBULENTO

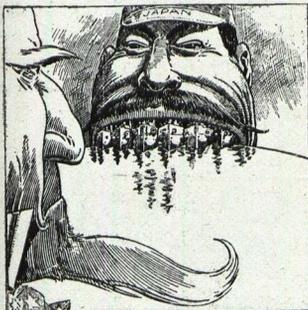
Quando a Russia e a America tratam de explorar pacificamente a Siberia, porque ha de o Japão levantar tamanha algazarra?

(Palavras russas sobre as combinações commerciaes entre a America e a Russia.)

Do «Strekose»

O tunnel da Mancha **A** camara dos Comuns de Inglaterra pronunciou-se contra o projecto do tunnel da Mancha, perfilhando as allegações do partido militar inglez, que veem n'elle um perigo gravissimo contra a segurança da Grã-Bretanha.

Revela-se n'isto uma das faces contradictorias do complex character britannico, a um tempo entusiasta por innovações materiaes e rotineiro em certos pontos que prenam com a constituição ou com as tradições nacionaes. Não se deveria esperar porventura esta tímida



MOSTRA OS DENTES... MAS SÓ A SORRIR

O Japão vae mandar uma esquadra a visitar San Francisco e outros portos do Pacifico.

Do «Chicago News»

resolução de uma camara com maioria liberal. Mas o espectro da Alemanha do presente ou da França do futuro tiveram mais força no espirito dos representantes da nação do que as ideias de progresso e de confraternisação entre os povos. Aguardemos nova tentativa, que virá proxima e será decerto mais afortunada.



AS ELEIÇÕES ALLEMÁS
O MARCADOR BULOV
— Na mosca!
Do «Pasquino»



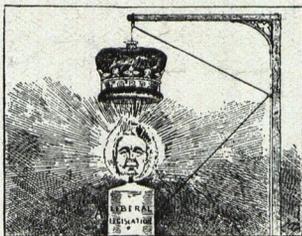
AS ELEIÇÕES NA ALLEMANHA

«A Allemanha não deve apenas cavalgar bem; deve ser capaz de atropellar os adversarios.» (Discurso do Kaiser)

Do «Pasquino»

quartos de pollegada de espessura, as quaes datavam da erecção do palacio, de ha 120 annos. Sob estas taboas estavam pregadas ripas de 1/16 de pollegada de espessura afim de sus-

ter o estuque. A vibração dos geradores electricos, recentemente installados, afrouxou os pregos, o que produziu o desabamento. Felizmente, a hora matutina em que se deu o desastre evitou que elle tivesse causado victimas e salvou os representantes do povo russo.



O APAGADOR DOS LORDS E COMO TRABALHA

Quando a vela chega à linha A, a corda arde e o apagador cae na luz, que é o primeiro ministro.

Da «Westminster Gazette»

O desabamento **P**ouco depois da abertura da Duma, a 15 de março, pelas 6 horas da manhã, abateu o tecto da sala de sessões da Duma. O estuque era ainda novo, pois tinha sido collocado quando a sala foi convertida de jardim de inverno em local de assemblea politica. Debaixo das vigas do tecto havia taboas de tres



A LETRA QUE FALTA

JOHN BULL — Olá! falta uma letra. E' revolução ou resolução?

(A proposito da resolução que se intenta apresentar à Camara dos Comuns, limitando os poderes constitucionaes da dos Lords.)



DEPOIS DAS ELEIÇÕES ALLEMÁS

O PADRE (em cima)—Graças ás tolices alheias, continuamos a estar de cima.

Do «Wahre Jacob»

Em Marrocos **O** imperio de Abdul-Azis deu de novo que falar de si. Quando, aplanadas todas as dificuldades, a tão decantada *questão de Marrocos* entrara no caminho da solução, e as potencias interessadas se preparavam para executar as determinações da Acta de Algeciras, eis que um novo acto de bandidismo, praticado em circumstancias especialissimas, veio chamar a atenção do mundo para esse velho reducto do Islam.

Ha tempos estabelecera-se em Marrakesh, a cidade mais suja e mais insalubre que se conhece, o medico francez Mauchamp que, por encargo do *Comité du Maroc*, ali foi estabelecer um Dispensario. Instalado n'um edificio do Estado, o



O ENTERRO DO PARTIDO LIBERAL EM HESPANHA

Maura presta as ultimas honras ao partido liberal, cuja mortalha é a lei das associações.

De «La Campana de Gracia»

dr. Mauchamp em breve conseguiu ganhar a confiança e a sympathia dos indigenas pelas inumeras e notaveis curas que realizou. Ultimamente foi Mauchamp á capital da França e, durante a sua ausencia espalhou-se o boato de que, apenas regressasse, instalaria na sua habitação um aparelho de telegraphia sem fios *que permitiria aos francezes de Paris ver tudo o que se passasse em todo o imperio*. Quem lançou esse boato? Afirmase que um tal Holzman, pretenso medico, ha annos residente em Marrakesh e lá trabalhando de alma e coração pela Alemanha...

Fosse quem fosse, o certo é que ao regressar ali, Mauchamp foi recebido com manifesta hostilidade por todas as classes sociaes. Com elle appareceu em Marrakesh uma



O CZAR E O POVO

O CZAR (ao ministro)—Vê se tens o açamo prompto. Não me fio n'elle.

Do «Weekblad voor Nederland»

missão scientifica e commercial franceza que se instalou na sua habitação, em cujo mirante fez logo erguer um alto mastro destinado a observações geodesicas. Os mouros da montanha, quasi todos amigos de Holzman, ao verem o mastro e supondo que elle era de telegraphia sem fios, levantaram-se em massa e atacaram a casa do medico francez, assassinando-o, sem que as auctoridades marroquinas tentassem sequer evital-o.

Não podia a França deixar passar em julgado mais esta afronta, e

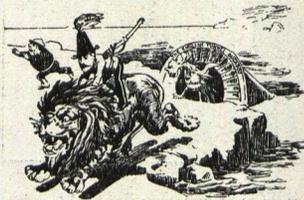


ULTIMO RETRATO DO REI LEOPOLDO

Do «Judge»

assim resolveu immediatamente ocupar a cidade de Ujda, conservando-a em seu poder até que o Maghzen se resolvesse a cumprir com os seus deveres. Deve notar-se que não é apenas por este crime que o governo cherifiano tem de dar satisfações á França, mas ainda pelos atentados de que foram victimas ha tempos Charbonnier, em Tanger, Lariche em Rabat, e Giroucourt em Fez. Além d'isso, as convenções franco-marroquinas de 1901 e 1902 sobre delimitação das fronteiras com a Argelia, postos alfandegarios, etc., nunca foram respeitadas por parte de Marrocos.

A França tem assim serios motivos contra o Maghzen, e como a Acta de Algeciras lhe deixou inteira liberdade para regularisar directamente com Marrocos tudo o que depende da região fronteira, a occupação de Ujda não pôde dar origem a qualquer complicação internacional. E, com efeito, todas as potencias aplaudiram a attitude energica do governo francez.



A GRÁ-BRETANHA DOMINA AS ONDAS!

Como os americanos encaram o terror do tunnel.

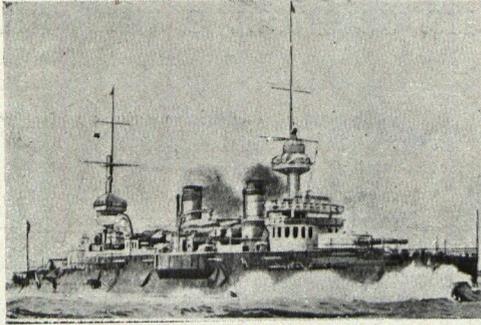
Do «Puch»

Na Rou-
mania **S**erios distur-
bios tem
occurrido
na Roumania, de caracter
agrario, por causa de uma
sociedade financeira que
adquiriu por baixo preço
consideraveis tractos de
terreno para os vender
com grande lucro aos
camponeses. As tropas
tem exercido força para
manter a ordem, resul-
tando victimas. Alguns
proprietarios tem sido
assassinados pelos revol-
tosos. A devastação met-
se estendido por
varios districtos.
Algumas aldeias
foram bombar-
deadas.

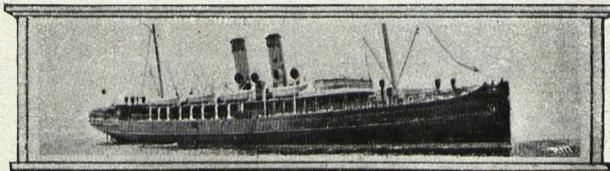
Nos primeiros
dias de abril a
tranquilidade pa-
recia restaurada
na maioria dos

districtos. O ministro da guerra
tinha 140.000 homens distribuidos

OS ULTIMOS DESASTRES NAVAES



O couraçado francez «Iena»

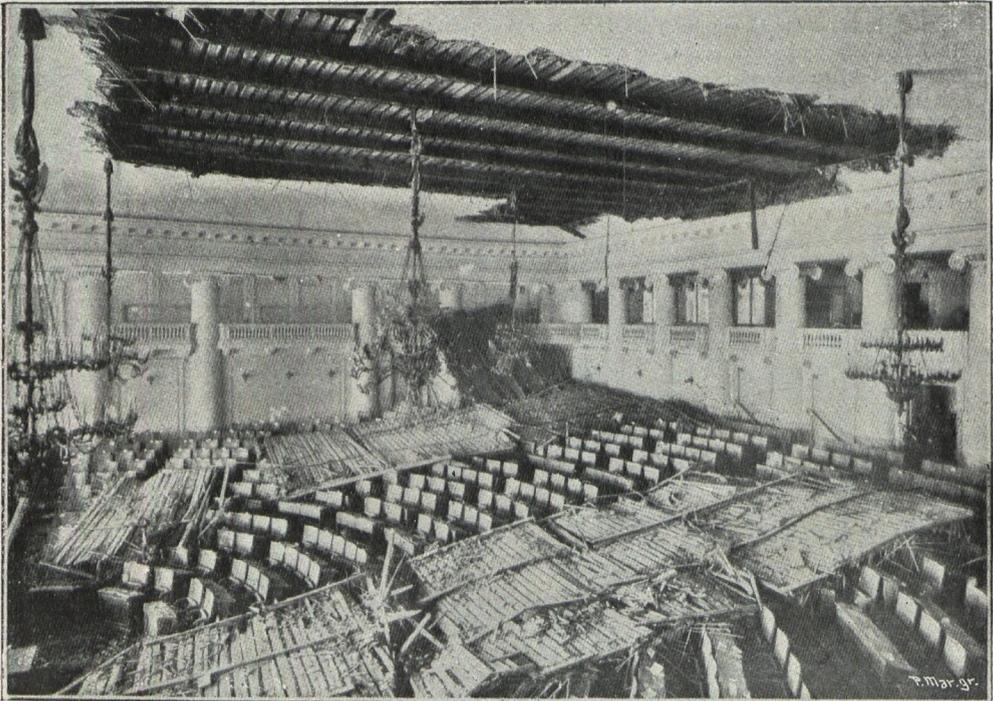


O paquete inglez «Berlin»

pele reino, estando a Valachia
ocupada por tropas moldavas e a

Moldavia por tropas va-
lachias. Os bandos, com-
postos de gente turbu-
lenta, ciganos, estrangei-
ros e criminosos evade-
dos, havim sido extermi-
nados.

O rei de In-
laterra em
Hespanha **A**entrevis-
ta entre
os reis
de Inglaterra e Hespanha,
em Cartagena, deu lugar
a varias hypotheses de
combinações internacio-
naes, que interessam tam-
bem Portugal. As-
sim, aventa-se a
ideia de uma qua-
drupla alliança en-
tre a Inglaterra, a
França, a Hespa-
nha e Portugal,
tornando-se já
esse plano objecto
de vivas contro-
versias na imprensa dos paizes in-
teressados. Hypotheses prematuras.



ASPECTO DA SALA DE SESSÕES DA DUMA, DEPOIS DO DESABAMENTO DO TECTO

Vida na sciencia e na industria



BERTHELOT

Berthelot **O** fundador da chimica moderna, Pierre-Eugène Marcellin Berthelot, falleceu dramaticamente a 18 de março, poucos minutos depois de sua mulher, a quem era profundamente dedicado. Nascera em Paris a 20 de outubro de 1827, e tinha apenas 23 annos quando crystallisou o carbonio, o que lhe deu desde logo fama universal, acrescida pelos seus admiraveis trabalhos em chimica synthetica.

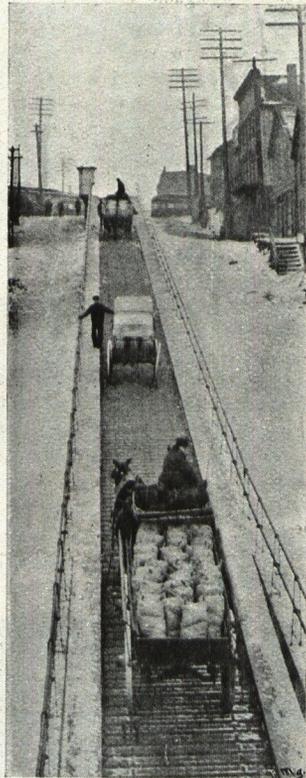
Os restos dos dois esposos repou-

sarão juntos, e gloriosamente, no Pantheon de Paris.

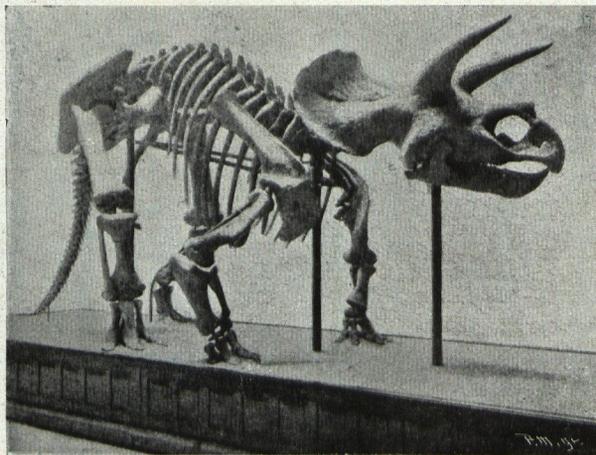
Alem de um grande sabio, foi Berthelot um estadista notavel, exercendo por vezes com muita distincção as funcções de ministro.

Era, morto Pasteur, a maior gloria scientifica da França, e uma das maiores da humanidade.

Um monstro **O**s Estados Unidos antdiluviano offereceram ao Museu de South Kensington o esqueleto de um Dinosauro Triceratops, notavel exemplar de paleontologia pelo tamanho descommunal de cabeça, que excede a de todos os animaes terrestres, quer vivos quer extinctos. Essa caveira tem 2 metros de comprimento, ou seja um terço do comprimento total do bicho. O esqueleto, depois de montado, mede 6m,5 desde o extremo do focinho até á ponta da cauda, e a altura nos rins anda por 2m,7. Como o nome indica, o animal vivo possuía tres chifres, um na testa e dois mais atraz, mas isso eliminou-se na restauração, por não ser possivel determinar as proporções exactas. Outra feição curiosa



LADEIRA ROLANTE



ESQUELETO DO DINOSAURO TRICERATOPS

é o focinho cortante, formado por um osso separado em cada queixada; mas o mais extraordinario é a especie de cabeça osseo, que servia de contrapeso á parte anterior da cabeça.

Os restos d'este monstro extranho foram descobertos nas camadas cretaceas superiores em Wyoming, onde abundam tanto que só um colleccionador encontrou ossos pertencentes a quarenta individuos distinctos. Era este o animal maior do seu tempo. Apesar da sua apparencia formidavel, o Triceratops era herbivoro. O cerebro era extraordinariamente pequeno, sendo, em relação ao volume do corpo, um decimo apenas do do crocodilo.

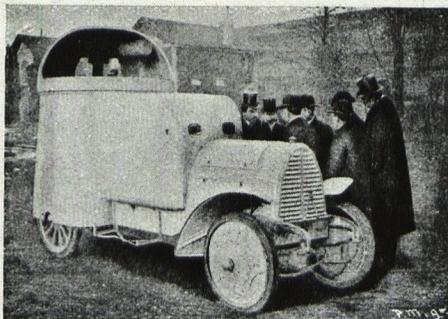
Ladeira rolante **N**as cidades com rampas fortes, é conveniente adoptar a ladeira rolante ou electrica, actualmente em uso em Cleveland (Ohio), que poupa enormemente as cavalgadas. A estrutura é muito simples, e não toma toda a largura da via publica. Consiste o fundamento n'um canal concreto, estendendo-se por toda a subida, com cerca de 2^m,7 de largo e 1^m a 1^m,4 de profundidade, cortado por travessas de aço sobre as quaes gira um cinto ou faixa sem fim. Quando o vehiculo chega á base da rampa colloca-se sobre a ladeira rolante, travando bem as rodas para que não escorregue. O cinto é então movido pela electricidade e dirigido de uma cabine no extremo superior. O cavallo não faz movimentos durante a ascensão. Ao chegar ao topo, o caminho continúa a nivel durante alguns metros. Tira-se o vehiculo, que segue pelo caminho ordinario. A ladeira rolante tem perto de 140 metros de comprimento, e cerca de 22 de elevação. A ascensão dura entre 2 e 4 minutos, conforme o movimento.

Novo automovel de guerra

FAZEM-SE experiencias no ministerio da guerra francez com um novo automovel cujos caracteristicos são os seguintes:

O *châssis* tem 4 metros de comprimento, o motor é de 35 cavallos, a cupula blindada tem 1^m,50 de diametro interior, e no centro uma metralhadora. Entre a cupula e o motor, fica o alojamento do *chauffeur*, igualmente blindado. O assento pode baixar e a haste do volante de direcção diminuir de comprimento, para que o homem fique

abrigado, com duas aberturas para se guiar. Na cupula ficam dois outros homens, um apontador e um servente, estando o primeiro montado n'uma especie de bicycleta e dirigindo os movimentos da cupula. A' roda d'esta, ha uns cacifos onde se podem guardar 14:000 cartuchos. O conductor entra por uma porta lateral, e os artilheiros por outra

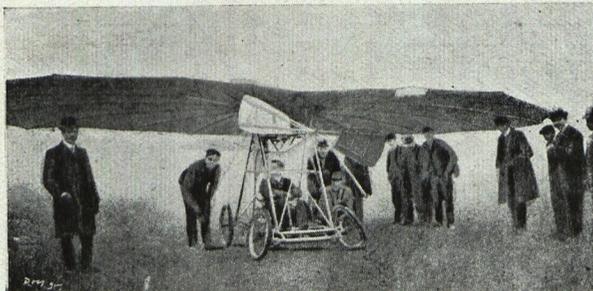


NOVO AUTOMOVEL DE GUERRA

na parte posterior da cupula. A blindagem, de aço chromado, tem 3 millimetros de espessura. Todo o carro pesa 2:300 kilos. Ha uma disposição especial e ainda secreta para as rodas, que lhe permite dar a velocidade de 45 kilometros a nivel, e escalar rampas de 50 por 100, transpando terrenos pedregosos, barrancos, fossos, etc.

Um aeroplano austriaco

No principio de março fizeram-se algumas experiencias felizes com um aeroplano inventado pelo austriaco Trojan Vreia. Havia nevoeiro sobre o campo, em Bagatelle, mas não havia



O AEROPLANO AUSTRIACO VREIA

vento, e em duas das tres tentativas a machina voou a distancias curtas. Na primeira experiencia só as rodas dianteiras se levantaram do chão, na segunda toda a machina se ergueu a uma altura de 6 a 7 metros e voou uns 10 metros; e e na terceira venceu uma distancia de 16 a 17 metros á altura de 1^m,3 pouco mais ou menos. A machina tem a forma de borboleta, e um motor Serpolet alimentado com gaz acido carbonico.

A corrosão das casas

SOFFREM-NA todas as construcções de arcabouço metallico das grandes cidades; mas faz-se sentir sobretudo nos famosos *skyscrapers*, edificios monstros dos Estados-Unidos. Segundo Mr. M. Toch, sabio americano, em todas as grandes cidades existe uma quantidade de electricidade livre, que produz efeitos de electrolyse, que corroem o aço, sendo essa acção mais intensa e rapida quando o metal está proximo de conductores electricos.

Um remedio infallivel

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperanza de se curar! É porque ignoram que o *xarope de hypophosphito de soda* de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se mallogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doenca degenere em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris e encontra-se á venda em todas as pharmacias.

Vida na arte



UM DESENHO DE WATTEAU

Novas descobertas em Pompeia

DESDE a descoberta da casa dos Vettios que Pompeia não oferece thesouros de valor igual aos da casa recentemente desenterrada, denominada dos «Amorinhos de Ouro». Tem um bello peristyle, um *viridarium* ou jardim interior, que foi plantado de novo, soberbos relevos terminaes e frescos. Mas o achado mais importante é certamente o quadro dos Amores lavrado em ouro e esmalte. E' d'elle que a casa toma o seu nome. Reproduzimos dois marcos de bella escultura, onde se veem em relevo mascaracomicas.

Outros ainda se desenterraram de precioso lavor.

Novos roubos de preciosidades artisticas

DESCOBRIU-SE em França que o fallecido M. Albert Thomas, architecto do Grand Palais dos Campos Elyseos, tinha feito uma serie extraordinaria de furtos da bibliotheca das Bellas Artes. Ao mesmo tempo fizeram-se analogas descobertas no gabinete que elle occupava na qualidade de architecto dos Archivos. Crê-se que todas as caixas existentes no gabinete do conselho da Escola de Bellas Artes conteem thesouros de arte de que M. Thomas se apossou. Foi fazendo a sua original colheita enquanto se occupava de investigações professionaes na bibliotheca. Os furtos elevam-se ao valor de meio milhão de francos, e eram feitos em parte para embelezar o seu *château* de Nonan-le Fuzelier, e em parte para pagar as despezas de uma amante luxuosa. Reprodu-



UMA ESTATUA DOS JARDINS DE SALLUSTIO

zimos uma das preciosidades, um desenho raro e encantador de Watteau.



MARCOS DA CASA DOS AMORES DE OURO EM POMPEIA

Nos jardins de Sallustio

QUANDO Alarico devastou Roma, as estatuas do jardim de Sallustio foram escondidas pelo povo. Em 1583, foram trazidas á luz porções do famoso grupo das Nioberides, provavelmente devido a Scopas ou Praxiteles. Ultimamente, encontrou-se outra d'essas estatuas n'uma galeria subterranea a cerca de 11 metros de profundidade. E' a que reproduzimos na gravura junta.

Vem enriquecer o valiosissimo patrimonio artistico da Grecia e alvoroçar archeologos e artistas.